

O MISTÉRIO DE MANORBRIER

His Dark Kiss

Eve Silver



Inglaterra, Século XIX

Localizado no topo de uma colina, o Castelo Manorbrier está envolto em escuridão e rumores: Jamais algum servçal sobreviveu tempo suficiente... Há morte naquele lugar... Além disso, há o sombrio lorde da mansão... um homem fascinante, mas perigoso... Emma Parrish não se assusta facilmente com diz-que-diz-que. Ela conseguiu escapar de um destino terrível para ocupar o cargo de preceptora no Castelo Manorbrier. Ajudar a criar o filho de Anthony Craven é sua última chance de construir uma vida própria, e ela está decidida a não fugir, mesmo quando sente que está sendo observada, quando ouve sussurros estranhos, até mesmo quando se sente irremediavelmente atraída pela beleza sedutora e perigosa de lorde Craven... O mal permeia os corredores sombrios da lúgubre mansão. Todas as noites Emma vê uma luz misteriosa na torre circular, onde ela foi advertida para nunca pôr os pés e para manter distância. Mas certas curiosidades... e desejos... anseiam por ser satisfeitos. E, à medida que Emma se sente cada vez mais atraída por aquele homem misterioso, mais ela se aproxima de uma sinistra verdade...

Digitalização e Revisão: Crysty



Querida leitora,

Para Emma Parrish, o Castelo Manorbrier é um lugar proibido. No entanto ela está determinada assumir o cargo de preceptora do pequeno Nicholas, filho de lorde Craven. Alto, atraente e misterioso, sua voz sedutora provoca arrepios na espinha de Emma. A sensação de estar sendo observada e o som de sussuros a perseguem o tempo inteiro...Será que Emma dará ouvidos à sua mente, ou ao seu coração?

Leonice Pomponio Editora

Copyright © 2006 by Eve Silver

Originalmente publicado em 2006 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY.NY —USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da Editora Nova Cultural Ltda.

TÍTULO ORIGINAL: HIS DARK KISS

EDITORIA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS Patrícia Chaves

Paula Rotta Silvia Moreira

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Gracinda Vasconcelos

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Monica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Thomas Schlück

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Estúdio Editores.com

© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10º andar — CEP 05424-010 — São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley

CAPÍTULO I

Viajar em um dia como aquele era uma tarefa apenas para os confusos ou desesperados.

Exalando um breve suspiro, Emma Parrish recostou-se no assento da velha carruagem. A esperança e a coragem que a fizeram tomar a decisão de deixar Shrewsbury enfraquecia sob o peso do esgotamento e das muitas horas passadas sem nenhuma companhia, a não ser os próprios pensamentos desordenados.

Uma chuva torrencial desabava sobre a carruagem, fazendo com que as rodas altas derrapassem perigosamente no barro da estrada. De repente, um violento solavanco a fez escorregar no banco e bater o ombro de encontro à lateral do veículo. O cheiro de mofo inundava o ar, poluindo a respiração de Emma. Esfregando o ombro dolorido, ela curvou-se para a frente, descansado uma das mãos na estrutura da janela. O contato com a armação sólida a impediu de deslizar pelo assento rachado.

Passado algum tempo, a chuva amainou, reduzindo-se a um chuveiro fraco. Emma espiou a paisagem molhada através da janela, esperando obter um relance da zona rural por onde trafegavam. O céu triste estendia-se até onde a vista alcançava, em um pálido e infinito tom de cinza. Então, uma brecha entre as nuvens permitiu que um único raio de sol do entardecer descesse, penetrando a escuridão para tocar a terra.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Ao longe, tendo como pano de fundo aquele raio solitário de sol, encontrava-se uma construção rústica, um castelo lúgubre sobre uma colina solitária. Escuridão na luz.

Manorbrier. Sua escolha e seu futuro.

Um sussurro de inquietação importunou seus sentidos, fazendo sua pele arrepiar e o coração disparar. O fim da viagem estava próximo, embora qualquer conforto a ser encontrado naquele pensamento viesse carregado de apreensão. Ela fugira da certeza de um destino que se recusava a suportar para a possibilidade de um que poderia vir a ser ainda pior.

E assim viajou em um dia como aquele. Para um lugar como aquele. Para a casa do homem que era...

Emma recuou assustada. Suas reflexões espalharam-se como pingos de chuva ao vento, quando as rodas agitadas da carruagem arremessaram porções de lama, que espirraram contra a janela com um ruído sólido. E então o aguaceiro

recomeçou a cair continuamente no teto da carruagem. O rangido e o balanço marcavam o transcurso de tempo, e a escuridão se aprofundava, anunciando a chegada do crepúsculo.

Os minutos se arrastaram, transformando-se em horas, e as sombras se alongaram na negritude da noite. Por fim, passado mais algum tempo, o veículo oscilou para a frente e para trás até parar. Após alguns instantes, a porta se abriu, permitindo que a umidade e o ar frio adentrassem o interior do vagão escuro. O cocheiro apareceu, erguendo uma lanterna, e a explosão súbita de luz a fez piscar.

— Chegamos. — A face magra do homem era apenas uma silhueta nas sombras. A gola do casaco chegava-lhe à altura do queixo, e a água escorria da extremidade de seu chapéu. — Embora tenha me questionado se é aqui onde de fato deseja ficar, senhorita. Tem certeza de que não quer voltar para Shrewsbury? Acho que este não é um lugar adequado para uma jovem.

Emma contraiu os lábios. Shrewsbury também não, pelo menos não para ela. Suprimindo um tremor, inclinou-se para a frente a fim de perscrutar a escuridão através da porta aberta.

— Chegamos a Manorbrier?

— Não. Este é o ponto de encontro para onde suas tias me pediram que a trouxesse. Há outra carruagem esperando para levá-la ao castelo. Já entreguei sua mala ao condutor. — O rosto do cocheiro se contraiu, apreensivo. — Há histórias terríveis sobre aquele lugar, senhorita. Ouvi isso quando parei para dar água aos cavalos.

Sim. Ela conhecia tais histórias. Desde o dia em que chegara aos degraus da porta das tias, órfã e sozinha, com nada além de uma valise nas mãos, Emma ficara a par das histórias sobre o Castelo Manorbrier e seu senhor. Histórias sinistras de assassinatos. Relatos terríveis, inquietantes. Sua prima Delia morrera lá, grávida. Fora jogada escada abaixo por um homem que jurara amá-la, honrá-la e estimá-la... Lorde Anthony Craven. Marido de Delia. Assassino de Delia. Seu futuro patrão.

O cocheiro tossiu discretamente:

— Ainda posso levá-la de volta ao lugar de onde veio.

De volta à casa das tias, que a viam como um fardo? De volta ao destino que elas haviam cruelmente traçado para ela? Emma estremeceu, pensando no sr. Moulton, com seus dentes quebrados e mãos tateando no escuro. As tias só queriam a carteira recheada do homem.

— Obrigada, mas vou para Manorbrier — disse num tom firme. — Estão me esperando lá.

Ela não tinha nenhum motivo para voltar, pensou. As tias estavam ansiosas para colocá-la naquela carruagem e despachá-la para um destino incerto. E para falar a verdade, ela também estava ansiosa para deixá-las. Nunca mais voltaria. Havia tomado uma decisão e não tinha intenção de voltar atrás.

O vento rodopiou pela porta aberta, fazendo-a estremecer quando o ar gelado penetrou no capote que usava. O cocheiro, com expressão resignada, afastou-se para um lado. Emma forçou um sorriso e voltou a atenção para uma segunda luz que chamejava de encontro ao céu noturno. A lanterna do outro condutor.

Respirando fundo, aconchegou mais o capote ao corpo e saiu para a noite escura. O céu parecia desaprovar sua chegada, vertendo um dilúvio que a deixou encharcada antes mesmo de ter dado três passos.

Tremendo, Emma continuou acelerando em direção à luz da carruagem pouco conhecida e pouco visível agora pela chuva pesada. Seu coração batia enlouquecido. Uma forte rajada de vento atingiu-lhe os cabelos sob o gorro, fazendo-os soltarem-se do coque na nuca. Mechas molhadas se grudaram em seu pescoço.

Afastando os cachos enroscados, olhou para a parede escura de água atrás de si, buscando um relance do cocheiro que a trouxera. Seria um último olhar a uma face familiar e amigável, mas já não havia sinal dele.

Nem do bondoso cocheiro, nem da carruagem de aluguel. Atrás de Emma, havia apenas a escuridão da noite, e à sua frente, uma porta aberta. Uma única luz amarela tremulava ao vento, amarrada por um gancho precário ao lado do cocheiro que a levaria a Manorbrier. Estava de fato sozinha naquele lugar deserto e distante.

Mas isso não era novidade. Emma vivera sozinha por muito tempo, e aquela era a chance de acabar com a solidão e construir uma vida e um lugar para ela, além de fazer a diferença na vida de um menino pequeno e solitário. A criança era a razão pela qual estava fazendo aquela viagem.

Curvando-se sob o peso da tempestade, Emma deu um passo atrás do outro até vencer a distância entre os dois veículos.

— Bobagens e tolices. Bobagens e tolices — disse, entoando as palavras num tom alto para si mesma, um espécie de mantra contra a pontada de desconforto que sentia. Mas a tempestade furiosa as arrebatou dos seus lábios, abafando-as com o ruído da chuva contra o solo.

A medida que ela se aproximava, a carruagem bloqueava o impacto do vento. Resoluta, seguiu as extremidades da porta e se refugiou no calor relativo do interior do veículo. Acomodando-se no assento, percebeu que o cocheiro

contratado não havia desaparecido. Ele a seguira e agora seu físico avantajado preenchia toda a entrada. Emma forçou-se a lhe dar um sorriso tranquilizador, antes de perceber que o homem por certo não podia vê-la mergulhada nas sombras do vagão.

Ele esperou, piscando na escuridão, dando-lhe uma última chance de mudar de idéia.

— Obrigada — sussurrou ela.

Os ombros dele se curvaram. Recuando um passo, o cocheiro inclinou o chapéu e fechou a porta, deixando-a na mais completa escuridão. Com um baque surdo, o novo condutor pôs o veículo em movimento. Emma tentou corrigir a aparência e acalmar os pensamentos ansiosos. Lutando para conter o tremor do corpo, forçou os dedos a obedecerem a seu comando mental. Depois de desamarrar o gorro e colocá-lo sobre o assento, começou a árdua tarefa de desembaraçar os cabelos molhados.

Não havia sinal de sua mala. Ela murmurou uma oração fervorosa para que o cocheiro contratado a tivesse entregado ao condutor da carruagem na qual se encontrava agora. Todos os seus pertences estavam naquela mala. Pequenas lembranças da mãe, que só tinham valor para o coração de uma filha. E seus livros, tesouros cujas páginas, bem folheadas sussurravam-lhe esperanças e sonhos.

À medida que ajeitava os cabelos, a massa desalinhada ia assentando. Dentro de pouco tempo, o coque estava refeito, preso com grampos, na base da nuca. Ela só esperava causar uma boa impressão em sua chegada a Manorbrier. O fato de não ser nenhuma beldade contava a seu favor, já que poucos desejavam contratar uma preceptora que fosse considerada um diamante de primeira água.

Emma tinha a pele lisa e sem manchas, e se orgulhava de seus cachos longos e espessos. Ela herdara os cabelos escuros da mãe, bem como os olhos castanhos e o temperamento. Tinha uma natureza alegre e prática que a fazia enfrentar as adversidades com sucesso, porque preferia ver a vida como um excitante desafio.

Acalmada pelo som da chuva que enfraquecera até um monótono tamborilar no teto da carruagem, Emma relaxou e se reclinou no assento. O interior da carruagem permanecia um casulo, protegendo-a da noite escura.

De repente, um som fraco e quase imperceptível chamou sua atenção. Ela estremeceu. Por certo estava imaginando o ritmo fixo de uma respiração suave. Um ruído macio e constante de inalação e exalação que não era o dela.

O som continuou. O que se tratava de uma leve suspeita transformou-se em certeza absoluta. Ela não estava sozinha na carruagem. Havia mais alguém

dividindo com ela aquele espaço escuro. Oh, o que não daria por uma lanterna, naquele momento! Até mesmo uma única vela serviria.

— Quem está aí?

Sua imaginação de súbito invocou uma besta com olhos vermelhos e brilhantes e uma língua que se projetava de uma boca aberta repleta de dentes afiados e mandíbulas volumosas. Emma piscou na escuridão. Não havia nenhum olho vermelho olhando para ela. Nenhum dente afiado. Nenhum bafo de animal. Na realidade, não havia nem mesmo uma sugestão de som.

Também não houve nenhuma resposta à sua pergunta.

Talvez ela tivesse imaginado aquele som de respiração. Quase riu alto da própria tolice.

Então, um ruído discreto de unhas arranhando despertou-lhe o pior dos medos, fazendo-a perder o controle sobre os pensamentos. Antes de ter a oportunidade de conter as emoções mais uma vez, um feixe minúsculo de luz iluminou um ser enrolado no assento oposto da carruagem. O brilho vinha de um ponto próximo ao rosto da criatura.

Emma reagiu sem pensar e do fundo de sua garganta escapou um pequeno grito de terror que cresceu, transformando-se em um berro ressonante que ricochetou para fora da carruagem, antes de escapar para a noite e o mundo inteiro ouvir.

Ela pausou para tomar fôlego e o silêncio breve encheu-se com o tom de uma voz masculina.

— Santo Deus, mulher! O que você tem nessa sua cabeça? Meus ouvidos estão zunindo com seu grito!

O medo de Emma se reduziu com uma velocidade espantosa, sendo substituído por uma suspeita de que o homem à sua frente seria seu novo patrão. E ela havia gritado no ouvido dele. *Oh, Deus...*

Pressionando a mão sobre o peito, esforçou-se para acalmar as batidas aceleradas do coração.

A pequena chama que ardia no interior da carruagem continuou revelando as superfícies e sulcos do que ela percebia agora tratar-se do rosto de um homem, e logo abaixo a mão que segurava o que sobrara de um fósforo. O fogo correu ao longo do palito, queimando os dedos que o seguravam. Emma soube que tinham sido chamuscados porque ouviu um assobio um pouco antes de o fósforo se apagar abruptamente, deixando-a só com o homem e a escuridão.

— O senhor me assustou — arriscou ela no silêncio. — Se eu tivesse conhecimento de sua presença desde o início, não teria gritado tão... tão alto.

Ele não respondeu de imediato, mas quando o fez, a voz ecoou no interior da carruagem, grave e macia.

— Evite elevar a voz com meu filho.

Aquilo trouxe a Emma a confirmação da identidade do homem. Estava em companhia de lorde Anthony Craven e havia se comportado de modo ridículo. Não era um começo muito promissor.

Sem saber o que responder, continuou em silêncio; parte de si achava que ele lhe devia um pedido de desculpas por tê-la assustado daquela maneira.

— Não há necessidade de se encolher na extremidade do assento como uma pequena carriça. — A voz soou num tom mais divertido do que bravo.

Os olhos de Emma se alargaram. O homem devia ter a visão de um gato para conseguir enxergá-la naquela escuridão. Os olhos de um gato e os modos de um babuíno.

Ele emitiu um som baixo com a garganta.

— Acha que eu a estava espreitando de propósito na escuridão, esperando uma oportunidade de assustá-la?

Emma havia pensado exatamente isso, mas ouvir a pergunta feita tão abruptamente fez a idéia soar absurda.

— Não, claro que não — mentiu.

O silêncio se prolongou e então lorde Craven explicou:

— Eu adormeci. Quando acordei, não fazia a menor idéia de que a senhorita desconhecia a minha presença na carruagem. E então a ouvi gritar.

— Entendo.

Bem, agora ela sabia que seu patrão não tinha por hábito espreitar e assustar as jovens que empregava.

— Onde está a dama de companhia que pedi?

Dama de companhia? Por um momento ela se sentiu estranhamente tocada pelo fato de ele ter tido aquele tipo de consideração. Embora a idéia fosse ridícula. Tia Cecilia jamais gastaria dinheiro para contratar uma dama de companhia. Consideraria um desperdício, levando em conta que Emma já carregava a mácula devido às circunstâncias do seu nascimento. Na realidade, se pudesse, Cecilia a teria vendido de bom grado para...

— Ah, deixe-me adivinhar... Sua tia Cecilia achou que meu dinheiro seria mais bem empregado em outra coisa, e sua tia Hortense devia estar sob o efeito de uma boa dose de conhaque, misturado ao chá, é claro, e por isso não teve forças para interceder a seu favor. Não que fosse se incomodar com isso se

estivesse sóbria. Teria simplesmente tomado mais chá e murmurado: "E isso mesmo, é isso mesmo".

O tom dele era afiado, mas havia uma nota sutil de humor.

Emma conteve uma risadinha assustada ao ouvir o monólogo irreverente do lorde. Uma pequena parte do medo que sentia se acalmou pela descrição sarcástica e precisa sobre suas tias. Após um breve silêncio, Anthony Craven comentou:

— A chuva parou.

Emma prestou atenção. De fato, o ruído dos pingos batendo no teto da carruagem havia cessado.

— Sim.

— Chuva maldita.

Algo na voz do lorde tocou-a por dentro, fazendo-a imaginar por que ele repugnava a chuva daquela maneira. Em seguida perguntou-se por que estava se preocupando com aquilo. Foi salva de ter de elaborar uma resposta pelo rápido solavanco da carruagem, que anunciou o término da viagem e o começo de sua nova vida.

Um sussurro macio denunciou o movimento de lorde Craven no assento oposto. Emma percebeu sua proximidade. Tensa, ofegou e enrijeceu ao contato morno dos dedos másculos que lhe tocaram o queixo, a face e o lábio inferior num movimento suave.

— Então você veio, apesar da tempestade e dos rumores, sozinha, para um lugar tão longe de casa.

Emma percebeu algo no tom dele, admiração ou talvez surpresa.

— Não tenho casa — sussurrou e então desejou não ter dito aquelas palavras tão reveladoras.

Anthony Craven estava tão próximo que ela podia sentir o toque morno da respiração dele de encontro à sua face e um perfume masculino e sutil de sândalo. Atraída pelo adorável aroma, inspirou ligeiramente, e depois mais fundo.

— Dei minha palavra que viria — revelou no silêncio. Sua palavra era o seu mais valioso tesouro.

Emma sentiu o corpo do lorde tensionar.

— Menina corajosa — disse ele num tom suave. A voz não exibía nenhum tom de humor agora e parecia conter um elogio e uma advertência ao mesmo tempo.

Corajosa? Em face de que perigo? Abriu a boca querendo questioná-lo, mas antes que pudesse formular os pensamentos, Anthony Craven moveu-se no assento e abriu a porta.

A silhueta alta e poderosa encheu sua visão, enquanto ele deixava a carruagem e caminhava em direção à casa. Sentindo-se estranhamente vazia pela partida abrupta do lorde, Emma espiou através da porta aberta, vendo-o se afastar. O vento levava a tempestade para longe, deixando para trás o céu noturno enlustrado e o cheiro de terra limpa e molhada.

Anthony galgou os largos degraus de pedra. Chegando ao topo, parou e se virou ligeiramente, deixando o perfil delineado de encontro à luz que provinha das lamparinas que flanqueavam a porta da frente aberta. Emma teve a impressão que seus cabelos eram escuros, pelo menos pareciam à distância. Tinha o queixo forte e o nariz reto e perfeito. O resto não dava para ver, mas a impressão geral era de um homem alto e perigosamente bonito.

Pouco disposta a deixar de fitá-lo, apoiou-se um pouco mais para a frente. Anthony inclinou a cabeça, parecendo falar com alguém. Então, com um relance rápido na direção dela, ele se virou e desapareceu no interior da casa.

De repente um som chamou a atenção de Emma. Ela olhou para a esquerda e se deparou com um estranho de pé próximo à carruagem. A luz que chamejava tão brilhante junto à entrada da casa reduziu-se a um brilho tímido, sombreando o rosto do homem. Sulcos profundos, cicatrizes terríveis e rugas ao longo de suas faces e queixo, eram marcas permanentes que o rotulavam como um afortunado.

Afortunado porque havia sobrevivido. A varíola matava ou deixava cicatrizes naqueles cujas vidas eram poupadas. Ela o encarou, desejando saber quantos parentes queridos ele havia enterrado enquanto permanecia vivo para pranteá-los. Lágrimas queimaram no fundo de seus olhos quando pensou na própria mãe, vítima da mesma pestilência terrível, morta muitos anos antes, mas nunca esquecida.

— Então este é Manorbrier? — perguntou, com uma alegria forçada. Não tinha dúvida sobre o local onde se encontrava, mas queria iniciar uma conversa e dispersar o humor melancólico.

— Sim, senhorita — respondeu o condutor, com expressão vazia.

— E seu nome é?

O homem a encarou por um longo momento.

— Griggs.

Emma exalou um suspiro de alívio. Durante um segundo temeu que ele não fosse responder, virando-se e desaparecendo como seu amo enigmático.

— E um prazer conhecê-lo, sr. Griggs.

— Senhor, não. Apenas Griggs. E você é Emma Parrish. Agora que já nos apresentamos, deixe-me levá-la à sra. Bolifer.

Enquanto o cocheiro a ajudava a descer da carruagem, Emma virou-se lentamente, perscrutando os arredores. O castelo parecia uma sombra enorme e escura contra o fundo vasto do céu da noite. Dois grandes lampiões flanqueavam a porta da frente, e a luz se derramava sobre os degraus e parte do caminho de pedra. Perplexa, encarou a fachada da casa por um momento. Havia algo estranho naquelas janelas. Não havia luz em nenhuma delas. Aliás, o único foco de luz no local provinha dos lampiões na entrada.

Perplexa com a estranheza do lugar, virou-se e examinou o longo passeio de pedra; este atravessava um enorme portão que se encontrava em meio aos muros em ruínas que cercavam o pátio. Como um diamante escondido em um amontoado de pedra, a casa mais nova se aninhava dentro da concha degradada do castelo original.

Ao sul erigia-se a silhueta de uma torre circular que parecia ser tão velha quanto os muros. Inclinação ligeiramente para a direita, dava a impressão que poderia cair a qualquer momento. Isso tudo foi visto graças à luz do luar, que dava ao cenário um aspecto tímido e sombrio. Emma disse a si mesma que seria diferente quando visse o lugar no dia seguinte, à claridade do sol.

De repente, no alto da torre ela viu um brilho muito rápido, que quase se extinguiu antes que ela o percebesse.

— Oh! Viu aquilo, Griggs? Lá, no alto da torre?

— Não, senhorita. Não vi nada.

— Um *flash* de luz. Brilhou agora mesmo.

O homem pegou a bagagem com um grunhido. Ignorando o comentário, começou a caminhar em direção à porta da frente do solar. Emma ergueu a bainha da saia ainda úmida e o seguiu, relanceando um olhar à torre por sobre o ombro.

— O que traz aqui? Pedras? — perguntou Griggs.

— Não, livros — respondeu ela, olhando mais uma vez para a torre. — Mas eu vi uma luz. Um *flash* luminoso... Parecia uma chama, um pouco maior do que a de um fósforo. Brilhou por um segundo e depois sumiu...

Griggs parou tão de repente que Emma se chocou com ele. Virou-se de frente lentamente e seus olhos se estreitaram.

— Se eu fosse uma preceptora que viesse trabalhar em Manorbrier... — disse ele, medindo cada palavra — ...não prestaria muita atenção à torre circular. Nem sequer olharia para lá.

Recuando um passo, Emma o encarou, com expressão aborrecida. Fora arrancada da casa em que vivera pelos últimos cinco anos. Apesar da atitude malévola das tias, ainda conseguia sentir prazer em alguns aspectos de sua vida como hóspede na casa delas. Adorava a cozinheira, a arrumadeira Annie, as flores no jardim e os momentos de liberdade roubados quando as tias dormiam à tarde. Qualquer pequeno senso de segurança que havia desfrutado se esvaíra naquela longa e chuvosa viagem rumo a um castelo longe de qualquer coisa conhecida e familiar. A advertência de Griggs fora a gota d'água.

Empertigou-se, alcançando apenas o ombro do homem, e inclinou a cabeça para encará-lo. Sua intenção era estabelecer algumas regras educadas, mas firmes, para a relação futura dos dois, regras que incluíam uma ausência de ameaças ocultas e advertências.

— Há morte na torre circular, senhorita. Morte. Fique longe daquela torre.
— Griggs olhou para ela com intensidade, como se quisesse fazê-la entender sua advertência.

Emma estremeceu ao perceber o que ele quis dizer. Griggs tinha medo da torre e queria que ela tivesse também.

— O quê?

Ignorando a pergunta assustada, o homem suspendeu a mala mais uma vez e se virou.

Uma sombra surgiu na entrada iluminada. Emma ergueu o olhar para ver uma mulher que bloqueava a passagem. A senhora tinha cabelos grisalhos, vastos e encrespados, com longas mechas que haviam se soltado do coque que ela fizera na tentativa de melhorar a aparência. Os olhos cinzentos eram rasos e pareciam frios, uma impressão sustentada pelo fato de as sobrancelhas espessas formarem uma carranca e os cantos da boca curvos para baixo uma expressão de menosprezo.

— Pela entrada dos criados, por favor. — A mulher permaneceu firme enquanto Griggs se aproximava.

— A mala está pesada, sra. Bolifer. — Ele trocou a mala de mão.

Emma engoliu e deu um passo à frente, mais do que disposta a entrar por qualquer porta que gerasse menos controvérsia, mas, para sua surpresa, a mulher se afastou para o lado, deixando o cocheiro passar.

— Pode levar a mala dela para o quarto azul no andar superior.

O cocheiro parou, olhando para a mulher com a boca aberta como se desejasse dizer algo.

— O quarto azul — repetiu ela num tom firme. — Até sabermos de que tipo ela é.

Com um aceno, Griggs se virou e subiu os degraus da larga escadaria no final do hall de entrada, deixando Emma do lado de fora da casa, proibida de segui-lo pela barreira representada pelo corpo robusto da sra. Bolifer. Desnorteada pela estranha mudança, espreitou além da mulher, relanceando um olhar rápido às lajotas de mármore pretas e brancas do piso geométrico e à mesa de centro de pau-rosa polido que ostentava um arranjo de rosas vermelhas.

Voltando a atenção mais uma vez à sra. Bolifer, que lhe barrava a entrada, hesitou. Ficou tentada a se curvar em uma mesura, mas como a nova preceptora de Manorbrier, achou a atitude imprópria. Então sorriu e estendeu a mão.

— Sou Emma Parrish. Prazer em conhecê-la, senhora.

— Não estamos em uma festa, srta. Parrish — respondeu a criada, ignorando a mão que Emma lhe estendia.

O olhar frio esquadrinhou-a da cabeça aos pés e então a mulher se virou e caminhou até os degraus, a saia do vestido preto flutuando com o movimento. A sra. Bolifer abaixou-a com a mão direita.

Emma então reparou na imobilidade do braço esquerdo da mulher, e notou que a manga esquerda do vestido esvaziava um pouco abaixo do ombro. A mulher fazia movimentos sutis para disfarçar a manga vazia, rodando o ombro para segurar o que lhe restara do braço.

— Venha — disse, sem olhar para trás, e Emma a seguiu.

A sra. Bolifer carregava uma única vela para iluminar o caminho, enquanto ambas escalavam os degraus e caminhavam ao longo de um corredor escuro. Todos os quartos pelos quais passaram estavam escuros e silenciosos. A criada subiu um segundo lance de escada e um terceiro. Então, alcançaram um quarto no final de um corredor. O ar tinha um odor envelhecido, carregado de pó e desuso.

Com os olhos fixados na vela que fora deixada no quarto, a sra. Bolifer parou abruptamente do lado de fora da porta aberta. Emma não tinha certeza, mas imaginou que a expressão da empregada era de medo.

— O quarto azul — entoou a mulher num tom inflexível, afastando-se para o lado.

Emma espreitou além da sra. Bolifer e viu que Griggs havia deixado a mala dela no chão ao lado da cama de ferro estreita. De um dos lados da cama havia uma mesa pequena e nela uma única vela acesa que lançava sombras bruxuleantes nas paredes e no chão. Em um dos cantos havia um armário e a única outra mobília existente era uma cadeira decorada com uma bonita almofada azul e branca, ao

lado da lareira, onde uma chama alegre crepitava, proporcionando um confortável calor.

Emma sorriu. Griggs devia ter acendido o fogo para ela. Talvez tivesse feito um amigo em sua nova casa.

Virando-se em direção à criada que esperava em silêncio com sua postura brava e inflexível, Emma falou para disfarçar o embaraço quando seu estômago roncou ruidosamente:

— Obrigada por me acompanhar até meu quarto, sra. Bolifer. A mulher a encarou e após um momento disparou:

— Usará velas de sebo aqui em seu quarto, e de cera quando andar pela casa. O lorde não gosta do cheiro de sebo.

— Está bem — murmurou ela, contraindo os lábios quando o estômago roncou novamente.

— Não lhe trarei uma bandeja com comida — disse a criada num tom brusco.

Emma abriu a boca para protestar, dizendo que não tinha essa intenção, mas a sra. Bolifer sacudiu a cabeça e a fitou em silêncio.

— Mas pedirei à cozinheira que lhe prepare algo na cozinha. Desça a escada à esquerda e depois desça mais um lance, caminhe ao longo do corredor, então desça a escada dos fundos à direita e depois vire na primeira entrada à esquerda. E de agora em diante passe a utilizar a escada dos fundos e a entrada dos criados, a menos que esteja acompanhada pelo jovem amo. Com uma última carranca, a criada se virou. — Agora, trate de se secar.

Santo Deus, seria um milagre se achasse a cozinha, pensou Emma, sabendo que a mulher não tinha nenhuma intenção de repetir as instruções.

Parada na entrada do quarto, observou a luz da vela da sra. Bolifer se afastar na escuridão. Na metade do corredor a chama dançante parou e Emma apenas podia discernir o formato escuro das vestes da mulher.

— Nunca deixe uma vela acesa sozinha — preveniu ela, num tom de voz lúgubre que ecoou pelo corredor vazio.

Logo as sombras engoliram a sra. Bolifer, enquanto ela continuava a caminhar, até que a pequena e distante vela parecia flutuar pelo ar. Então a luz desapareceu, deixando-a só para ponderar o pouco que presenciara daquela casa desconhecida. Seus pensamentos giravam confusos e inquietos. Que lugar estranho e sinistro!

Griggs, o cocheiro cheio de cicatrizes, fitava-a com os olhos cheios de medo, sussurrando advertências vagas; a sra. Bolifer, a criada mal-encarada, a

fitava com um olhar cauteloso; e ainda havia lorde Craven, com sua capa preta e beleza perigosa que ela vira esboçadas de encontro à luz. Ainda podia sentir o toque daqueles dedos mornos em sua pele fria... O som grave da voz masculina...

Emma respirou fundo, desejando saber por que pensar em seu novo e enigmático patrão a perturbava tanto.

Menina corajosa.

CAPÍTULO II

Depois de se secar e trocar de roupa, Emma deixou o minúsculo quarto escuro, levando a vela acesa para se guiar pelo caminho. Enquanto caminhava, notou que as portas dos outros quartos naquele andar estavam fechadas e não havia vestígios de luz. Curiosa, parou e girou suavemente uma maçaneta. Fechada. Assim como as outras que tentou.

Intrigada, Emma ponderou aquela estranha circunstância, desejando saber que segredos se escondiam por trás daquelas portas fechadas. Mais uma vez, seu estômago roncou e ela deixou a exploração em prol de uma viagem veloz até a cozinha.

Com três voltas erradas e um único momento de pânico, conseguiu seguir as direções da criada, encontrando os degraus que conduziam a um estreito corredor que levava a uma cozinha confortável e bem iluminada.

A sra. Bolifer encontrava-se sentada a uma mesa de madeira longa, com um bule de chá e três xícaras à sua frente. Uma segunda mesa longa, mais alta que a primeira, ocupava toda a parede da cozinha. Atrás dela, de pé, encontrava-se uma mulher com um vestido marrom desbotado. Era alta e magra como uma vara de junco.

O penteado austero acentuava-lhe as maçãs do rosto angulosas. Os olhos castanhos pareciam exaustos e linhas profundas sustentavam-lhe os cantos da boca. Emma suspeitou que a pobre criatura devia ter passado por muitas experiências na vida, e nem todas haviam sido boas.

— Olá, sou Emma Parrish.

Para sua surpresa, a face austera da mulher se iluminou com uma expressão de boas-vindas.

— Pode me chamar de Cookie — disse, num tom alto e jovial, o que contrastava com sua aparência rígida. Contornando a mesa, apressou-se em cumprimentá-la com entusiasmo.

Emma lançou um olhar sub-reptício à cozinheira. Nenhuma cicatriz visível. Parecia estar de posse de todos os membros. Depois de conhecer Griggs e a sra. Bolifer, esperava encontrar alguém com uma perna amputada. Mas Cookie parecia sã e amável, com exceção da expressão em seu olhar, que indicava cicatrizes em algum lugar no fundo da alma.

Retribuindo o sorriso, Emma deixou a cozinheira guiá-la até um assento oposto ao da sra. Bolifer. Cookie pôs um prato de pão, queijo e carne fria sobre a mesa.

— Como foi a viagem, querida? Bem longa, creio. E o tempo, todo sozinha com um cocheiro contratado.

Cookie parecia bastante capaz de manter um monólogo, para sorte de Emma, que enchera a boca de pão e queijo.

— Santo Deus! O vento esta noite estava horrível, e o dilúvio que caiu me fez lembrar de Noé e sua arca — continuou a mulher. — Ano passado choveu durante três semanas sem parar. A estrada virou um rio de lama. Um rio, estou lhe dizendo.

Enquanto a cozinheira falava, Emma mastigava e a sra. Bolifer contemplava uma xícara de chá.

— Que noite terrível, que vento, que chuva! E lorde Craven... Pobre homem. Um dia e uma noite inteira na aldeia, sem descanso.

O coração de Emma acelerou ao ouvir o nome do lorde e ela esperou que Cookie continuasse a falar. Respirando fundo, a cozinheira sacudiu a cabeça.

— Pelo menos desta vez não voltou encharcado de sangue.

Emma quase se sufocou quando uma porção de comida entrou junto com ar, obstruindo-lhe a garganta. Enquanto tossia no guardanapo, Cookie dava-lhe palmadinhas nas costas.

— O chá está frio agora, querida. Tome um gole. Boa menina.

Sangue? Será que entendera direito? Tinha certeza de que ouvira Cookie dizer "sangue". Seu olhar deslizou pela cozinheira e depois pela sra. Bolifer, que continuava contemplando a xícara de, chá como se a delicada porcelana contivesse as respostas para os mistérios do mundo.

— E suspeito que não lhe deram nada de comer — continuou Cookie. — Levei-lhe uma bandeja. Deixei na porta. Jamais entro na torre.

— A bandeja estará na porta amanhã de manhã. — A sra. Bolifer acenou com a cabeça. — Ele não come nada quando está assim. Você sabe tão bem quanto eu.

Quando está assim, como? Emma engoliu a comida, olhando de uma mulher para a outra. Estava confusa e curiosa sobre o novo patrão, sedenta por qualquer informação que suas companheiras pudessem compartilhar, e achou aquela fascinação estranha e preocupante.

— Julguei ter visto um *flash* de luz na torre — disse. Dois pares de olhos se viraram para encará-la.

— Fique longe de lá — aconselhou Cookie num tom sombrio: *Por quê?* A pergunta pairou na mente de Emma, mas não foi verbalizada, e as duas mulheres voltaram a atenção para suas chávenas. Emma apertou os lábios, contrafeita e confusa pela mensagem clara de que a torre circular não devia ser visitada, nem mesmo discutida.

— Contem-me sobre o menino — pediu. O pouco que sabia sobre a criança continha a cor biliosa do veneno de tia Cecília.

A cozinheira arqueou uma sobrancelha.

— Ele tem seis anos. Isso já deve dizer o suficiente.

— Quero muito fazer uma diferença na vida dele — sussurrou Emma.

Estreitando os olhos, Cookie perguntou:

— Que tipo de diferença?

— Será que é pretensão de minha parte imaginar que posso oferecer a Nicholas, uma criança que não conheço, amor e conforto e, ao mesmo tempo, quem sabe, que sobrem algumas das mesmas emoções para mim? — Emma mordeu o lábio inferior e imediatamente desejou não ter revelado tais pensamentos em voz alta.

— É por isso que veio para cá? A procura de amor e conforto? — A pergunta de Cookie a pegou de surpresa.

— Não vim à procura de nada. Só vim com a esperança de poder amar uma criança do mesmo modo como fui amada.

Na manhã do dia seguinte, Emma observou pálidos feixes de luz infiltrando-se pelas cortinas da janela e esparramando-se sobre o piso de madeira. Fazia algumas horas que o fogo se extinguiu, deixando o quarto frio. Mas uma lareira apagada não era nenhuma novidade. Suas tias não viam necessidade de desperdiçar carvão com ela, e seu minúsculo quarto no sótão da

casa era horripelantemente frio no inverno e terrivelmente quente no verão. Em comparação, seu quarto atual era um luxo.

Levando a mão à boca, abafou um bocejo largo. Atormentada pelas palavras de Cookie até tarde da noite, seus pensamentos antes de adormecer tinham estado repletos de terríveis visões sobre lorde Craven recoberto de sangue e uma preceptora sem rosto, assassinada aos pés dele e que de repente se transformara em Delia, desfalecida ao pé da escada.

Com um gesto decidido, livrou-se da colcha e ergueu-se da cama. Tremendo, caminhou até o jarro de água limpa que Cookie lhe enviara na noite anterior. Distribuindo pó dentifrício cuidadosamente sobre a escova, reconheceu que se sentia um pouco tola por deixar a imaginação e o esgotamento da longa viagem dominar seus pensamentos.

Após se vestir e prender os cabelos em um coque asseado, seguiu o mesmo caminho que a levava à cozinha na noite anterior, porém fez uma volta errada e quando parou, incerta de que direção tomar, sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Girou nos calcanhares e seu olhar vagueou, esquadrihando as sombras escuras.

Um pressentimento estranho fez seu sangue correr apressado nas veias. Alguém a estava observando. Podia sentir a ameaça e a intenção maliciosa no ar. Contendo o desejo de fugir daquele canto deserto da casa e traspasar aqueles corredores pouco conhecidos a esmo, virou-se em um círculo lento, com todos os sentidos apurados. Uma corrida louca só serviria para se perder ainda mais.

Piscou várias vezes na escuridão, virando-se devagar. Ali estava. Agora podia ouvir. O som áspero de uma respiração que se misturava com os batimentos selvagens e angustiados de seu próprio coração.

As instruções da sra. Bolifer soavam em sua mente: à esquerda, depois desça mais um lance, caminhe ao longo do corredor, então desça a escada dos fundos à direita... Decidida, Emma se virou, afastando-se do que a espreitava nas sombras carregadas de pó, para longe do sussurro maligno que pairava naquela casa. Seguindo com cuidado, tentou repetir o trajeto que fizera na noite anterior. Seu pulso reduziu a uma velocidade mais regular, à medida que se afastava e não ouvia mais passos em seu encalço ou sugestão de alguém a perseguindo.

Precisava convencer-se de que imaginara tudo aquilo, mas tinha certeza de que pelo menos por um curto período de tempo não estivera sozinha. Uma angústia sinistra a invadiu enquanto desejava saber quem a estaria observando e por quê.

Quando se aproximou da cozinha, hesitou, insegura se deveria expressar suas preocupações aos outros. Não tinha provas. Na verdade não havia nada para contar.

— Nick, você vai tomar o café da manhã com seu pai e a nova preceptora. Ponha esse bolinho no lugar. — A voz da criada era suave, mas firme.

Emma ficou espantada quando entrou na cozinha. A sra. Bolifer estava sorrindo, bem como Cookie.

Ambas olhavam para um menininho, que bateu o pé no chão antes de pôr na travessa o bolinho que segurava. A criança parecia ter se vestido com as roupas de um maltrapilho. A calça tinha um enorme rombo no joelho, as meias eram de cores diferentes, e os cabelos escuros estavam espetados em um topete desleixado no alto da cabeça.

— E talvez seja melhor darmos um jeito nesse cabelo. Vai conhecer sua nova preceptora no café da manhã.

— Espero que papai a faça ir embora, como fez com as outras.

Cookie trocou um olhar preocupado com a criada antes de caminhar até o menino e se ajoelhar na frente dele.

— Oh, não, Nick — disse, abraçando-o. — A srta. Parrish é uma moça muito simpática e boazinha.

— Não sei... — respondeu o menino, a voz amortecida pelo ombro de Cookie. — Ainda não a conheço. Mas se ela for como a srta. Strubb, ou a srta. Rust, ou a... — o garoto estremeceu e hesitou brevemente antes de dizer o nome da outra mulher — ...sra. Winter, então acho que não vou gostar nem um pouco de conhecê-la. E se for como a sra. Winter, é bom que vá embora e não volte nunca mais. Papai poderia despachá-la em uma caixa de pinho, como fez com a sra. Winter.

Em uma caixa de pinho? Emma estacou, congelada, digerindo as implicações de tudo que escutara. Só havia um tipo de caixa de pinho a que o menino poderia estar se referindo.

Um calafrio perpassou-lhe a espinha. Parecia que a sra. Winter havia deixado Manorbrier em um caixão e, segundo as palavras da própria criança, fora lorde Craven quem a colocara lá.

Enquanto Emma se debatia com aquele pensamento, o menino ergueu o olhar e a pegou espiando não intencionalmente.

Os olhos azuis de Nicholas se alargaram e a cor desapareceu de sua face, enquanto ele se precipitava mais profundamente no abraço de Cookie.

— Bom dia — disse Emma num tom jovial. Cruzando o caminho, ajoelhou-se na frente dele, de modo que suas faces ficaram frente a frente.

— Estou feliz em conhecê-lo, Nicholas.

Os olhos do menino se arregalaram ainda mais. Com um olhar rápido à criada, Emma continuou:

— Ouvi a sra. Bolifer chamá-lo de Nick. Acho que me permitirá a mesma familiaridade. E você me chamará de srta. Emma. "Senhorita Parrish" soa muito formal.

Nicholas contraiu os lábios e os grandes olhos redondos a estudaram com um ar suspeito. Mas aceitou a mão que ela lhe ofereceu, num gesto cavalheiresco, confirmando que lhe haviam ensinado boas maneiras.

Emma ergueu-se e depressa ajeitou a frente da saia antes de virar as costas para seu jovem pupilo.

— Bem, Nick — disse com um sorriso. — Terei de lhe pedir que me acompanhe até a sala do café da manhã. Não tenho a mínima idéia de onde fica e estou certa que não queremos fazer seu pai esperar.

Emma respirou fundo. O pensamento de ver lorde Craven naquela manhã lhe trouxe um sentimento estranho, meio apreensão, meio antecipação e nervosismo.

— Um cavalheiro escolta uma dama assim. — Posicionando o braço de Nick, ela pôs a mão suavemente no lugar.

O menino hesitou e focalizou a mão feminina sobre seu braço. Então, fitou Cookie com um ar desesperado. A cozinheira sorriu e acenou com a cabeça, encorajando-o.

Ao entrar na sala de café da manhã, Emma parou. Havia três lugares à mesa e o aroma proveniente das iguarias nos pratos de prata pairava no ar.

Nick contornou a mesa e sentou-se no assento próximo à janela. Seus movimentos eram tão estabados que ela temeu que ele pudesse deslocar a toalha de mesa, derrubando toda a porcelana e o cristal.

— Bom dia, Nicholas — soou uma voz grave atrás dela. Assustada, girou tão depressa que quase perdeu o equilíbrio.

A figura alta e bem constituída de lorde Craven se encontrava à entrada da porta. Com alguns passos, ele cobriu a distância que os separava e a segurou pelo cotovelo, firmando-a.

— Bom dia, srta. Parrish. Suponho que tenha se recuperado da fadiga da viagem.

— Bom dia, milorde.

O coração dela deu um pulso dentro do peito ao contemplar lorde Anthony Craven pela primeira vez à luz do dia. *Ele é jovem*, pensou atônita, não um velhote tirano, mas um homem de seus trinta anos, forte e viril. Era alto e bem constituído. O físico era valorizado pelo corte bem talhado do casaco. Os cabelos escuros e longos lhe emolduravam os traços marcantes da face.

Santo Deus! Era mais que atraente. Era a perfeição em forma de homem! Emma umedeceu os lábios, aturdida pela estonteante beleza masculina e pela sua inexplicável e estranha reação ao lorde. A curva sensual dos lábios generosos de Anthony se esticou, fazendo-a prender o fôlego e esperando que ele a brindasse com um sorriso.

— Oh, obrigada. Sim, estou totalmente recuperada. — Sentia-se ofegante, com o sangue latejando nas veias.

O sorriso que antecipou não veio, deixando-a estranhamente desapontada. Anthony a encarou com um olhar atento, como se lhe adivinhasse os pensamentos, então deslizou os olhos, examinando-a de uma maneira indecente.

O pulso de Emma acelerou quando ele voltou a atenção mais uma vez a seu rosto.

— Então a senhorita dormiu bem? Não se assustou com os barulhos da noite?

Os ombros dela enrijeceram àquela referência oblíqua ao terror que ela demonstrara na carruagem no dia anterior.

— Não me assusto com os barulhos da noite, milorde.

— Verdade? Não é propensa a imaginar coisas, srta. Parrish?

Emma não teve resposta para aquela pergunta porque o lorde já presenciara seu comportamento ridículo, dando asas à imaginação. Mordendo ligeiramente o lábio inferior, ergueu o olhar para se deparar com o patrão encarando-a com ar insolente. Respirou fundo. Lorde Craven não a estava olhando do modo como um cavalheiro devia olhar para uma dama.

E isso a agradou. Apreciava o modo como ele a observava, aquecendo-a, tocando-a, fazendo seu corpo formigar de um modo estranho e pecaminoso. A constatação a chocou, deixando-lhe os sentimentos confusos e desorientados.

— ...e eu a acompanhei até a sala de café da manhã e aqui estamos nós — dizia Nick.

Emma ouviu a voz do menino como se soasse bem longe.

— Foi muito útil, querido. — Ela se virou, encorajando-o com um sorriso, grata pela distração.

O garotinho pulou para cima e para baixo no assento, enquanto o pai contornava a mesa e se inclinava para depositar-lhe um beijo na testa. Emma disfarçou sua surpresa pela exibição de afeto paternal. De alguma maneira, imaginara que o lorde seria um pai desinteressado, isso na melhor das hipóteses.

Anthony Craven ofereceu-lhe uma cadeira em frente à do filho. Sentindo-se desajeitada enquanto se sentava, ela olhou para cima para se deparar com aqueles olhos inconstantes, que brilhavam como duas pedras preciosas, observando-a. A expressão revelava muito pouco.

E o sangue de Emma continuava a bater espesso e forte nas veias. Oh, por que aquele homem fazia sua pulsação acelerar como nunca acontecera antes e seus nervos formigarem daquele modo? Era uma completa tola em permitir que seus pensamentos vagassem nessa direção. Após um momento, o lorde puxou a própria cadeira e se sentou, contemplando-a com os olhos semicerrados. Seu olhar insistente a deixava confusa, e Emma desejou saber se ele também sentia a inexplicável atração que pulsava entre ambos.

Naquele instante, ele voltou a atenção para Griggs, que entrava na sala com outro prato. Emma refletiu sobre a peculiaridade daquela casa, que utilizava um cocheiro como lacaios, e só Deus sabia que outras funções ele desempenharia.

Erguendo-se, cada um se serviu das comidas oferecidas, com Anthony ajudando o filho a encher o prato.

Uma vez sentados, Nick tagarelou com o pai e enviou a Emma vários relances incertos, como se esperando alguma reprimenda. Ela sorriu para o menino, mas se absteve de participar da conversa. Ainda lutando com sua inexplicável reação física ao lorde, sentia-se incapaz diante do desafio de uma conversa cortês. Além disso, queria aproveitar a oportunidade simplesmente para observar a criança e conhecê-la melhor. Tinha uma forte suspeita de que se dariam bem, se aquela experiência matutina servisse de indicação. Se estivesse sozinha, teria rido alto da lembrança de Nick escoltando-a até a sala.

O menino recheou um bolinho de aveia com geléia de morango e o enfiou inteiro na boca, em seguida pegou uma das pontas da camisa e a esfregou com vigor nos lábios. Então parou e se virou, encarando Emma, assustado ao se dar conta de que não conseguia fechar a boca. Consternada ao perceber o medo da pobre criança, ela ergueu o guardanapo do colo e o passou delicadamente nos lábios. Em seguida fixou o olhar no guardanapo dobrado ao lado do prato de Nick, olhando alternadamente para ele e para o guardanapo. As sobrancelhas do menino se ergueram enquanto as mãozinhas pequenas agarravam o guardanapo e o esfregavam na boca, vigorosamente.

Nesse instante, Emma percebeu que lorde Craven a observava, num estudo aberto que a deixou com a pele formigando. Então ele acenou com a cabeça uma

vez, uma ação que ela interpretou como uma aprovação silenciosa ao seu modo de lidar com o menino.

Mais uma vez Emma sentiu aquela estranha sensação de ter as expectativas viradas de cabeça para baixo. Imaginara que todas as preceptoras anteriores tivessem fugido da influência maligna de lorde Craven. Ainda atordoada pela conversa que escutara na cozinha e pela demonstração de preocupação evidente do pai para com o filho, sentia-se mais confusa que nunca. Era provável que o lorde tivesse apenas despedido todas aquelas mulheres do emprego. Mal acabara de formular aquele pensamento, quando as palavras que Nick dissera na cozinha lhe vieram à mente: *Despachá-la em uma caixa de pinho, como fez com a sra. Winter...*

Antes que tivesse chance de ponderar um pouco mais sobre aquela tétrica possibilidade, Griggs voltou à sala e se inclinou para sussurrar algo no ouvido do patrão. Fosse o que fosse que Griggs lhe dissera, pareceu afetar profundamente o humor do lorde. Ele não deu nenhuma explicação. Apenas colocou o guardanapo de lado e se ergueu.

— Com licença, srta. Parrish.

O olhar penetrante a manteve cativa por alguns instantes, antes de Anthony começar a caminhar pela sala, parando apenas para arrepiar o cabelo do filho.

A saída de lorde Craven devolveu-lhe o apetite e ela esvaziou o prato com precisão refinada enquanto discutia o tópico favorito de Nick: cavalos. Por várias vezes percebeu que o menino imitava-lhe os movimentos ao manusear os talheres.

— Bem, Nick — ela colocou a faca e o garfo junto ao prato e sorriu quando o menino fez o mesmo. — Começaremos suas lições esta manhã. — A expressão da criança assumiu um ar cauteloso. Emma se ergueu e caminhou até a janela. O sol espreitava atrás de uma nuvem, lançando sua claridade sobre a expansão de gramado bem cuidada. — Poderia me pôr a par de suas tarefas habituais?

— Tarefas habituais? — repetiu Nick.

— Sim. As coisas que costuma fazer normalmente. Gostaria de praticar nossas letras e números antes do almoço. Mas o dia está tão bonito que talvez pudéssemos estender uma manta e fazer nossas lições ao ar livre. Você tem uma lousa?

— Ao ar livre, senhorita? — Ele sacudiu veementemente a cabeça de um lado para o outro. — A srta. Rust só me deixava sair para um passeio à tarde, depois que as lições terminassem. E a sra. Winter nunca me deixou sair.

— Não? Nem mesmo para brincar?

Nick se precipitou contra o espaldar da cadeira.

— A sra. Winter dizia que brincar era coisa do mal. Às vezes, me deixava sozinho no quarto e me dizia para ajoelhar e recitar minhas orações. Então ia embora e ficava fora durante um bom tempo. — O menino relanceou o olhar para Emma e sua voz se transformou num sussurro. — Se eu soubesse que ela demoraria tanto, teria ido para os estábulos ver os cavalos. Mas uma vez ela me pegou e açoitou minhas pernas até sangrarem. Então papai a despachou em um caixão fechado com pregos.

Emma estremeceu ao ouvir a história horripilante, embora uma onda de raiva lhe percorresse o corpo. Se estivesse ali também teria se sentido tentada a despachar a sra. Winter em uma *caixa de pinho*.

— Oh, Nick — sussurrou, ajoelhando-se em frente à cadeira do menino. Sentia-se emocionada por ele ter lhe confiado aquela história. Então, lentamente o alcançou e pôs a mão em sua cabeça. — Eu não uso varas. Minha mãe também era preceptora. Ela sempre foi muito gentil e me ensinou que se você se esforçar e fizer seus deveres, tem todo o direito de brincar. Isso mantém sua vida equilibrada. Brincar não é do mal, querido. É um modo de uma criança se preparar para o futuro.

— Sua mãe era preceptora? E seu pai?

A pergunta inesperada a pegou de surpresa, reabrindo uma velha ferida. Um nobre, pensou ela. Um grosseirão. Um homem que prometeu o mundo a uma jovem e a deixou grávida sem ao menos um adeus.

— Meu pai morreu há muito tempo.

Emma não mentira. O pai havia morrido em um desastre de carruagem.

— Oh. Igual à minha mãe. — O menino olhou para a janela e suspirou. — Agora só tenho o papai. Gostaria que ele passasse mais tempo comigo.

Erguendo-se, Emma se virou, e seu coração se alvoroçou quando ela viu lorde Craven cruzando o longo passeio. O sol lançava reflexos nos cabelos escuros, enquanto ele marchava vigorosamente em direção a Griggs, que o aguardava à sombra da torre.

Há morte na torre circular, senhorita. Morte. Fique longe daquela torre. Parecia que o cocheiro não dava ouvidos ao próprio conselho, já que se encontrava a poucos centímetros do local que considerava tão tenebroso.

— Nick — disse Emma, sentindo um calafrio perpassar-lhe a espinha. — Sabe o que existe na torre no final do caminho?

— Sim, senhorita.

Algo no tom de voz da criança a fez virar-se.

— Você pode me contar?

O menino a encarou com os olhos arregalados e uma expressão cautelosa. Por certo Griggs não era o único a temer a torre circular.

— Não, senhorita — disse Nick quase num sussurro. — E não pode me obrigar a falar.

O coração de Emma acelerou ao perceber o medo estampado nos olhos do garotinho.

— Venha, mostre-me seu quarto — disse ela num tom jovial, dirigindo-se à porta. Então, estendeu a mão, esperando enquanto Nick entrelaçava os dedinhos ao redor dos dela. — Vamos procurar as coisas que precisamos e faremos nossas lições ao ar livre.

Momentos depois, os dois se acomodaram sobre a grama, após terem pegado uma manta com uma criada mal-humorada no andar superior, que curvou-se em uma mesura e sumiu, antes que Emma pudesse perguntar seu nome.

As horas passaram voando, e a manhã se foi em um piscar de olhos. Nick era uma criança brilhante e doce, absorvia tudo que ela lhe ensinava e se mostrava ávido por aprender mais. Emma sentiu-se feliz por ele parecer gostar de aprender e mais uma vez desejou saber sobre as experiências do menino com as preceptoras anteriores. Com o poder de recuperação da infância, ele depressa deixara para trás a reticência inicial e agora desfrutava de sua companhia com óbvio afeto.

Emma também achou que esquecera um pouco de sua apreensão inicial naquela manhã.

Uma brisa suave soprou, trazendo o perfume sutil das rosas do jardim. Até mesmo a grama era macia e convidativa.

Com as lições concluídas, ambos se deitaram sobre a manta para contemplar o céu azul.

— Uma ovelha. Aquela é uma ovelha, senhorita. — Nick apontou em direção a uma nuvem fofa. Emma achou que parecia um coelho, mas não contestou o menino.

— Aquela parece uma carruagem com quatro cavalos na frente — disse ela.

— E aquela parece uma raposa — a voz grave de lorde Craven se uniu à brincadeira.

— Não o ouvi se aproximar, milorde — disse ela, pressionando uma das mãos sobre o peito quando seus olhares se encontraram. Os olhos de Anthony eram de um verde profundo, rico e luminoso, contornados por espessos cílios pretos. Os olhos mais atordoantes que ela já vira.

Irritada por tais pensamentos pessoais e impróprios, recobrou-se e se ergueu de joelhos desajeitadamente. Lorde Craven disse-lhe para permanecer onde estava.

— Papai! — chamou Nick. Os olhinhos ansiosos esquadrihavam o céu. — Aquela nuvem lá com uma cauda enorme? O senhor acha que parece uma raposa?

— Sim. — Anthony sorriu para o filho. Não estava usando casaco e a amplitude de seus ombros delineava-se sob o tecido branco da camisa.

De repente, ele virou a cabeça e a pegou encarando-o. O coração de Emma quase parou de bater e ela baixou o olhar com um rubor de embaraço nas faces.

Santo Deus, o que estava havendo de errado com ela para pensar sobre coisas inadequadas, gaguejar e se ruborizar a cada vez que aquele homem se aproximava? Tinha ciência do que acontecia entre um homem e uma mulher, embora nunca tivesse vivenciado tais experiências. Mas não era mais uma colegial. Contudo, nunca sentira aquela fascinação antes. Havia algo inquietante, algo perigoso em relação a Anthony Craven.

— Uma raposa, papai? — Nick se moveu na manta, virando a cabeça de modo a procurar a forma na nuvem. — Tem certeza? Aquela lá? Para mim parece um sapo grande e gordo.

Emma riu, e quando olhou para cima, Anthony ainda a contemplava.

A linha rígida dos lábios másculos se curvou em um sorriso, enquanto ele se abaixava para arrepiar o cabelo do filho. Emma desejou poder vê-lo sorrindo de verdade, ouvi-lo rir sem restrição.

— Você é que é um sapinho, Nicholas.

— Fique conosco, papai — suplicou o menino com os olhos brilhando.

Emma assistiu à demonstração de afeto entre pai e filho e sentiu uma vez mais que suas percepções iam de encontro àquela cena. Nick era uma criança que amava o pai e se sentia seguro com ele.

Então, como explicar a sra. Winter e seus terríveis castigos? Teria lorde Craven fechado os olhos para tal tratamento em consideração às outras qualidades da mulher? Não podia imaginá-lo perdoando alguém que chicoteava seu filho.

— Não hoje, Nick. Tenho um negócio importante a resolver. Mas amanhã o levarei ao hipódromo.

Dizendo isso, voltou o olhar para Emma e ela teve a súbita impressão de que ele não tropeçara neles por acaso. Estava observando-a trabalhar.

— Por favor — disse lorde Craven, gesticulando para a manta — Não tive a intenção de interromper uma lição tão confortável.

As palavras do patrão poderiam ter sido interpretadas como uma censura, mas algo naqueles olhos verdes a fez pensar que o lorde aprovava seus métodos.

— Srta. Parrish. — Anthony inclinou a cabeça em uma medida.

— Lorde Craven — respondeu ela, ainda ajoelhada na grama na frente dele.

Ele se virou e partiu. Os músculos do corpo viril moviam-se com perfeição. Com o coração disparado dentro do peito, Emma enfrentou a verdade perturbadora e desconcertante.

Ficou aliviada ao vê-lo partir. Mas uma parte de si desejava que ele tivesse ficado.

CAPÍTULO III

— Acho que merecemos sorvete como recompensa, Nick — sussurrou Emma num tom conspirador no ouvido de Nicholas, enquanto estavam sentados no quarto do menino, alguns dias mais tarde.

— Oh, senhorita! Sorvete? De verdade? — Nicholas pulou para cima e para baixo no assento.

— Não é todos os dias que um menino consegue escrever todo o ditado sem um único erro.

— Então, acho que mereço! Mas Cookie não vai gostar. Ela diz que dá muito trabalho e a aborrece, só faz sorvete em ocasiões muito especiais.

— Então nós mesmos faremos. — Emma sorriu ao se recordar das vezes em que ela e a mãe faziam sorvete.

Nicholas parou de pular e a encarou por um longo momento.

— Papai diz para eu não chegar perto do depósito de gelo.

— Por que não?

— A srta. Rust caiu da escada lá. Ninguém a encontrou por horas e horas.

— Que azar o da srta. Rust! — exclamou Emma com o cenho franzido.

— Sim. Foi muito azar. — O menino tamborilou os dedos na escrivaninha e então falou sem encará-la. — Mas não para mim. Fiquei contente de ela ter ido embora.

Os pensamentos de Emma se dispersaram e um calafrio percorreu-lhe a espinha. Desejou saber como se perguntava a uma criança se havia algo nocivo em sua casa.

— Nick, há algo que queira me contar sobre a srta. Rust?

— Ela disse que alguém a empurrou.

— Oh-h-h! E quem a empurrou? — perguntou Emma, chocada.

Nicholas fez uma carranca obstinada e sacudiu a cabeça rapidamente de um lado para o outro.

— Eu disse ao papai que não estava perto do depósito de gelo naquele dia. Não fui eu, juro. E ela não se machucou muito. Não naquele dia.

A angústia da criança mexeu com as emoções de Emma. Era óbvio que o assunto sobre a srta. Rust era muito triste e Nick preferia evitá-lo. E, céus, por que sua negação era tão veemente, tão desesperada? Um calafrio arrepiou-lhe os pêlos da nuca.

— Nick, se a srta. Rust não se machucou nesse dia, quando foi que ela se machucou?

— Ela não se machucou, na verdade.

Emma teve menos de um segundo para desfrutar o sentimento de alívio que a invadiu, antes das próximas palavras de Nicholas:

— Ela não estava machucada. Só estava morta.

— Morta, Nick? Tem certeza?

— Tenho. Igual à sra. Winter, que papai despachou em uma caixa de pinho. — O garotinho franziu a testa. — Mas não sei o que ele fez com a srta. Rust. Talvez ela ainda esteja na torre.

— Nick! Não pode dizer... que é... você deve estar enganado, meu bem. A srta. Rust partiu... — Emma proferiu a última oração num tom firme. — Tenho certeza de que ela foi para casa após sua demissão.

— Eu vi Griggs arrastá-la para a torre. Mas se acha que ela foi para casa... — Encolhendo os ombros, Nick sorriu, parecendo satisfeito com a solução.

— Podemos ir agora?

Emma olhou pela janela com os ombros tensos. A srta. Rust não podia estar escondida na torre, deteriorando-se há meses. Por certo o cheiro denunciaria sua

presença... Oh, céus. Não havia cheiro nenhum. Não havia nenhuma srta. Rust cadavérica. Era tudo fantasia de um menino de seis anos. O que, em nome de Deus, estava pensando? Que Anthony Craven não apenas assassinara a esposa grávida, mas um sem-número de preceptoras? Ou talvez que Griggs tivesse cometido todos aqueles crimes? A sra. Bolifer? Cookie?

Emma estendeu a mão e o menino a segurou sem hesitar. Juntos, caminharam até a cozinha, onde pegaram a maior panela que encontraram.

— O que vocês dois estão fazendo? — perguntou Cookie momentos mais tarde, fitando-os com as mãos plantadas nos quadris.

— Vamos fazer sorvetel! — A excitação de Nick era extrema.

— E mesmo? — As sobancelhas da cozinheira se ergueram. — Não esqueçam de bater o gelo muito bem e acrescentar uma pitada de sal antes de colocá-lo na sorveteira.

— Aqui, Nick. Você pega deste lado — gesticulou Emma para a alça da panela. — E eu deste. Vamos para o depósito de gelo.

O menino estacou, os dedos pequenos se encrespavam sobre a extremidade da panela, e os olhinhos arregalados a encararam com uma expressão indecisa.

— Sabe que não posso entrar lá, senhorita. Meu pai não deixa.

— Claro. Você pode esperar na porta e então me ajudar a trazer o gelo para cá.

Nicholas pareceu satisfeito com a sugestão e juntos deixaram a cozinha. O depósito de gelo ficava no fim de um caminho ladeado por várias árvores frondosas nos fundos da propriedade.

Já haviam transposto uma boa parte do trajeto, quando Nick parou e pousou o seu lado da panela.

— Papai! — gritou, correndo pelo gramado em direção ao pai.

O coração de Emma acelerou ao observar Anthony se aproximar com seus passos largos e ligeiros.

— Boa tarde, milorde — disse com uma tranquilidade que estava longe de sentir.

— Srta. Parrish — ele retribuiu com voz sedutora, baixa e rouca.

Emma fitou aqueles olhos verdes e tropeçou para trás como se conseguisse ler a intensidade dos pensamentos de Anthony, o desejo contido que se igualava ao dela.

Respirando fundo, desviou o olhar e se focalizou na criança que corria agora ao longo da cerca viva, perseguindo uma borboleta.

— Nick e eu estávamos indo ao depósito de gelo. Vamos fazer sorvete.

Anthony olhou na direção do pequeno prédio e quando voltou a fitá-la, havia a sugestão de uma carranca no semblante bonito.

— O depósito de gelo — repetiu ele num tom suave. Recordando a declaração do menino de que o pai o proibira de entrar lá, Emma apressou-se em explicar:

— Nick ficará esperando por mim na porta, enquanto entro para pegar o gelo. Ele me disse que o senhor não o quer lá dentro.

Anthony assentiu lentamente com a cabeça.

— Pensei em levá-lo aos estábulos.

Ouvindo aquele último comentário, Nick se aproximou e parecia indeciso entre os adultos. Adorava passar algum tempo ao lado do pai, mas a promessa de sorvete balançava a mente da criança. Emma sorriu.

— Ele não pode fazer as duas coisas, milorde? Ir visitar os estábulos enquanto vou buscar o gelo e quando voltar, me ajudar no preparo do sorvete?

— Posso, papai?

Curvando-se, Anthony tomou o filho nos braços e o girou até ele gritar de alegria. Emma assistiu com o coração apertado dentro do peito. A cena era doce, afetuosa, e o sorriso do lorde deveras atraente. Esperara tanto tempo para ver aquele sorriso e não se sentiu desapontada. Dentes brancos contrastando com a pele morena.

Oh, como gostaria de ser presenteada com aquele sorriso! Como gostaria de sentir aqueles lábios bonitos e esculpidos pressionando os seus! O pensamento a aterrorizava e fascinava ao mesmo tempo.

Desejos tolos. Menina tola.

Resoluta, retrocedeu a atenção a Nick.

— Se eu for rápida, indo buscar e trazer o gelo, então você poderá fazer o trabalho mais difícil.

— O que é? — perguntou Nick, com os olhos sérios como os do pai.

— Terá de misturar os ingredientes. Então raspar o creme dos lados a cada dez minutos.

— Eu consigo fazer isso!

— Eu sei que sim, Nick, mas vai fazer?

— Vou! Vou! Vou! — ele garantiu, acompanhando cada exclamação com um aceno de cabeça.

— Muito bem. Eu o verei dentro em pouco.

Com um sorriso que lhe iluminou a face, o menino girou e correu para os estábulos. De repente, parou, virou-se e fitou o pai, que permanecia parado ao lado de Emma.

— Venha, papai!

Os cantos da boca de Anthony se contraíram, sugerindo um sorriso.

— Preciso falar um instante com a srta. Parrish.

Nick olhou para Emma com uma expressão confusa e encolheu os ombros, escapando para os estábulos.

— Parece que meu filho prefere a companhia de cavalos à de pessoas.

— E o senhor, milorde? Prefere a companhia das pessoas? Ele inclinou a cabeça para um lado, num gesto que o fez parecer mais jovial.

— Em comparação à de cavalos?

Em comparação à de preceptoras mortas cujos corpos oculta em sua torre sombria. Com um calafrio ela afastou o pensamento. Santo Deus, estava de fato perdendo o juízo.

— Não sei. — Emma tomou fôlego. — Estou indo para o depósito de gelo. Prometi a Nick que faria sorvete e pretendo cumprir a promessa.

— Como quiser. Mas tenha cuidado nas escadas — acrescentou num tom mais rígido. — Uma queda poderia ser fatal, srta. Parrish.

Emma mal havia começado a se mover, mas as palavras dele a fizeram erguer a cabeça.

— Foi uma queda fatal para a srta. Rust? — perguntou notando uma tensão quase imperceptível no físico musculoso de, lorde Craven.

— Ela se machucou.

— E depois que ela se curou das contusões? — pressionou Emma, reconhecendo a insensatez de suas perguntas e o perigo de ficar horrorizada pelas respostas, que poderiam revelar mais do que desejava saber. Ainda assim, não conseguiu se controlar.

— Depois que se curou das contusões? — As sobrancelhas de Anthony se ergueram e o tom de sua voz assumiu um timbre sardônico. — Bem, depois que ela se curou, senhorita Parrish, ficou sã.

— Está caçoando de mim.

— Não — respondeu ele, aproximando-se lentamente. Quando a alcançou, ergueu um cacho de cabelo solto no ombro dela. A respiração de Emma acelerou e

seu coração bateu descompassado. — Estou apenas refreando sua curiosidade — continuou. — Mas é óbvio que não descansará até desenterrar os resíduos sórdidos, então ei-los aqui. Antes que a srta. Rust pudesse se recuperar da queda, ela morreu.

A declaração brusca abalou Emma, porque tinha esperança de que Nick estivesse enganado.

— Morreu!? — repetiu estarrecida, lutando contra o choque evocado pelas palavras do lorde e a emoção que sentia pela proximidade e o toque daquele homem. Sabia a verdade sobre o destino cruel da srta. Rust, mas esperara ouvir uma resposta diferente. Esposa morta. Preceptora morta. Talvez mais de uma. Como chamar tais fatos de mera coincidência? Disposta a obter mais respostas, continuou:

— E a sra. Winter?

— Morreu também. — O tom da voz do lorde era inflexível.

— E devo admitir que gostei mais dela depois de morta. Emma o encarou horrorizada.

— Não pode estar falando a verdade!

— Mas estou.

Os olhos verdes exibiam um brilho frio, não deixando nenhuma esperança de que ele pudesse querer dizer algo diferente do que dissera. Onde estava sua bondade agora?

De repente, Emma se recordou da afirmação de Nick de que a sra. Winter o açoitara com uma vara. Lorde Craven saberia sobre o incidente? Isso poderia ser a razão por trás daquela afirmação impiedosa?

Ele continuava bem próximo. A voz era baixa e rouca, acariciando-a e horrorizando-a com seu poder de sedução. Não deveria se sentir daquele modo, pensou.

— Por favor, atenda a minha sugestão de tomar cuidado na escada do depósito, srta. Parrish. Eu não gostaria que lhe acontecesse uma tragédia.

— Posso lhe garantir que eu gostaria menos ainda, milorde.

— Estavam tão próximos, separados apenas pela largura da panela que ela ainda segurava apertada de encontro ao peito.

O olhar de Emma recaiu sobre a abundância sensual daquela boca máscula. Um dos lados se curvou num meio sorriso, e um estranho desejo a acometeu, deixando todos os seus sentidos em alerta, aquecendo-a e fazendo seu sangue correr mais rápido. Então lhe ocorreu o terrível, atraente e maravilhoso

pensamento de que gostaria de beijá-lo, inclinar-se para a frente e tocar os lábios dele com os seus, provar seu calor proibido.

Erguendo os olhos, percebeu que ele tinha os olhos fixos em seu rosto.

Calor. Intensidade. Concentração estudada. A mão de Anthony deslizou lentamente do cacho de cabelo, fazendo-a prender a respiração ao sentir aqueles dedos ásperos correndo ao longo da pele de seu pescoço até tocar-lhe a curva da clavícula. Com um suspiro, ela se afastou, e o movimento quebrou o instante de magia.

Anthony a estudou por um momento com as pupilas dilatadas. Santo Deus, será que ele podia ler todos os seus pensamentos?, perguntou-se Emma. Mortificada, prendeu o fôlego, perdida em uma tempestade de confusão e pesar.

— Tenha cuidado na escada, srta. Parrish. — Dizendo isso, o lorde se virou e partiu.

Com as emoções tumultuadas, ela permaneceu imóvel, congelada, aliviada e ao mesmo tempo desapontada por ele ter partido. Então, Anthony parou e se virou de frente para ela mais uma vez.

— Griggs mencionou que a senhorita trouxe uma mal cheia de livros. Por acaso, aprecia os trabalhos da sra. Radcliffe?

— Sim, milorde.

— Ah, então gosta de histórias de terror sobre castelos assombrados... e, é claro, se bem me recordo, lordes vilões.

— Ooooh!

Emma prendeu a respiração. Lorde Craven estava insinuando que ela estava imaginando o terrível destino da srta. Rust, entretanto ele próprio lhe confirmara todas as suspeitas. Podia sentir a censura clara no seu tom de voz, podia ver isso em seus olhos.

— A srta. Rust está morta. O senhor mesmo admitiu. E sra. Winter, também. O senhor nega a veracidade dessas declarações? — perguntou em tom de desafio.

— Não nego nada.

— O senhor fala por enigmas. Gosto de histórias de terror, mas não tenho nenhum desejo de viver uma.

— Acha que existe algo maligno aqui, srta. Parrish! Suspeita que exista um monstro espreitando dentro destas paredes de pedra?

— Não sei — respondeu ela num tom infeliz, assombrada pelo transcurso intempestivo daqueles que viveram naquele lugar. Delia e o filho que esperava. A sra. Winter. A srta. Rust. Eram muitas mortes para ser um mero acaso.

— Então, por que não vai embora? Por que não foge deste lugar para a segurança de outro?

Emma suspirou, tentando manter os pensamentos sob controle.

— Considero-me uma pessoa inteligente, gozando de perfeito juízo, milorde. Não tenho provas de que exista algo de maligno aqui. Parece-me ridículo fugir baseada apenas em suposições. — Então proferiu em voz alta a razão mais convincente de todas, a que era irrefutável em sua simplicidade. — Além do mais, vim para cuidar de Nick. Não posso nem pensar em deixá-lo, não posso falhar com meu compromisso.

Lorde Craven a encarou.

— Então, dá valor à sua palavra — disse ele num tom suave.

— Valorizo a honra.

O silêncio se prolongou como uma sombra de inverno, escuro e profundo. De alguma maneira, Emma achou que sua resposta o agradou e o desconcertou ao mesmo tempo. Quando não conseguiu mais suportar, disse:

— O senhor acha que eu deveria partir, milorde? Fugir por causa de um indistinto sentimento de desconforto? Deixar Nick de quem gosto tanto? — Ela sacudiu a cabeça e então continuou. — Sou feita de um material resistente. Não o deixarei assim tão fácil.

Anthony continuou a considerá-la.

— Fico muito feliz de ouvir isso.

Emma engoliu em seco. Céus, o modo como ele a fitava, o olhar ardente e faminto. Sentiu-se atordoada. Desejando algo que nunca poderia ter. Algo perigoso.

Erguendo o queixo, ela o encarou.

— Creio que seu filho o espera nos estábulos, milorde. As sobrancelhas espessas se arquearam em surpresa.

— Está me dispensando, srta. Parrish?

Apertando a panela desajeitadamente contra o peito, Emma deparou-se com o olhar surpreso de Anthony. Que olhos! Verdes com nuances douradas. Encantadores.

— Acho que sim, milorde. — As palavras saíram ofegantes.

— Como queira — respondeu ele, e Emma teve a impressão de ouvi-lo rir.

Momentos depois, ela abriu a porta exterior do depósito de gelo que conduzia a um vestíbulo pequeno e então a uma segunda porta interna para melhor manter a refrigeração no interior. Com as mãos ocupadas pela panela vazia, deu três passos adiante antes de abri-la com o ombro. O interior do depósito não era grande, o ar era úmido e frio, e na escuridão podia discernir apenas uma grossa corda pendurada sobre uma cova aberta e escura.

Inclinando a cabeça, Emma piscou na câmara escura e examinou a roldana que se encontrava presa sobre uma viga. O sistema se assemelhava aos mecanismos simples de um balde e uma corda para tirar água de um poço. Pousando a panela no chão, ponderou sobre o problema da saia, que lhe dificultaria a descida no abismo que se assomava diante dela. Então, puxou as pontas do tecido, comprimiu-as no cós e começou sua escalada pela longa e estreita escada que conduzia aos blocos de gelo armazenados no fundo da cova.

Pegar o gelo foi uma tarefa simples, que ela executou como uma criança. A cratera era bastante escura, com apenas um feixe de luz que provinha de cima. Emma sentiu-se um pouco apreensiva. Depressa, encheu o balde de nacos que picou de um dos blocos, e utilizou a roldana para enviá-lo para cima. Segurando a saia mais uma vez, escalou a escada e derramou o fruto de seu trabalho na panela. Então, repetiu o processo mais duas vezes, até que os pedaços grossos de gelo enchessem o recipiente.

Depois de suspender a panela, caminhou em direção à porta interna. O frio do depósito de gelo esfriara o seu corpo consideravelmente. Daria as boas-vindas ao calor do sol da tarde.

Naquele instante, ao se aproximar da porta interna, ouviu o som estranho de algo raspando que a fez trincar os dentes como se tivesse mordido um pedaço de gelo. Agachando-se meio desajeitada, colocou a carga no chão e pôs a mão na maçaneta.

A porta de madeira pesada não se moveu. Exalando um suspiro exasperado, colocou ambas as mãos ao redor da maçaneta e girou com mais força. Nada.

E, então, a risada começou. Fria e cruel. Um som tímido que parecia flutuar ao seu redor. Emma fez uma nova tentativa de abrir a porta.

A risada fluiu, vibrando dentro dos confins da pequena edificação.

— *Emmaa...* — Uma voz fantasmagórica ecoou no ar. — *Emmaa...*

Girando em pânico, ela perscrutou nas sombras, com a respiração ofegante e a pulsação acelerada. Havia um cheiro Vagamente familiar. Limão, pensou. Vasculhando a escuridão, tentou ver quem compartilhava o pequeno espaço com ela, porque alguém estava ali, alguém com más intenções.

— *Corra, Emmaa...*

Correr? Para onde? Diretamente para a cova? Emma pensou na srta. Rust morta. Com vigor renovado, tentou mais uma vez abrir a porta, sacudindo a maçaneta com força. De repente, o som de um estalido afiado quebrou o silêncio, e a porta se abriu tão de repente que a fez tropeçar e cair para trás. A grande cratera aberta como um estômago escuro encontrava-se a centímetros dela. Erguendo-se depressa, com o coração batendo alucinado dentro do peito e o sentimento de que havia se machucado, segurou a alça da panela e a arrastou para fora.

— Bobagens e tolices — sussurrou em voz alta — Bobagens e tolices.

Alguém pretendia assustá-la. Ou pior. Bem, não seria uma presa tão fácil.

— Apareça! — desafiou, piscando nas sombras. — Quem está aí? Identifique-se!

O baque frenético do próprio pulso foi sua única resposta.

O medo se fundiu à raiva, mas Emma manteve ambos sob rígido controle. Não havia nenhuma fechadura. Nenhum trinco. O que mantivera a porta fechada tão firmemente? E por quê?

Correndo os dedos ao redor das extremidades, ofegou quando uma lasca afiada de madeira perfurou sua carne. Uma gota de sangue, grande e vermelha, pingou da ferida quando ela conseguiu puxar a farpa da unha. Não se intimidando, continuou sua exploração.

O episódio deixou-a vulnerável, mas estava certa de que o perpetrador pretendia fazer mais. A constatação era horripilante e a fez lembrar do destino terrível das preceptoras anteriores. A srta. Rust teria ouvido os mesmos sons sinistros? O medo teria ocasionado sua queda da escada?

Em meio a um turbilhão de pensamentos, abriu a porta exterior e fincou a vara de madeira no chão para segurá-la entreaberta. Um sexto sentido a fez olhar para a cerca viva. Através da folhagem, percebeu um par de calças amarelas e botas de couro sujas de barro. Porém, o mato era muito denso, não lhe permitindo ver mais do que isso.

Gelou num misto de raiva e medo. Deixando a alça da panela, endireitou-se, deu um passo adiante e outro, enchendo o peito de ar. Uma onda de terror percorria-lhe o sangue. Alguém a espreitava nas sombras.

Tremendo, começou o árduo caminho de volta ao calor da cozinha de Manorbrier. Arrastou a panela fria que transbordava com pedaços grossos de gelo, determinada a terminar a tarefa que impusera a si mesma.

Então, tremeu quando uma lembrança, um tanto nebulosa, clareou até assolar-lhe a mente com extrema nitidez. Naquela manhã, quando encontrara lorde Craven, ele estava usando calças amarelas e botas de couro.

Cookie não estava na cozinha nem no jardim. Emma estava só, sem uma colega ou uma confidente, com uma grande tigela de porcelana em frente ao quadril, batendo as claras de oito ovos.

Tentava despejar suas aflições na ação, liberando a raiva, o medo, a confusão, todas as emoções turbulentas provenientes de sua apavorante experiência no depósito de gelo.

Alguém tivera a intenção de assustá-la de propósito, talvez até mesmo fazê-la cair na cova de gelo. Não, não talvez. Com certeza.

Sua mão congelou sobre as claras em neve que se salientavam em picos firmes e ligeiramente enrolados. Alguém em Manorbrier lhe desejava mal. Ou talvez quisesse que ela partisse. Fosse o que fosse, a pessoa em questão aprenderia depressa que ela era feita de um material resistente.

De repente, a porta da cozinha foi arremessada contra a parede de pedra. A violência da pancada repercutiu alto pela cozinha. A sensibilidade de Emma chegou ao limite e com o coração batendo aos pulos contra as costelas, virou-se tão depressa que quase destruiu a tigela de ovos.

Nick rompeu pelo recinto e cheirou o ar ao lado da panela de leite morno e fécula.

— Está pronto? Posso provar?

Pousando a tigela sobre a mesa, Emma engoliu em seco. De canto de olho, notou a presença do pai do menino, que descansava um dos braços no batente da porta, o físico avantajado preenchendo todo o espaço aberto. Com o coração descompassado, ela se dirigiu a Nick, esperando que a expressão de seu rosto não refletisse seu tumulto interior.

— Não, Nick. Ainda temos um pouco mais de trabalho.

Erguendo a cabeça, Emma se deparou com o olhar especulativo do lorde. De imediato, sentiu um rubor aquecer-lhe as faces. Então se virou, ocupando-se com as medidas de açúcar. Precisava de apenas um breve momento para acalmar a pulsação acelerada. A cadência forte de seu coração aumentava a excitação e o prazer que sentia de estar na companhia daquele homem deslumbrante.

Apesar de seu comportamento estranho. Apesar do que acontecera há pouco no depósito de gelo. Apesar de todo o medo e suspeita justificada. Era uma moça tola; a simples presença de Anthony Craven lhe trazia alegria e deleitava-lhe o espírito.

— Despeje um pouco de açúcar de cada vez, Nick. — Ela deu uma colher de madeira ao menino. — Mexa, então acrescenta um pouco mais.

— Você fala engraçado — disse a criança, pegando a colher. Então riu. — Firme e cheio de ar, como as claras de ovos.

Emma não teceu comentários, apenas lhe passou o açúcar que havia medido e o observou seguir suas instruções.

— Srta. Parrish, está se sentindo bem? — perguntou lorde Craven atrás dela. — Está tão corada.

Ela gelou. A tensão tomou conta de seus ombros e pescoço ao sentir o roçar do braço másculo no seu. Lorde Craven se moveu para encará-la e tocou-a na testa com as costas da mão, deixando-a deslizar até alcançar-lhe a curva delicada da face. Ele a estava tocando. Mãos fortes e quentes de encontro à sua pele e estava tão próximo que podia sentir seu calor.

Tomando fôlego, Emma lutou contra o desejo de esfregar o rosto naqueles dedos fortes.

— Estou bem, milorde. Foi apenas o esforço de bater as claras.

Abaixando a cabeça, ela se afastou. Mortificada pela loucura que corria em suas veias, não ousou encará-lo. Ele estava muito próximo e o humor dela muito instável.

Ao mover a cabeça, seus olhos se dirigiram às calças e às botas de lorde Craven. Calças amarelas. Botas sujas de barro. Como as que vira brevemente no matagal do lado de fora do depósito de gelo. Seus pensamentos dispararam numa velocidade frenética, deixando-a nervosa e angustiada.

Teria sido lorde Craven que a assustara no depósito de gelo?

Emma sacudiu a cabeça para clarear as idéias, forçando-se a voltar ao presente, convidando sua natureza prática a aliviar seus medos. A mesma lama estava no caminho, no campo, ou em qualquer jardim da propriedade, para não mencionar os estábulos, onde ela sabia com certeza que o lorde estivera. Outra pessoa havia se escondido nos arbustos. Alguém do mal.

— Srta. Parrish, não está mais corada. — Havia uma ponta de ironia na voz de Anthony. — Agora está branca como uma mortalha.

— Tenho algo em minha mente, meu lorde.

— Algo ou alguém?

Respirando rápido, Emma se deparou com o olhar sardônico de Anthony. Então ele sabia que lhe assombrava os pensamentos e desejos secretos? Os cantos da boca do lorde se curvaram ligeiramente, acentuando as covinhas nas

laterais da face angulosa. Ela sentiu vontade de tocar aquela boca, deslizar os dedos sobre os lábios cheios, testar-lhes a suavidade.

Mais uma vez o rubor lhe tingiu o rosto.

— Permita-me corrigir-me. De fato, a senhorita ainda está corada. Mais uma vez ele tocou-lhe a testa, agora deslizando-a em

Uma carícia suave ao longo da face. Emma sentiu a pele formigar em cada lugar que ele a tocava e foi forçada a conter um gemido. O sorriso do lorde se alargou, deixando-a atordoada. Que perfeição. Sim. Desejara a beleza daquele sorriso voltada para si e ali estava seu desejo realizado. Uma fileira de dentes brancos e perfeitos. Que homem encantador! Até os dentes eram bonitos.

— Srta. Emma! — chamou Nick, quebrando o intoxicante feitiço. — Já pus todo o açúcar! O que faço agora?

— Oh! Você deve... isso é...

Lorde Craven baixou a mão, piscou os olhos e seu sorriso enfraqueceu.

— Meu filho tem pressa e eu tenho um negócio urgente a tratar. Desejo-lhe uma boa tarde.

Emma sentiu um misto de decepção e alívio. Então, respirando fundo, voltou sua atenção para Nick.

Santo Deus, estava ficando louca!, pensou, desgostosa.

CAPÍTULO IV

Nas semanas que se seguiram, embora Emma lutasse contra aquilo, lorde Craven assombrava-lhe os pensamentos e invadia-lhe os sonhos. A cada vez que se encontraram no caminho ou na entrada de uma porta, ficava dolorosamente atenta à emoção que sentia ao vê-lo. Sua mente tentava alertá-la sobre o perigo, mas ela não parecia capaz de parar aquela reação elementar e o fascínio que ele lhe exercia.

Havia mais do que simples beleza física nele. Era um homem educado, gentil, e estava de fato interessado em seus pensamentos e opiniões, escutando-a com atenção durante as conversas matutinas no café da manhã com Nick.

Sentia-se feliz pelo menino ter o que ela nunca conhecera: o amor puro e genuíno de um pai.

Contudo, tinha vezes em que se sentia inquieta e temerosa, vezes em que lorde Craven desaparecia na torre circular, e um manto de ansiedade e angústia recaía sobre Manorbrier. Esses dias eram os mais difíceis, porque ninguém compartilhava a verdade sobre o que se passava naquela pilha de pedra e argamassa, deixando-a a imaginar o que quisesse. Com frequência se lembrava da afirmação de Nick de que a srta. Rust ainda permanecia na torre, morta, decompondo-se. Talvez aquilo não passasse de uma fantasia macabra de uma criança.

Sentada no escritório de lorde Craven em uma tarde de sexta-feira, Emma entregou-lhe a atualização semanal do progresso do filho, seus sentidos estavam todos voltados para o homem de pé no recinto, as pernas fortes suportando a largura dos ombros e os braços apoiados na beirada da janela.

— Em resumo é isso, milorde. Nicholas é uma criança adorável, brilhante e estou adorando o tempo que passamos juntos — disse, sentindo-se ligeiramente desconcertada por estar entregando seu prolongado relatório a Anthony, que se encontrava de costas para ela.

Emma sentiu uma faísca de atração não desejada, enquanto estudava os ombros largos, os quadris estreitos, as coxas musculosas e os cabelos escuros do lorde. Deixando exalar um suspiro, forçou sua atenção para longe da imagem atraente e deu uma olhada ao redor.

Nesse instante, Anthony virou-se e falou:

— Jantaria comigo amanhã à noite, srta. Parrish? — As palavras foram proferidas como uma pergunta, entretanto continham um tom autoritário. Emma percebeu de imediato que era esse o assunto que ele estava ponderando.

— Eu... eu... seria um prazer, milorde. E Nick?

— Jantaremos depois que ele for se deitar.— Anthony ergueu uma sobrancelha ao perceber a hesitação dela. — Ora, ora, priminha. Por certo, não é impróprio eu desejar uma companhia encantadora para me entreter à mesa. Você é da família, não é? Não é apenas a preceptora do meu filho, é minha prima também.

Emma abaixou a cabeça, tentando esconder sua confusão. O lorde não estava pedindo, mas sim ordenando que ela jantasse com ele. Encarando-o por sob os cílios, comparou-o a uma fera selvagem e bonita que devia ser admirada de longe e que mesmo assim ainda representaria um certo perigo. Confusa, prendeu a respiração, pensando que aquilo era impróprio para uma educadora pensar.

Sobre a referência ao laço familiar que os unia, seria imprudente de sua parte dizer-lhe, mas não podia imaginar-se considerando-o como primo.

Era prima da falecida esposa dele. A esposa morta, *assassinada*. Ou aquela era a sua intenção? Fazê-la lembrar exatamente disso? Que homem estranho e contraditório!

— Raramente penso no senhor como parente, milorde. Nos conhecemos há muito pouco tempo.

Ele deu uma risada breve.

— Você é franca, prima. Ah, olhe para a expressão amotinada que nubla o seu cenho. Insultei-a chamando-a de franca? Ou a causa dessa seriedade é porque a estou chamando pelo primeiro nome?

— Como um cavalheiro, milorde, não deveria se sentir à vontade para se referir a mim pelo primeiro nome, até eu lhe conceder licença para tal. — Emma engoliu em seco com o coração batendo acelerado. Estava sendo muito ousada para falar desse modo com o patrão. Mas temia que se não lhe impusesse limites, ele poderia se exceder.

— Como preceptora de meu filho, prima Emma, não lhe convém questionar meu comportamento.

Anthony caminhou na sua direção, com passadas largas e graciosas. Os olhos, aqueles olhos bonitos, fixos nos dela, enquanto contornava a escrivaninha para apoiar os quadris estreitos no tampo de madeira. O coração de Emma disparou. Ele estava tão próximo, com uma das pernas descansando na parte inferior da cadeira dela.

— E o que a fez pensar que sou um cavalheiro? — O tom de voz era substancioso e escuro como chocolate morno.

Emma estremeceu quando o som lhe acariciou a pele. Não. Ele não era um cavalheiro, e na sua presença sentia-se tentada a não agir como uma dama. Inclinou a cabeça para trás e deparou-se com a expressão interrogativa do lorde. Confusa. Mas havia algo mais. Algo que mexeu e inflamou seu íntimo, como uma queimadura lenta e indolente.

— Eu...isso é...

Com um calafrio, Emma endireitou-se, encostando-se contra o brocado da cadeira. O recinto estava abafado. Ela desejou saber por que de repente lhe parecia assim. Novamente abriu a boca para falar. Mas o que dizer? Nada. Não havia nada a dizer. Então, umedeceu os lábios com a ponta da língua e de imediato percebeu que era a coisa errada a fazer, porque o interesse do lorde pareceu

acender. Podia notar isso na mudança sutil de sua expressão. Os olhos verdedourados fixaram-se nos dela, deixando-a imóvel.

Ambos se encararam. Ela estudou a face bonita de um homem que a amedrontava e fascinava ao mesmo tempo. Um homem misterioso e sombrio. Desejou tocá-lo, explorar as extremidades angulosas daquele maxilar, a curva adorável dos lábios, a linha reta do nariz. Sua respiração entrava em suspiros rasos e seu corpo formigava.

Jamais sentira algo parecido. Atração. O sentimento era tão complexo e tão simples.

Anthony desviou o olhar e Emma pensou que ele estivesse lutando contra algum tumulto interno, ou algum demônio secreto que por fim conseguiu dominar.

— Obrigado por seu relatório. Estou contente com o progresso de Nick. — Ele pausou e então terminou suavemente. — Meu filho é tudo para mim.

Ao ouvir aquela confissão, Emma sentiu o coração apertado dentro do peito, deixando-a dolorosamente atenta ao fato de que estava gostando daquele homem inescrutável, e esse sentimento era mais perigoso do que qualquer outra coisa. Atração era uma coisa que podia ser controlada. Mas amor era outra completamente diferente.

Ele estava tão próximo, sentado na extremidade da escrivaninha! Bastaria se erguer, curvar-se para a frente e roçar os lábios nos dele. Beijá-lo como tanto desejava fazer!

Fantasia. Era apenas uma fantasia. Isso seria loucura.

Com um pequeno gemido, Emma se ergueu com a intenção de fugir. Anthony se levantou ao mesmo tempo e ambos ficaram de pé, frente a frente, no espaço apertado entre a escrivaninha e a cadeira abandonada por ela. O ar quente de suas respirações a excitou, fazendo com que seus mamilos enrijecessem, até quase tocarem o tecido da camisa dele.

A barba por fazer sombreava o maxilar de Anthony. Parecia desleixado, amarrotado e indomável. Selvagem e terrivelmente atraente.

Emma emitiu um som, meio gemido, meio suspiro, enquanto se preparava para fugir. O desejo pulsava em seu íntimo como uma coisa viva. E isso por um simples olhar. Santo Deus, se aquele homem a tocasse, estaria perdida!

Anthony acariciou-lhe a face com as pontas dos dedos. Emma contemplou a mão dele, o que o fez deter o movimento. Nesse instante, ela percebeu que o dedo indicador do lorde fora amputado à altura da junta.

Seus pensamentos voltaram-se de imediato para a noite tempestuosa de sua chegada, quando vira pela primeira vez a face cheia de cicatrizes de Griggs, a

manga vazia da sra. Bolifer e desejou saber se todos os habitantes de Manorbrier eram marcados de algum modo terrível.

— Isso a... choca? — Ele hesitou à palavra "choca" e Emma suspeitou que o lorde tivesse pretendido usar outra mais rude.

— Não havia reparado em sua mão... quero dizer, seu dedo. — Franzindo a testa, ela olhou para a camisa branca que recobria aquele peito largo e seu coração disparou. Queria lhe dizer que lamentava o sofrimento dele, que gostaria de curá-lo se pudesse, não só das cicatrizes visíveis, mas das ocultas também, aquelas que marcavam sua alma. Mas em vez disso, limitou-se a dizer: — Simplesmente nunca notei isso antes.

— Delia detestava. Julgava-me um mutilado repugnante. Nunca permitiu que eu a tocasse com a mão esquerda. Como se a perda de um pedaço minúsculo de dedo me depreciasse.

Enquanto o lorde falava, Emma percebeu uma nota de amargura em sua voz. Ou talvez fosse algo mais tenebroso, algo vivo que parecia corroer-lhe a alma. Ele ainda amaria Delia?

Ou era ódio que cingia suas palavras? ódio suficiente para fazê-lo cometer um assassinato?

— Você... sofreu um acidente depois que a conheceu? — perguntou ela, dispersando as conjecturas.

Anthony tinha a expressão fechada e o maxilar tenso.

— Sofri muito depois que a conheci. E não há nada de accidental nisso. Delia sabia muito bem sobre a tortura que rodeava.

As palavras a queimaram porque pintavam um quadro triste. Emma sentiu vontade de tocá-lo, de lhe acalmar a dor das recordações. Se ousasse aproximar-se, apenas mais um centímetro, encostaria o peito na largura daquele tórax viril. O pensamento era deveras atraente e ao mesmo tempo assustador.

Eis ali a sua resposta. Parecia que o queria de qualquer maneira. Ou talvez não conseguisse temê-lo verdadeiramente.

Sentiu uma onda de pânico. Aquele homem intenso e enigmático poderia destruí-la.

Com um gemido abafado, girou e fugiu em direção à porta. Seus dedos se crisparam ao redor do metal frio da maçaneta. Agora, o único pensamento que tinha em mente era escapar dali. Não apenas de lorde Craven, mas de seu impronunciável e irracional desejo.

— Srta. Parrish. Eu a verei amanhã na ceia. Esteja pronta às oito horas, por favor.

Emma sabia muito bem o perigo que aquilo representava e isso definitivamente não a agradava. Mas na verdade, também não a preocupava muito.

— ...e o rei Arthur chamou aquele lugar mágico de Camelot — sussurrou Emma, suavemente acariciando os cabelos de Nick.

O menino se mexeu, mas não abriu os olhos. Sua fisionomia era doce, ele tinha os cabelos escuros desalinhados e os lábios macios lembravam o arco do Cupido.

Com um sorriso, ela deixou o quarto e se dirigiu aos seus aposentos no terceiro andar a fim de se preparar para o jantar com Anthony. Depois de trocar de roupa, colocaria o broche de camafeu, que fora de sua mãe, no corpete do vestido. Era a única jóia que sua mãe possuía, um tesouro de pouco valor monetário, mas de um imensurável valor sentimental para Emma.

Quando seu sentimento de indignação em relação ao convite de Anthony se transformara em expectativa?

— Emma Parrish — censurou-se. — Você é uma mulher adulta. Já está bem madura para se deixar levar por fantasias desse tipo.

Anthony Craven não era nenhum príncipe encantado e gentil cavalheiro.

Perdida em pensamentos, empurrou a porta para abri-la e quase tropeçou ao se deparar com o que encontrou. No centro da cama, estendido cuidadosamente sobre a colcha, havia um magnífico vestido de seda azul.

Perfeito para o jantar com lorde Craven. Ele teria trazido o vestido e o colocado ali para que ela o encontrasse? Que estranho.

Dando um passo adiante, alcançou-o e acariciou a seda rica. O tecido era liso ao toque. Emma achou o vestido adorável, entretanto o pensamento de que o lorde entrara ali escondido e o pusera sobre a cama a perturbava. Não era conveniente um cavalheiro entrar no quarto de uma jovem solteira, especialmente quando essa jovem era sua empregada.

E o que a faz pensar que sou um cavalheiro?

Ele fora bastante claro nesse ponto.

Emma fez uma carranca enquanto considerava suas opções.

Poderia apenas arrumar os cabelos e comparecer ao jantar do jeito que estava, trajando seu vestido gasto pelo uso. Mas o lorde havia se preocupado em prover-lhe um traje mais adequado. Por certo seria descortês recusá-lo.

Por outro lado, poderia argumentar que era impróprio aceitar tal presente do patrão. Pressionando as costas dos dedos sobre os lábios, estreitou o olhar contemplando sua decisão.

— As tias teriam uma apoplexia! — As palavras escaparam de sua boca e Emma sorriu.

A idéia das tias caindo ao chão, simplesmente porque ela vestia um vestido de seda azul dado pelo homem que elas chamavam de monstro, foi o bastante para fazê-la decidir a favor do vestido.

Depressa, livrou-se do traje do dia-a-dia. Erguendo o vestido brilhante de cima da cama, deslizou dentro dele.

Parecia ter sido feito sob medida para ela, com exceção da bainha que era muito longa. Mas ficou satisfeita pelo comprimento esconder-lhe os sapatos. Soltando os longos cabelos dos grampos que os prendiam, apanhou a escova de marfim que fora da mãe e deslizou as cerdas lentamente pelas mechas livres. Então, torceu-os em um coque simples na base da nuca, num estilo mais solto do que o que costumava usar.

Não possuía diamantes para adornar os cabelos, nem um colar para enfeitar o pescoço. No entanto, se sentia a princesa de suas fantasias, porque jamais usara um vestido como aquele em toda a sua vida. Respirando fundo para firmar os nervos, deixou o quarto. No caminho deu palmadinhas na face para obter mais cor.

A escadaria dos criados a conduziu para perto da cozinha. Fez uma pausa, considerando uma visita rápida para mostrar a Cookie sua indumentária elegante, mas podia imaginar a careta de desaprovação da sra. Bolifer. Não, não deixaria a criada arruinar um momento sequer de sua noite. Até mesmo jovens sensatas tinham direito a sonhar, não importava o quão frívolos ou improváveis esses sonhos pudessem ser.

Apressando-se ao longo do corredor, estacou ao chegar à entrada da sala de jantar. Alisou as saias do vestido com as mãos, enquanto seu estômago se revirava de nervosismo. Jamais comparecera a uma festa de jantar ou caminhara pelo parque em companhia de um homem bonito. Mas, naquela noite, se daria ao luxo de fingir e pretendia desfrutá-la ao máximo.

Na manhã seguinte, poderia voltar a ser a senhorita Emma Parrish, solteira, pobretona, preceptora, a filha da insignificante Elizabeth Parrish que cometera uma asneira terrível, imperdoável e pagara pelo resto da vida. Mas naquela noite seria a senhorita Emma Parrish, a jovem mais adorável na sala. Ela mordeu os lábios para evitar rir alto. Seria a única jovem na sala, mas isso não tinha importância.

Emma entrou. Os lambris escuros das paredes davam um ar aconchegante ao ambiente. A mesa de mogno havia sido posta para dois, um lugar na cabeceira e

o outro logo à direita. As porcelanas e a prataria reluziam e havia três cálices de cristal dispostos ao lado de cada prato. Tudo muito formal, pensou.

— Srta. Parrish, sua pontualidade é elogiável. Mas que homem diabólico! Assustara-a outra vez.

Ela se virou com a respiração presa na garganta ao se deparar com lorde Craven. O casaco de noite escuro que ele usava realçava-lhe os ombros largos e um lenço de pescoço branco enfeitava-lhe o colarinho. Que homem maravilhoso! O canto da boca sensual ligeiramente curvado sugeria um sorriso.

— Boa noite, milorde.

Anthony se aproximou. Emma inclinou a cabeça para trás, encarando-o. As narinas do lorde se alargaram e as pupilas se dilataram até ela pensar que seria sugada por ele, para se afogar na infinidade da alma masculina.

Girando nos calcanhares, ela se afastou, lutando para manter as emoções sob controle. Estaria condenada àquele ataque de loucura cada vez que encontrasse lorde Craven?

— Que mesa adorável! — disse distraidamente, descansando a mão sobre o espaldar esculpido de uma cadeira.

O olhar do lorde dirigiu-se à mesa, antes de voltar a se fixar nela novamente. Os olhos verdes esquadrihavam-lhe a porção de pele descoberta pelo decote. O coração de Emma saltou ao perceber a carranca de desaprovação na fisionomia do patrão.

— Onde pegou esse vestido? — O tom não era rude. Ele falou suavemente, pronunciando cada palavra deliberadamente. — Onde achou isso? Em algum baú velho?

Talvez fosse a falta de inflexão que a amedrontou.

Emma engoliu em seco, sentindo um misto de confusão e desconforto substituir a forte atração que a acometia minutos antes.

— O senhor me deu. Pelo menos, pensei... O que quero dizer é que quando o achei, pensei que tivesse...

Um golpe rápido de mão no ar de lorde Craven foi o bastante para impedir a tentativa de explicação de Emma, congelando-lhe as palavras na língua.

— Venha comigo. A cadência demasiadamente controlada da elocução insinuava uma fúria tão grande que mal podia ser contida.

— Talvez eu devesse voltar para o meu quarto.

— Talvez sim. Mas não ainda.

Emma se moveu para o lado, deixando uma cadeira entre os dois, como se a débil barreira pudesse oferecer alguma proteção.

— Venha comigo — repetiu ele, alcançando-a e fechando os dedos ao redor de seu pulso. — Não sei qual foi a sua intenção vestindo esse traje, srta. Parrish, mas estava equivocada.

— Milorde, minha única intenção em usar este vestido foi estar apresentável para a refeição. Obviamente, o senhor desaprovou. Agora, se me soltar, voltarei para o meu quarto.

— Soltá-la? — As sobranceiras de lorde Craven se ergueram. Ele olhou para os próprios dedos, que se encontravam ao redor do pulso de Emma, como se pertencessem a outra pessoa. — Perdoe-me.

Sem mais preâmbulos, ele a soltou. A subitaneidade do gesto a fez desequilibrar-se para trás.

— Pode voltar para o seu quarto se quiser. Mas primeiro, há algo que quero lhe mostrar. — Com um gesto galante, indicou-lhe que ela deveria precedê-lo na sala de jantar e quando falou, sua voz soou baixa e rouca. — Primeiro as damas, prima Emma.

Comprimindo os lábios, ela girou o corpo. Apesar do aparente retorno do comportamento adequado de Anthony, ela sabia que aquilo não era um pedido, e sim uma ordem.

— Eu de fato... — começou, parando em seguida, quando Anthony parou a seu lado e colocou sua mão sobre o braço dele.

Ele não vai me machucar. As palavras representavam uma certeza, não uma esperança espúria. Não sabia dizer de onde surgira aquele pensamento, mas sentia-se confortada por sua veracidade.

O lorde não fez nenhum esforço adicional para dominá-la. Emma agora o acompanhava incitada pela própria curiosidade e de livre vontade. Ambos seguiam em silêncio, por um caminho iluminado apenas por um candelabro que ele carregava em uma das mãos.

Parando diante de uma moldura dourada, a expressão de Anthony se tornou fria. Ele pousou o candelabro sobre uma pequena mesa de canto.

— Delia — disse suavemente, com os dedos descansando sobre a extremidade do quadro.

Emma olhou para o retrato da prima. Um calafrio a deixou arrepiada e o vestido de conto de fada que estava usando de repente se transformou em uma mortalha. Sua pele se encolheu sob a seda fresca e uma onda de náusea revirou-lhe o estômago.

— Ela estava usando este vestido — sussurrou, enquanto contemplava a beleza etérea da prima. — Por que o senhor me daria o vestido de Delia?

— Sim, por que eu lhe daria? Esse vestido em particular é repugnante para mim. Ela o estava usando na noite... — O lorde fitou-a de esguelha e então desconversou: — Pensei que isso tivesse sido queimado anos atrás.

Emma olhou para o retrato, para Delia usando aquele mesmo vestido, parecendo confiante e adorável, do modo como se lembrava dela.

— Se o senhor não me deu, então como veio parar na minha cama?

Lorde Craven fez uma carranca, mas não respondeu. Ela se deparou com o olhar dele. Não havia nenhum calor agora. Encarava-a com uma distância que agia como uma barreira sólida entre os dois.

— Não faço a mínima idéia.

Emma voltou a contemplar o retrato da prima. A reação do lorde indicava claramente que ele não suportava ver outra usando os pertences de sua amada.

Que amarga revelação! Desejara tanto saber se ele ainda amava Delia e agora obtivera sua não desejada resposta.

— Deve tê-la amado muito, não? — sussurrou. Então, num impulso, deu um passo à frente, entrelaçando os dedos nos dele. Precisava oferecer-lhe um pouco de conforto.

O silêncio foi a única resposta que obteve, mas podia sentir uma corrente de emoção cortando o ar.

— Não é de admirar que tenha ficado tão bravo quando me viu usando este vestido. — Tossiu discretamente quando ele continuou em silêncio. — Ainda está bravo?

Anthony se virou para encará-la e ela percebeu que cometera um erro. Os olhos de predador brilhavam com uma fúria contida.

— Estou bravo, entretanto essa única palavra não pode descrever a cova preta de raiva que queima em minhas entranhas.

Seus dedos se fecharam firmemente ao redor dos dela. Emma sentiu o temperamento do lorde sob a superfície da pele, algo que se contorcia para se libertar, e uma vez solto poderia ser impossível de controlar.

Inclinando-se, ele a tornou cativa de seu olhar hipnotizante.

— Como vê, srta. Parrish, está errada em duas conjecturas e certa em uma. Amei Delia, se é que o amor pode ser chamado de obsessão da juventude. E a odiei, com todo o ódio de um homem. Ódio forte o bastante para desejar que ela

sumisse da minha vida. Sumisse desta terra. Fosse para o inferno onde poderia conhecer sua cara-metade.

— Não — sussurrou Emma, puxando a mão, desesperada.

— Desejei a morte de Delia. Eu a odiei com tanta intensidade que sonhava em colocar minhas mãos ao redor da coluna branca e delicada de seu pescoço e quebrá-lo como se faz com um galho seco. E por isso não posso me perdoar. O que pensa agora, srta. Parrish? Ainda quer continuar deslizando seus olhares de donzela sobre os meus lábios... meu peito... minhas pernas?

Santo Deus, ele parecia adivinhar-lhe todos os pensamentos, tinha percebido cada relance ardente...

A cada passo que Emma recuava, Anthony se aproximava, até encurralá-la contra a parede.

— Não — sussurrou Emma novamente, apoiando-se contra o concreto frio e inflexível como se pudesse buscar proteção lá.

O que lorde Craven acabara de dizer era terrível demais. E pensar que julgara que ele se ressentisse da morte precoce da amada. Menina tola. Lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Não podia acreditar naquelas palavras. Não queria acreditar.

— Existem demônios em minha alma que você não desejaria ver.

— Está dizendo que é um assassino?

Lenta e deliberadamente, ele ergueu a mão mutilada e enrolou um cacho escuro dos cabelos de Emma ao redor do que sobrara de seu dedo, então descansou a palma aberta no pescoço dela, onde sua pulsação batia num ritmo frenético.

— Lágrimas, Emma? Por Delia? — A voz reverberou rica, profunda e torturante.

Ela sacudiu a cabeça em negativa.

— Por mim, então? Está chorando por mim? — Agora o tom era zombeteiro.

— Por mim mesma — respondeu, sincera. As palavras eram insuficientes para expressar a causa de sua tristeza. Chorava porque se sentia verdadeiramente perdida.

Como se pudesse ler seus pensamentos mais íntimos, Anthony inclinou a cabeça, anulando a pequena distância que ainda existia entre ambos. Emma sentiu o coração dele bater de encontro ao seu. Estava de pé, congelada, experimentando uma perturbadora excitação. Era óbvio que ele tinha noção dos sentimentos que lhe despertava.

O comprimento daquele corpo sólido contra o seu mantinha-a cativa entre o homem quente e a parede fria atrás de si. O cheiro da pele máscula a aturdiu e ela gemeu suavemente enquanto roçava a face no pescoço e no rosto de Anthony. Errado, muito errado, mas a tentação fazia seu sangue cantar. Ela ziguezagueou o corpo, atenta à pressão da pélvis dele de encontro à sua.

Anthony riu, um riso baixo e misterioso, completamente desprovido de humor. E naquele instante, Emma achou que seria beijada. Desejava com todas as suas forças que aqueles lábios luxuriantes e sensuais pressionassem os seus. Unindo as coxas sob a saia do vestido, pensou em colocar as mãos no colarinho do casaco dele e puxá-lo para si. Precisava respirar seu cheiro másculo até encher os pulmões, o coração e todos os sentidos.

A respiração ofegante de Anthony escapou por entre seus dentes. Emma desejou saber se ele sentia o mesmo que ela. E, então, ele encostou os lábios em seu ouvido, deixando-a surpresa com o sentimento de frustração que a acometeu.

— Fuja, Emma — sussurrou, ao mesmo tempo que lhe afagava o ombro com o polegar. — Será que a minha admissão... não, minha confissão... não conseguiu fazê-la sentir medo? Fuja de mim.

Anthony produziu um som dissonante com a garganta, e Emma sentiu o ar frio que substituiu o calor do corpo masculino. Ele se afastou. O frio devolveu-lhe a sanidade e o ímpeto da mortificação. Algo naquele homem a fazia rejeitar tudo que sabia, esquecer das advertências da mãe e ansiar por ele de um modo que a consumia. Com um murmúrio, deixou-se cair de encontro à parede, com as emoções agitadas como nuvens escuras de uma tempestade de inverno.

— Não tenho medo de você.

Ficou horrorizada ao perceber que dissera a verdade. Temê-lo? Não. Desejava-o com uma intensidade que a queimava como um carvão quente na boca do estômago. Aquilo era loucura.

Anthony riu.

— Tema pelo mal que posso lhe causar, Emma. Porque, se houver chance, não a desperdiçarei.

Ele se virou e se afastou devagar.

— O senhor disse que sonhou em matá-la — acusou ela.

O som dos passos firmes no piso cessou abruptamente e o silêncio caiu pesado, com segredos e implicações.

— Disse que sonhou em matá-la — repetiu Emma, a voz sufocada pelas lágrimas. — Mas nunca disse que a matou.

Anthony não respondeu, e ela permaneceu encolhida no chão por um longo momento, sua respiração acalmando-se gradualmente enquanto tentava controlar os nervos. O som de passos recomeçou, ecoando na galeria fria e no coração de Emma.

— Parece que tivemos o mesmo pensamento, srta. Parrish. Assombrada por sonhos desagradáveis?

Ao ouvir a voz jovial de Anthony, Emma observou o prato de frios, queijo e pão à sua frente, com o coração acelerado.

Aparentemente, ele fora atraído à cozinha no meio da noite pela mesma razão que ela, pensou.

— Assombrada pela necessidade de uma barriga vazia, milorde. E o senhor? Assombrado por pesadelos?

— Pelo passado — respondeu ele e então pareceu arrepender-se de ter dito tal coisa.

Anthony a estudou por um momento, antes de dar alguns passos à frente, desatento ao seu estado seminu. Emma fitou .fascinada o vigor daquele tórax largo e sentiu a boca seca. Pêlos escuros sombreavam o peito dele, traçando uma trilha insinuante que se estreitava até o cóis da calça. Se ela estendesse a mão e deslizasse os dedos por aquela linha, seguindo o caminho misterioso até o final...

— O que... — exclamou assustada, quando Anthony apagou a chama da vela dela com o indicador e em seguida pousou a sua no centro da mesa.

— Detesto o cheiro de sebo.

— Sebo é mais econômico.

— Não tenho nenhuma necessidade de fazer economia, só quero respirar um ar puro.

— Por que o repugna tanto o cheiro de sebo? — aventurou-se ela, corajosa.

— Porque cheira a morte.

Emma engoliu em seco, sem resposta para aquela declaração. Sentia-se nervosa por ter de enfrentar lorde Craven em tão curto espaço de tempo, após o fiasco do jantar.

— Vejo que tem gostos parecidos com os meus. — Ele gesticulou para o prato dela. — Acho que vou me unir a você.

Ela abriu a boca para sugerir que ele fosse se unir ao diabo, mas pensou melhor e ficou quieta. Estava brava com o tratamento anterior que ele lhe

dispensara. Espantada porque apesar do horrível comportamento, não conseguia deixar de se sentir excitada sempre que ele estava por perto.

Com uma graça silenciosa, Anthony passou por ela, saindo do seu ângulo de visão.

Emma enrijeceu no assento de madeira, determinada a resistir ao desejo de virar a cabeça e segui-lo com o olhar. Segundos depois, ouviu o ruído de um prato sendo colocado na mesa alta atrás dela, o som de líquido vertendo e então mais nada. A vontade de espiar a posição exata de Anthony dentro da cozinha era tentadora demais.

Concentrando-se na refeição, cortou um pedaço grosso de pão e pôs uma fatia de queijo por cima. Imaginou que se o ignorasse, ele iria embora. Ainda não se sentia preparada para trocarem palavras afiadas mais uma vez.

— Aqui está — disse ele, inclinando-se ao lado dela.

A extremidade aberta de sua camisa de linho roçou o ombro de Emma. Com um ruído seco, ele abriu uma garrafa de cerveja.

— Obrigada — murmurou ela, um pouco aturdida ao perceber que o patrão a estava servindo.

Munindo-se de coragem, ergueu o rosto e o fitou, quando ele se sentou de frente para ela.

— O que devo fazer com aquele vestido? — questionou abruptamente.

Anthony parou a caneca a meio caminho entre os lábios e a mesa. Encarando-a com os olhos semicerrados, tomou um longo gole de cerveja e em seguida pousou a bebida.

— Queime.

A resposta não foi tranquilizadora.

Ambos comeram em silêncio. Algumas horas antes, ela se encolhera no chão, convencida de que estava no reino de um louco. Agora se encontrava ali, sentada ao lado do mesmo homem, compartilhando uma refeição amigável. Como se tivesse o poder de ler seus pensamentos, Anthony gesticulou com a mão e perguntou:

— Acha que sou louco, srta. Parrish?

— Importa-se com o que eu penso?

Ele piscou, claramente surpreso, e sorriu. Emma amava aquele sorriso. O calor que emanava era um presente raro.

— Sim, por alguma razão desconhecida, o que você pensa a meu respeito me importa.

— Acho que o senhor é... — ela fez uma pausa, procurando a palavra certa, enquanto o lorde a contemplava atento, esperando pela resposta — ...incomum — concluiu por fim. As sobrancelhas escuras se ergueram. — Sim, incomum — repetiu Emma.

Poderia lhe dizer que apesar de seu comportamento imprevisível, o achava intrigante. Excitante. Atraente. Mas havia uma verdade que podia ser compartilhada.

— O senhor me assustou, sabe disso. Era essa a sua intenção? O sorriso de Anthony enfraqueceu.

— O choque ao vê-la vestida com aquele... — Ele sacudiu a cabeça. — A princípio, não era essa a minha intenção, srta. Parrish. Minhas ações foram governadas por uma triste falta de controle sobre meu temperamento. E, então, pensei que um pouco de medo talvez não fosse uma coisa tão terrível.

Emma fitou aqueles olhos sensuais e encontrou a resposta que estava procurando. Anthony havia percebido o efeito que exercia sobre ela e resolveu acabar com aquela fascinação imprópria e obviamente não desejada.

— Fugirá quando o dia amanhecer, senhorita? Fugirá deste lugar? — Ele fez uma pausa. — Fugirá de mim?

Emma prendeu a respiração. Algo na voz dele a fez pensar que sua resposta era muito importante, que ele não desejava que ela partisse, apesar de tê-la aconselhado horas antes quando estavam na galeria. Que homem estranho e contraditório!

— Não quero ser amedrontada outra vez.

Seu coração batia acelerado, enquanto ela proferia as palavras. Forçando-se a encará-lo, considerou-o francamente.

— Então tem que se empenhar para que isso não volte a acontecer — observou Anthony num tom seco.

— E o senhor também.

— Sim. Eu também.

— Isso é um pedido de desculpas?

Anthony a encarou. Seus olhos exibiam um tom de bronze polido, refletindo a luz bruxuleante da vela. Verdes num momento, dourados no outro. Mutáveis. Imprevisíveis. Belos iguais a ele.

— Um pedido de desculpas, srta. Parrish? — perguntou ele com uma risada breve. — Não, não creio. Somente uma declaração.

Mais uma vez o silêncio reinou no recinto. Comeram o resto da refeição com concentração estudada. O único som era o crepitar da vela enquanto a cera turva derretia ao redor do pavier. Por fim, Emma se levantou.

— Boa noite, milorde. E, não. Não fugirei quando o dia amanhecer. Como já lhe disse, eu não deixaria Nick. Vim para cá para cuidar dele. — *E de você*, acrescentou em pensamento.

— A lealdade é uma dádiva maravilhosa. Agradeço-lhe por ter oferecido a sua ao meu filho. Boa noite, srta. Parrish.

Emma pegou a vela de sebo, a que ele havia apagado com os dedos, e cuidadosamente tornou a acendê-la, sob o olhar e a expressão ilegível daquele homem. Atravessando a cozinha, parou de costas para ele, com a mão apoiada no batente da porta.

— Eu aceito.

— Aceita? — O tom indicava curiosidade.

— Aceito seu agradecimento. E suas desculpas. — E então, Emma deixou a cozinha como se seguida de perto por uma horda de demônios, quando na verdade estava apenas sendo seguida pelo som rico da risada de lorde Craven.

CAPÍTULO V

Vários dias depois, Emma tirou proveito das horas livres, enquanto Nick estava nos estábulos, para passear ao sol e ler um romance. De repente, o som de uma carroça se aproximando chamou sua atenção. Fez uma pausa na leitura e observou Griggs perto da torre circular, freando o veículo com extremo cuidado. Acenando-lhe com a cabeça, o condutor desceu do assento e caminhou até a parte de trás do vagão, onde retirou algo que parecia ser um enorme saco. A carga era quase tão grande quanto o cocheiro e obviamente muito pesada, já que o homenzarrão demonstrava ter dificuldade para ajustar o fardo sobre o ombro largo.

Abraçando o próprio peito, Emma estremeceu. Um estranho arrepio lhe percorreu a espinha. De súbito a advertência que lhe fora feita na noite de sua chegada a Manorbrier lhe veio à mente. *Há morte naquela torre, senhorita. Morte.*

Curiosa, não conseguiu se conter e deu alguns passos à frente, estudando o estranho pacote.

Griggs estacou, piscando os olhos ao vê-la se aproximar.

— Fique onde está, senhorita. É melhor não chegar muito perto.

— Boa tarde, Griggs.

— Estou lhe dizendo, senhorita. Não se aproxime. Volte para a cozinha ou para o jardim ou para onde quiser. — Ele trocou o saco de ombro.

— O que carrega aí?

— Não interessa — respondeu o homem com uma carranca. Emma ficou tentada a concordar e se afastar, mas algo a impedia de sair do lugar.

— Precisa de ajuda? — perguntou, contemplando apreensiva a carga que ele carregava.

Céus, que dedos eram aqueles? Lá no fundo, pressionando uma dobra solta do lençol. Ela estremeceu, e Griggs lançou-lhe um olhar de desaprovação. Havia um brilho de horror espreitando nos olhos do cocheiro. Fosse o que fosse que carregava, ele a queria o mais distante possível dali.

Sua expressão revelava o que as palavras não diziam. Com um calafrio de medo, Emma tropeçou para trás. Eram dedos de um pé. E pernas e braços, mal escondidos por tiras de pano.

Santo Deus, era um corpo, o corpo de um morto que ele carregava!

Uma onda de medo contraiu-lhe o estômago. Os olhos de Griggs se alargaram e ela percebeu que o criado sabia que ela reconheceria o que era exatamente que ele transportava.

— Seja cautelosa, moça.

Ela, ser cautelosa? E onde estava a cautela de carregar um ;■ cadáver escada acima, para o alto de uma torre?

Do fundo do embrulho pendia a mão humana, os dedos retorcidos como garras, a pele enrugada e pálida com uma horrível lesão enegrecida que corroía a carne. Emma ofegou e se afastou. Não era apenas um corpo, mas uma coisa terrível e assustadora, afetada por uma doença gravíssima.

Griggs olhou para baixo, contemplando a cena tenebrosa que se refletia nos olhos de Emma.

— Milorde os aprecia ainda frescos — disse ele. — Diz que é melhor para fazer a colheita. — Com um grunhido, ele ajeitou o volume mórbido, virou-se e desapareceu no interior da torre. Engolindo várias vezes seguidas, Emma fechou os olhos, mas sua imaginação suplicava pela visão exata do que tão desesperada-

mente tentava bloquear. Pústula maligna. Conhecia aquela lesão, sabia que era o nome que davam à terrível doença que causava edemas de coloração azul-escura.

Antraz.

Um tremor perpassou-lhe o corpo. Em sua mente visualizou a pústula enegrecida escoando do braço do cadáver, os dedos enrolados, a pele ressecada.

Deus do céu! Em que lugar tinha vindo parar? Uma inundação de horríveis pensamentos cascadeou pelo seu cérebro e nenhum deles fazia sentido. Antraz matava, e Griggs dissera que o lorde queria o corpo fresco para proceder a uma colheita macabra.

Com um grito, Emma ergueu a barra da saia e correu a toda a velocidade pela trilha de pedra. Tinha o peito apertado e desesperado por ar, o sangue grosso e lento. Correu e correu, até os pulmões protestarem, e a cada respiração era forçada a abrir os lábios com um suspiro doloroso. Seus pés doíam e as coxas queimavam, e ainda assim prosseguiu em seu vôo cego e torturante.

Ao ouvir o som de um cavalo perseguindo-a e o seu nome sendo gritado ao vento, virou-se e se deparou com lorde Craven montado sobre uma égua de pêlo lustroso. Não tinha esperança de conseguir correr mais do que ele, mas não reduziria a velocidade de seu ritmo. Com os pés tropeçando um em cima do outro, tentou correr, enquanto olhava para trás, para o seu perseguidor. Uma dor aguda atingiu-lhe o tornozelo ao mesmo tempo que tropeçou no terreno irregular e perdeu o equilíbrio, espatifando-se no chão.

Com os braços estendidos, caiu em uma touceira de flores do campo. Oh, céus... Emma tentou fazer uma oração, mas sua mente estava entorpecida pelo medo. Medo dele. E medo dela.

Erguendo-se de joelhos e então por fim ficando de pé, tentou suportar o peso do corpo sobre o membro ferido. O tornozelo já estava inchando e a dor era aguda e intensa. Novamente, ela tropeçou e desmoronou no chão.

Agora não havia como escapar. Lorde Craven a alcançara.

— Está ferida?

Emma limitou-se a sacudir a cabeça em negativa.

— Srta. Parrish — As palavras foram proferidas com uma precisão militar.

— Pensei que fosse uma moça sensata. Mas parece que minha impressão não poderia estar mais equivocada.

Desmontando, o lorde abaixou-se ao lado dela e ergueu-lhe a saia até os joelhos. Emma sentiu o rubor queimando-lhe as faces quando aquelas mãos fortes deslizaram ao longo de sua perna.

— Por favor, milorde. — Desconcertada, tentou em vão abaixar a saia a um nível mais adequado.

Com um toque firme, mas cuidadoso, lorde Craven examinou-lhe o tornozelo.

— Creio que a sua corrida terminou por hoje. — A voz soou gentil. — Está doendo muito?

— Não, milorde.

— Parece que nossa conversa algumas noites atrás não surtiu muito efeito. Mais uma vez, a senhorita se permitiu sucumbir ao medo irracional.

Irracional? Ela piscou, mas não emitiu uma palavra.

— A sra. Bolifer veio correndo até o estábulo, morrendo de preocupação. Ela a viu disparar numa fuga frenética — continuou ele.

A sra. Bolifer, morrendo de preocupação? Emma achava difícil acreditar naquela declaração. Sentindo um nó de raiva no estômago, afastou o medo. Lorde Craven a estava castigando. Um homem que acumulava corpos mortos em um quarto secreto de uma torre?

— Griggs estava carregando um cadáver, milorde. — O tom poderia ter congelado pedaços de carvão incandescentes.

Ele ergueu as sobrancelhas de modo indagador.

— E?

Emma o encarou, espantada.

— Estou dizendo que seu cocheiro carregava um corpo para a torre. Eu vi a mão do homem.

— Fugiu por causa de uma simples mão?

— Fugi por causa do cadáver. — Ela não podia compreender a perplexidade dele.

— Por quê?

Lorde Craven a fitava atentamente, como se sua reação fosse incompreensível.

— Nem todo ser racional fugiria de um corpo morto que goteja pestilência no chão?

Mais uma vez Emma desejou saber se porventura o lorde não estava louco. E Cookie. E a sra. Bolifer. E Griggs. E até mesmo ela. Um castelo inteiro cheio de lunáticos por certo era a única explicação para aquela estranha conversa.

— O corpo estava gotejando pestilência? — O tom era sério, indicando preocupação. Pelo menos aquilo era algo que fazia algum sentido. — Viu alguma secreção cair?

Emma sacudiu a cabeça em negativa.

— Não. Mas vi um braço com um carbúnculo terrível. Como jamais vi outro igual. Era preto e brilhante, com uma borda vermelha e elevada. Acho que nunca mais vou esquecer.

— Ah.

Ela esperou que ele dissesse mais alguma coisa, mas Anthony parecia perdido em pensamentos. A raiva dentro dela começou a borbulhar novamente. Ele continuava a seu lado, mas a mente por certo estava em outro lugar.

— Ah? — repetiu atordoada ante a falta de resposta. — Essa é a única explicação que oferece? Ah? — Enquanto falava desferiu um soco no ombro do lorde.

Anthony ergueu o sobrolho, espantado.

— Lorde Craven — Emma começou sua elocução num tom claro e distinto. — Estou lhe dizendo que vi o seu cocheiro carregando um homem morto para a torre circular! Isso, por si só, já é aterrorizante, mas há mais razões para fundamentar a minha inquietação. Pela ferida que vi no braço do homem, acredito que ele tenha morrido de uma terrível pestilência. — Por fim, ela havia conseguido atrair a atenção dele. Então, respirando fundo, expressou sua suspeita. — Acredito que ele tenha morrido de antraz.

Esfregando o ombro, o lorde olhou para as juntas avermelhadas dos dedos de Emma.

— Srta. Parrish, voltaremos no devido tempo à sua monumental habilidade como pugilista. Gostaria sinceramente de saber onde aprendeu aquele golpe de direita. Mas por ora gostaria de explorar mais o seu conhecimento sobre a doença antraz. Por que diz isso?

— Eu ensinava as crianças do nosso vizinho, o sr. Hicks, e um dia ouvi-o contar uma história sobre o gado de uma fazenda perto de Cheltenham. Ele disse que os animais morreram de antraz e que a terra ficou infectada por décadas.

— Pelo que sei, a doença pode se hospedar na terra durante trinta anos ou mais — meditou ele, continuando a esfregar o ombro. — O que mais disse o bom fazendeiro?

Emma lutou para se lembrar da história contada pelo sr. Hicks, mas não pôde deixar de notar que o lorde a contemplava com um certo grau de admiração.

— Disse que a doença poderia se manifestar de diversas formas. Insuficiência respiratória. Hemorragia. Ou uma pústula maligna, preta como carvão, brilhante e com extremidades vermelhas e inflamadas. Ele a descreveu com detalhes, portanto não creio que eu tenha sido influenciada pela conversa dele.

Anthony a encarou por um longo momento e continuou:

— Então você viu Griggs carregando um corpo com uma lesão na... — A voz dele ergueu-se num tom indagador.

— No antebraço e na palma — respondeu Emma.

— E ao perceber o carbúnculo, usando a sua descrição, prontamente diagnosticou antraz e fugiu. Uma resposta mais razoável, suponho. Mas como pode ter tanta certeza, srta. Parrish? Já viu uma pústula antes?

— Não. Bem, sim... vi um desenho. — Ela exalou o ar dos pulmões. — Minha mãe me levou uma vez a uma exposição de pinturas. O artista era fascinado pela doença e todos os seus trabalhos a retratavam.

— Detalhes suficientes para você reconhecer o que viu hoje como sendo a mesma doença. — Ele a estudou por um momento. Havia admiração em seu olhar. — Surpreendente!

O elogio a aqueceu.

— Por que veio para cá, srta. Parrish? A pergunta a pegou de surpresa.

— Oh, bem, não planejei chegar até este campo em particular. Simplesmente corri.

Um breve sorriso curvou os lábios do lorde.

— Pretendi questionar sua vinda para Manorbrier.

— O senhor pediu que eu viesse. Não se lembra? Escreveu às minhas tias, Cecilia e Hortense.

Anthony fez um movimento com a mão.

— Claro que me lembro que a chamei. Sei muito bem o que eu tinha em mente. Estou perguntando o que se passava na sua. Por que resolveu vir para Manorbrier?

— Oh. — Emma não tinha certeza se desejava divulgar os detalhes de seus pensamentos em relação ao lorde. — Minhas tias são um pouco... hum... desagradáveis.

— A senhorita é a rainha da exposição incompleta. Cecilia é uma harpia e Hortense é uma estúpida.

— Sim, bem, como eu disse, minhas tias são desagradáveis. A casa delas não era minha. Eu era somente uma hóspede, um fardo mal recebido. E elas decidiram que estava na hora de eu assumir o que consideraram minha verdadeira posição na vida. E organizaram para eu me encontrar com vários... homens.

— Você recusou uma proposta de casamento? — perguntou ele, num tom suave. — Por quê?

— Não era casamento que elas tinham em mente — disse Emma, incapaz de continuar encarando-o. Todo o medo e desespero daquela noite parecia ter voltado, amargo como raiz-forte. — Milorde, minhas tias decidiram me vender ao pretendente mais rico.

Uma onda de raiva explodiu no peito de Anthony.

— Suponho que a intenção das duas velhas raposas não tenha se concretizado.

— Não. Minha ingenuidade e sua amável oferta de emprego me salvaram desse destino cruel.

— O fracasso desse plano assegurou a Cecilia e a Hortense continuar levando uma vida confortável.

Emma o fitou, insegura com respeito àquela insinuação, mas a afirmação parecia bem clara. O olhar de Anthony havia esfriado como uma lagoa congelada. Ele estava querendo dizer que as teria prejudicado se a história tivesse tido um final diferente? Seria capaz de tal coisa? Certamente que não.

— Elas acreditavam que o fato de eu ser fruto de uma relação ilícita entre minha mãe e um jovem lorde que morreu em um acidente de carruagem lhes daria o direito de fazer comigo o que bem entendessem.

— Então preferiu vir para a casa de um homem com fama de ser assassino? Essa foi a opção que lhe restou?

Emma o fitou com intensidade.

— Vim para a casa de um homem que precisava de uma preceptora para o filho.

— Alguns momentos atrás, você fugiu como se os cães de caça do inferno beliscassem seus calcanhares. E agora parece tão certa da minha inocência.

— Certa de sua inocência? Não. Mas também não tenho certeza de sua culpa.

— Então prove a si mesma que é uma moça sensata. — Ele riu e deslizou o dedo suavemente ao longo da mandíbula dela.

O contato a fez estremecer. Se fizesse um pequeno movimento com a cabeça, aqueles dedos fortes lhe acariciariam a face... os lábios... Mas em vez disso, afastou-se para trás, pondo fim ao contato.

— Admito que sou uma mulher sem fortuna, sem beleza e com uma língua muito afiada. Creio que "sensata" não é um rótulo mais ofensivo do que esses.

— Acho que tenho uma preferência pelas mulheres sensatas. — A expressão pensativa de Anthony deu lugar à sensualidade.

Céus, aquele homem era irresistível. Tentador. Lorde Craven tocou-lhe o lábio inferior com a ponta do polegar e a estudou por alguns instantes.

— Disse que não era uma mulher bonita, srta. Parrish — falou com voz bonita e sedutora. — Nunca ouviu dizer que a beleza está nos olhos do observador? Alguns homens dão valor a uma mente ágil.

Com um toque leve, ele afagou-lhe os cabelos.

— Inteligência... Lealdade... — As palavras soavam ao mesmo tempo afáveis e ásperas e tão atraentes que ela quase sucumbiu àquela carícia. — Olhos escuros brilhantes... E pele macia como seda.

Emma enrijeceu, entretanto seu pulso reagia de modo selvagem ao toque de Anthony.

Fuja, sussurrou-lhe o bom senso. Lorde Anthony Craven era mais perigoso do que qualquer pestilência maligna. Guardava segredos, segredos terríveis. Uma esposa morta em circunstâncias estranhas, preceptoras mortas enquanto trabalhavam para ele... e cadáveres guardados no topo de sua torre.

Que tipo de homem ele era na verdade? E que tipo de mulher ela era, para desejá-lo daquela maneira?

Emma sentiu o coração bater acelerado de encontro às costelas quando os dedos dele deslizaram lentamente ao longo de seus cabelos. Seu olhar recaiu sobre a boca sensual e generosa a poucos centímetros da sua. Os lábios de Anthony se curvaram num sorriso perigoso. Astuto. Faminto. Ela ergueu o rosto para encará-lo... Expectativa e desejo ardiam em seu peito.

Envolvendo-a pela cintura, Anthony roçou os lábios nos dela numa carícia breve. Então, fez uma pausa e voltou a prová-los com mais ímpeto, mais posse. Sua língua movia-se com sofreguidão, penetrando-a, explorando-lhe as profundezas da boca macia. Não era um toque experimental, mas uma reivindicação. Molhado e profundo, o beijo espalhou-se pelo corpo de Emma, quente, tão quente, que seus seios, ventre e interior das coxas arderam.

Em um determinado momento, ela chegou a pensar que era indecente e rude o modo como Anthony movia a língua em sua boca, mergulhando-a e

retirando-a, aumentando a pressão dos lábios sob os dela. Mas isso não a preocupou. De repente, tudo que importava era o gosto maravilhoso daquele homem. E assim, retribuiu o beijo, arrancando um gemido do peito dele, que a fez estremecer de prazer. Havia êxtase no seu beijo, no seu toque e o contato daquele corpo másculo e sólido pressionado firmemente de encontro ao seu era mais do que sonhara.

Emma não pôde impedir um gemido quando Anthony afastou os lábios. Ele a encarou por um longo momento, com a expressão confusa.

— Você é bonita — sussurrou, soando desnorteado e espantado.

Com o peito apertado e sentindo dificuldade para respirar, Emma o fitou. A paixão que queimava em seu íntimo era intensa, deliciosa e escravizante. Deslizando a língua sobre o lábio inferior, provou o gosto dele mais uma vez. E passaria uma eternidade ansiando por mais.

Depois de algumas horas, a dor no tornozelo despertou Emma de um sono inquieto. Sonhara com pestilência e jardins infinitos de flores-do-campo. Encolhendo-se sob as mantas, tremeu, embora o fogo ardesse na lareira.

— Vejo que já está acordada.

A voz grave de Anthony a tirou do estado meditativo. Assustada, ela olhou ao redor até encontrá-lo de pé próximo à entrada, segurando uma vela na mão esquerda. O corredor estava escuro e a bela face máscula se encontrava sombreada, com gradações de tons claros provocados pela luz brilhante da vela. Emma sentiu o coração apertado ante a visão daquele homem tão belo e tão misterioso.

— Parece que ficará sozinha pelos próximos dias, srta. Parrish. Duvido que seu tornozelo suporte seu peso nesses degraus. — Dizendo isso, ele entrou no quarto, colocou a vela sobre a mesa perto da cama e apagou os restos do sebo com os dedos. — Por que não se muda para o cômodo próximo ao quarto de Nick? Esta caminhada até o terceiro andar deve ser estafante. Em especial para uma pessoa que tem por hábito assaltar a cozinha no meio da noite.

— Creio que meu tornozelo me impedirá de assaltar a cozinha durante um bom tempo, milorde.

Anthony estendeu-lhe a mão.

— Talvez precise disto nos próximos dias.

Emma percebeu que ele segurava um livro, o romance que ela havia começado a ler quando saíra correndo desvairada pelo campo.

— Obrigada, milorde.

Esticando o braço, fechou a mão ao redor do couro usado e nesse instante seus dedos se tocaram. Uma corrente de energia perpassou entre eles, quente, crua... carnal.

— Srta. Emma! — exclamou Nick, contornando as pernas do pai e se lançando sobre a cama.

O momento se dissolveu e ela puxou o livro que caiu sobre o colchão com um baque amortecido. Rodeando-a com os braços, o menino enterrou a face em seu ombro.

— Como está seu tornozelo?

— Agora bem melhor com você aqui para me abraçar.

— Verdade? — Inclinando a cabeça para trás, o garotinho a encarou, procurando a sinceridade em suas palavras.

— Verdade — confirmou Emma, apertando-o suavemente. Nesse instante, seus olhos encontraram os de Anthony. Ela desviou depressa o olhar.

— Papai disse que a senhorita tem que descansar durante pelo menos três dias. Mas vou partir amanhã e quem tomará conta da senhorita?

As sobrancelhas de Nicholas se ergueram com um ar preocupado e os lindos olhos azuis a fitaram com intensidade.

— Partir? — repetiu ela, enviando um relance ao lorde.

— Nick e eu vamos viajar amanhã para visitar meu pai e minha madrastra. Ficaremos fora por quinze dias.

Emma sentiu um misto de alívio e pesar.

— Posso cuidar de mim sozinha, Nick. Não se preocupe.

— E também pode contar com Cookie e a sra. Bolifer. Especialmente a sra. Bolifer. Ela sempre cuida de mim quando me machuco. Tenho certeza que ela cuidará muito bem de você.

Emma contraiu os lábios para conter o riso.

— E hora de ir para cama, filho — disse Anthony. — Temos de nos levantar bem cedo amanhã, rapazinho.

Com um último abraço, o menino pulou da cama e correu pelo corredor. Então, voltou e enfiou a cabeça no vão da porta mais uma vez.

— Vai se mudar para um quarto perto do meu, senhorita?

— Sim, Nick. Quando você voltar de viagem, já terei me mudado para o quarto próximo ao seu.

Com a face iluminada por um largo sorriso, o pequeno deixou o quarto e ela pôde ouvi-lo cantarolando enquanto caminhava pelo corredor.

— Lorde Craven — chamou Emma quando ele se virou para seguir o filho. — Eu não sabia que pretendia viajar. Deseja que eu acompanhe Nicholas?

— Suspeito que seu tornozelo ferido a impediria de cuidar de um menino de seis anos de idade, srta. Parrish. Algo que deve considerar da próxima vez antes de ceder ao desejo súbito de sair correndo a esmo sobre os galopes de sua fantasia.

O tom soou ligeiramente sardônico, fazendo-a ruborizar.

— Por certo o desejo se manterá adormecido até a próxima vez que eu me confrontar com um cadáver portador de uma doença terrível.

— *Touché*. — Ele a fitou de relance, com uma expressão ilegível e os olhos brilhando na luz escura.

Nenhuma explicação fora dada. Um cadáver fora carregado para a torre circular e lorde Craven não lhe ofereceu nenhuma desculpa para acalmar-lhe a mente. Emma desejou saber que explicação plausível poderia aceitar. E agora eis ali a resposta. Ele não lhe dera nenhuma. Mas será que pretendia deixar o homem morto apodrecer na torre enquanto tirava férias em outro lugar? O pensamento era... inconcebível.

Por um determinado momento, pensou que a intensidade do olhar do lorde a devoraria. E, então, ele se dirigiu à lareira, quebrando o elo magnético que se formara entre os dois. Apanhando o atizador, ele espetou uma tora de madeira, gerando uma lufada de faíscas acompanhada por uma série de assobios e estalidos.

O medo de Emma foi suavizado pela convicção de que ele jamais lhe causaria algum mal. Aquela certeza era clara e forte e não conseguia imaginar de onde vinha.

— Estará aqui quando voltarmos? — perguntou Anthony, virando-se e fitando-a com aquela intensidade estranha que a inquietava.

— Sim — respondeu Emma baixando o olhar. — Não abandonaria Nicholas jamais.

Emma podia sentir os olhos verdes do lorde fixos nela, mas não ousou erguer o rosto.

— É uma mulher incomum, srta. Parrish. — As palavras mornas e indolentes giraram pelos seus sentidos com uma sensualidade lenta.

— Incomum? Por quê? Porque corri como uma louca pelo campo?

— Não. — Emma ouviu o som das botas de couro no chão quando ele cobriu a distância curta que os separava e ergueu-lhe a face para que ela o encarasse. O contato a fez sentir um calor luxuriante. — É incomum porque tem uma constância rara e preciosa. Uma firmeza de caráter que admiro acima de tudo.

Uma onda de prazer correu em suas veias e Emma externou sua praticidade, disfarçando o sentimento antes que ele se exteriorizasse.

Constância. Anthony apreciava sua constância. Seria sensata se não lesse nenhum outro significado naquela declaração. Por certo, a avaliava como um patrão avalia um criado.

Não era a primeira vez que mencionava tal coisa. Mas havia algo de novo em suas palavras. Talvez um pouco mais de verdade, podia sentir, mas não conseguiu definir. Quem o havia traído para que ele julgasse a honestidade e a lealdade qualidades tão raras e tão especiais?

Engoliu em seco várias vezes, tentando desfazer o nó na garganta, e encontrou coragem para perguntar:

— Sobre o cadáver, milorde...

— O cadáver, srta. Parrish? — As sobrancelhas escuras se contraíram. — Era um habitante local sem família. Cuidarei para que tenha um funeral apropriado.

— Então o trouxe para cá para enterrá-lo?

Que estranho, arrastar o corpo de um homem até o alto da torre apenas para descê-lo mais uma vez, pensou Emma.

— Não. — Os olhos verdes rebrilharam à luz do fogo. — Trouxe-o para retirar seus órgãos e colher seu sangue.

Deus do céu! A tranquilidade com que lorde Craven dissera aquilo era assustadora.

Emma deixou escapar uma exclamação abafada.

— Há beleza na morte — continuou ele. E lições a serem aprendidas. Eu poderia lhe mostrar. Poderia lhe mostrar maravilhas que a fariam entender. Você tem uma mente rápida. Levaria pouco tempo para aprender. — Ele fez uma pausa antes de recomeçar. — Antraz é só o início. Há varíola, sífilis...

— Sífilis! — murmurou, horrorizada. — O que está dizendo! Não posso... não pode querer dizer que... — Atordoada, ela se afastou com um movimento que soltou seus cachos de cabelos dos dedos fortes que os acariciavam. Mesmo com os olhos cheios de lágrimas, deu as boas-vindas à dor, porque a trouxe de volta à realidade. — Está querendo dizer que sofre desse mal?

— Não. — Um riso afiado escapou-lhe dos lábios. — E estou totalmente surpreso por essa pergunta.

Emma também, mas não tinha intenção de lhe confessar.

— Como pode comentar tais coisas comigo?

— Você perguntou — respondeu o lorde, fitando-a com intensidade. — E eu respondi.

Ele estaria caçoando dela? Não tinha certeza, mas de alguma maneira parecia que aquela risada zombeteira não era direcionada a ela, como pensara antes, mas a ele próprio. Agora havia frieza em sua expressão, uma distância que ele estabelecera. Emma imaginou que talvez o patrão tivesse dito aquelas palavras de propósito para assustá-la. Queria afastá-la. Protegê-la dele.

Anthony tinha a intenção de estabelecer limites e fora bem-sucedido. De repente, ela desejou ficar o mais longe possível daquele homem, de seu comportamento inexplicável e de suas ações secretas.

Torceu a colcha sobre os dedos e encarou o toco de vela ao lado da cama. O silêncio era tão profundo que imaginou ser capaz de ouvir uma aranha tecendo uma teia ou o pó se mexendo sobre a mobília. Então um tronco crepitou na lareira, dispersando suas reflexões e fazendo-a estremecer.

Anthony se levantou e atravessou o quarto.

— Boa noite, srta. Parrish. Durma bem.

Ao chegar à porta, fez uma pausa, permanecendo alguns instantes de costas para ela, com as palmas da mão descansando no batente, e então recomeçou a caminhar. As passadas firmes enfraqueceram ao longo do corredor à medida que se afastava, deixando-a sozinha com seus pensamentos.

— Boa noite, milorde — sussurrou Emma, embora só restassem as sombras para ouvi-la.

Caminhando sob o sol da tarde dez dias depois, Emma não pôde evitar uma careta de dor. O terreno irregular do campo tornava sua caminhada ligeiramente instável, obrigando-a a andar com cautela para evitar machucar o tornozelo, que ainda latejava um pouco com o esforço. No entanto, deu boas-vindas ao desconforto. Isso significava que já estava curada o suficiente para pôr peso sobre o membro ferido. Que bom! Fazia mais de uma semana que Nicholas havia partido, e seus dias se tornaram longos e enfadonhos sem a companhia do garoto. Dez dias haviam se passado com a rapidez de um caracol que atravessa um campo de feno.

A princípio não pôde deixar a cama, forçando Cookie a subir todos aqueles degraus para cuidar dela. E por duas vezes a cozinheira enviara Glynnis, a criada

do andar inferior. Da sra. Bolifer, não havia nem sinal. Uma vez que o inchaço diminuiu o suficiente para permitir que ela se movimentasse pelo quarto, percebeu que não tinha nada para fazer. Nenhum Nick, nenhuma responsabilidade e muito tempo livre com nada para preenchê-lo.

Nada, com exceção dos pensamentos sobre Anthony Craven, e preferia não se permitir passar duas longas semanas pensando no patrão.

Com um suspiro, resolveu desviar a mente daquele homem, com seus demônios, segredos, seu gosto doce e misterioso, e do desejo inebriante que sentia por ele. Passara vários dias deitada, pensando nele e nada mais. Moça tola, tola. Emma lamentou a energia perdida, dedicando os pensamentos e sonhos ao lorde, do mesmo modo que a mãe tecera uma teia de falsas esperanças em relação ao pai dela, apenas para se decepcionar no final. Embora não tivesse muita habilidade e detestasse esse tipo de afazer, deveria ter investido melhor seus esforços num bordado. Algo mais construtivo. Qualquer coisa que lhe ocupasse as mãos e a mente. Infelizmente, não dispunha de linhas coloridas, nem pano. Então, em vez de bordar estava se deixando levar pelas fantasias.

Aumentando o passo, caminhou ao longo do campo, desfrutando do sol, do canto dos pássaros e da brisa. Dias atrás, fugira do castelo em pânico, correndo por aquele campo como se os seres do mal estivessem em seu encalço. Agora caminhava pelo mesmo campo, mas num passo mais tranquilo, tendo tempo de desfrutar a paisagem bucólica, as ricas touceiras de flores e o zumbido das abelhas.

O tempo estava momo e uma brisa refrescante farfalhava entre a folhagem. Exalando um longo suspiro, fechou os olhos e virou o rosto em direção ao sol.

— Olá.

Emma saltou ao ouvir o som de uma voz masculina atrás de si. Com um giro de calcanhares, deparou-se com um homem à sua frente. Não era muito alto e nem forte. Mantendo-se à distância, ele a estudou com uma expressão amável na face. Era bonito, com cabelos alourados e olhos claros, mas havia algo...

— Olá — retribuiu o cumprimentando com um pouco de cautela, descansando a palma da mão na base do pescoço. Estava em um campo deserto com um homem que não conhecia. Embora a situação não parecesse ameaçadora, não se sentia completamente à vontade.

— Dia adorável para um passeio, não?

— Sim.

— Sou Leonard Smythe. Dr. Smythe. De Bosherton.

— Emma Parrish. Recentemente chegada a Manorbrier. Ele era um médico. Curandeiro. Ninguém para temer.

— Bosherton fica muito longe daqui?

— Hum. Uma meia hora a oeste, se a viagem seguir um bom ritmo.

Emma assentiu com a cabeça.

— Ainda tenho que visitar a aldeia.

— A senhorita deve ser a nova preceptora — disse ele, dando um único passo na direção dela.

— Sim. Como sabe?

Emma lutou contra o desejo de recuar. Céus, o que estava acontecendo com ela? O homem não estava sendo nem um pouco inconveniente. Na realidade, era um perfeito cavalheiro, tanto na maneira de agir quanto na aparência. Tinha os cabelos bem aparados, as feições harmoniosas e serenas.

— Os rumores dizem que lorde Craven trouxe uma prima para ajudá-lo com o menino. — O dr. Smythe arqueou uma sobrancelha de modo inquiridor. — A senhorita é prima dele?

— Sou. — Apesar do calor do sol, ela sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Abraçando o tórax, desejou ter trazido um suéter. A brisa tinha assumido uma temperatura fria. — Foi um prazer conhecê-lo, dr. Smythe, mas devo voltar agora.

Sabia que sua atitude era descortês, mas de repente se viu desesperada para deixar aquele lugar. Havia algo no modo como aquele homem a fitava, algo em seus olhos que a enervava.

Virando-se em direção a Manorbrier, Emma deu vários passos. Com o tornozelo se ressentindo devido à caminhada, não pôde evitar de mancar.

— Srta. Parrish, está ferida. Permita-me examiná-la. No instante seguinte, o médico estava a seu lado, antes que ela tivesse tempo de protestar.

Emma fez uma negativa com a cabeça, ansiosa para se afastar daquele homem o mais rápido possível, embora não entendesse por quê.

— Não, obrigada.

— Ele a feriu?

A voz soou como uma lima áspera. Emma não imaginava a quem ele se referia. Então, o encarou, tentando decifrar o significado daquela pergunta.

— Perdoe-me — murmurou Smythe, afastando-se alguns passos e esfregando as mãos. — Devo ir. Sinto muito se a aborreci. É que... Tenha cuidado, senhorita. Ele é um homem perigoso.

Aquilo a golpeou.

— Senhor, está se referindo a lorde Craven? — Emma arriscou, insegura e completamente confusa por aquele homem estranho e seus comentários enigmáticos.

— Ele não é um lorde, srta. Parrish. E apenas o sexto filho de um marquês. Um título de cortesia, nada mais.

A declaração não a pegou de surpresa. Cookie havia lhe contado isso alguns dias atrás, embora num tom mais cortês.

— Qual é o seu propósito em me contar isso, doutor?

O médico pareceu ficar surpreso com a pergunta. Talvez estivesse esperando alguma reação mais forte, embora, na realidade, Emma não conseguisse imaginar quais eram as suas intenções, e o homem não parecia inclinado a elucidá-las. O silêncio se prolongou e os olhos do dr. Smythe se estreitaram ao fitá-la.

— Foi iludida, srta. Parrish. Estou expressando esta opinião certamente não solicitada por causa de minha sincera preocupação pela jovem bem-educada que parece ser. Tome cuidado.

Oh, Deus! Outra advertência enigmática. Emma suspirou.

— Tomar cuidado com o quê, dr. Smythe? Ainda não sofri qualquer ameaça à minha pessoa. — Com exceção do misterioso cadáver vítima de antraz na torre circular, a pessoa que a espreitara no corredor em seu primeiro dia em Manorbrier... e o episódio aterrador no depósito de gelo. Mordendo o lábio inferior, desejou saber se o estranho médico percebera sua decepção.

— Nem todas as ameaças são óbvias, srta. Parrish. — O dr. Smythe fez uma pausa, então continuou num tom mais suave, como se hesitasse em lhe contar a fofoca. — A última preceptora que esteve em Manorbrier teve uma morte terrível.

O homem devia estar se referindo à sra. Winter, pensou ela.

— Que tipo de morte, dr. Smythe?

— Morreu de antraz, senhorita. Encontrei o corpo à margem da estrada para Bosherton, vestido a esmo, com uma pequena mala a seu lado. Pelo que tudo indica, estava fugindo de Manorbrier com uma pressa louca.

Emma o encarou, desanimada. Antraz. A sra. Winter morreria de antraz.

— Que coisa horrível! — murmurou ela, com a mente evocando a imagem da lesão horrorosa no cadáver que Griggs carregara para a torre.

— Srta. Parrish, está me parecendo pálida. Ficarei aqui até que se recupere. — O dr. Smythe gesticulou para uma rocha grande. — Venha. Sente-se aqui um pouco.

— Não, obrigada. Tenho que voltar. — Emma se virou, subjugada pelo desejo de voltar a Manorbrier, para aquele familiar recinto fechado caindo aos pedaços. Apertando as palmas da mão, levou os dedos aos lábios, reconhecendo a dicotomia ridícula no fato de querer fugir e buscar conforto no mesmo lugar onde residia a pestilência à qual o dr. Smythe se referira.

— Como queira. — O médico fez uma breve mesura. Emma deu vários passos, antes de o som da voz dele a fazer estacar.

— Pode contar com minha ajuda, caso seja necessário. Até qualquer dia, srta. Parrish.

Confusa, Emma permaneceu imóvel por alguns instantes, fitando-o por sobre o ombro. Os olhos do dr. Smythe se estreitaram ao contemplá-la. Ansiedade e angústia se misturavam dentro dela. Então, virou-se devagar e começou sua longa caminhada de volta a Manorbrier.

Emma despertou antes do amanhecer do dia seguinte. Depois de tantos dias de inatividade, estava quase enlouquecendo de tédio. Conseguira convencer a sra. Bolifer a lhe dar a chave dos quartos fechados do terceiro andar e permitir que os limpasse. Estava feliz por ter algo com que se atarefar.

Meg, a reservada criada que realizava as tarefas do andar superior, se encontrava na copa, colocando um balde atrás da porta, quando ela chegou.

— Bom dia, Meg — disse Emma, surpresa ao encontrar a moça, que mais parecia um fantasma, sendo vista apenas de relance.

Era a primeira vez que falava com a jovem, desde sua chegada a Manorbrier.

A criada se endireitou tão depressa que quase se desequilibrou. Pousando a mão na parede para se apoiar, hesitou e então se virou lentamente.

A primeira coisa em que Emma reparou foram os olhos da moça. Enormes e azuis, tão límpidos quanto uma manhã de inverno. Era muito jovem, talvez tivesse uns quinze ou dezesseis anos. Com a mão apoiada na parede, a pobre criatura pressionou a outra sobre o abdômen. O gesto chamou a atenção de Emma para o ventre da menina que se estufava de encontro ao avental, moldando o tecido sobre uma forma arredondada. Meg se encontrava num estágio avançado de gravidez.

— Bom dia, senhorita.

— Por favor, me chame de Emma. — Ela a encarou com a testa franzida. — Você não é a criada que conheci um dia após a minha chegada. A outra aparentava ser mais velha e não parecia muito satisfeita de estar aqui.

— Era minha irmã, Alice — respondeu Meg. — Ela ajuda nos dias em que me sinto muito cansada, mas não gosta de ter que fazer este trabalho.

Um pesado silêncio seguiu-se àquela declaração, e as duas mulheres de pé sob a luz do amanhecer se encararam de um modo vago. Então, por fim, Emma voltou a falar, pondo um fim ao prolongado silêncio.

— Meg, sei que não é da minha conta, mas consegue realizar suas tarefas nesse estado?

A criada a encarou por um momento, então respondeu com uma sinceridade surpreendente:

— Senhorita... quero dizer, Emma. Vou lhe contar a verdade, porque acho que está de fato preocupada comigo. Eu a tenho observado com Nick e você me parece ser uma boa pessoa. Não grita, nem bate no menino como as outras. — Virando-se, Meg começou a juntar o material de limpeza enquanto falava. — Não fiquei grávida porque quis. Nem foi nenhum dos rapazes da aldeia que me engravidou. O pai do bebê não vai reivindicá-lo. Os nobres nunca o fazem.

Emma sentiu uma onda de tristeza comprimir-lhe o peito. Então, era isso. Meg exalou um suspiro e continuou:

— Meu pai morreu. Minha mãe tem tuberculose. Tosse sangue e não pode se levantar da cama. Tenho seis irmãos em casa, todos com a barriga vazia. Lorde Craven me manteve aqui, mesmo quando soube da minha gravidez. Em outro lugar eu teria sido demitida imediatamente. Com o material de limpeza reunido, Meg ajeitou o avental com um certo esforço e olhou para Emma. — E me paga trinta libras por ano.

Emma não pôde suprimir um suspiro assustado. Era uma quantia exorbitante. Até mesmo a criada da mais refinada dama de Londres ganhava apenas quinze libras por ano. Uma ponta de suspeita torturou-lhe a mente. Lorde Craven seria o pai do bebê de Meg? O pensamento a cortou como uma lâmina afiada. Não queria que aquilo fosse verdade, não podia negar a dor que tal possibilidade lhe trazia à alma. Embora explicasse a generosidade do lorde. Trinta libras por ano!

Emma encarou a face sardenta da criada. A moça era muito jovem para agüentar o fardo tão severo de encontrar um modo para criar uma criança ilegítima.

— O patrão não quer que passemos fome — continuou Meg num tom de admiração. — E o dr. Smythe só medica minha mãe se lhe pagarmos adiantado. Quando vim procurar trabalho pela primeira vez, contei tudo a lorde Craven. Ele me deu dois xelins. Disse-me para encarar como um adiantamento do meu salário. Só que quando chegou a hora de me pagar, ele não deduziu os dois xelins. E se ele age estranho, sempre querendo examinar um cadáver antes de ser enterrado ou carregando sabão e um jarro de água na carruagem para poder lavar as mãos o tempo todo, bem... Isso não tem importância. Seu dinheiro alimenta minha família, e isso é tudo que me importa.

Emma refletiu sobre o estranho comportamento que a jovem descreveu.

— Por que ele quer examinar cadáveres antes de serem enterrados?

A criada encolheu os ombros, desinteressada.

— Não sei. Talvez todos os médicos ajam dessa maneira. As palavras de Meg a assustaram.

— O que quer dizer com "talvez todos os médicos ajam dessa maneira"? O que isso tem a ver com lorde Craven?

— Não sei... mas médicos e cadáveres estão sempre juntos.

— Está querendo dizer que lorde Craven é médico? — perguntou Emma, totalmente desconcertada pela possibilidade.

Meg a fitou de um modo estranho e assentiu com a cabeça.

— Todo mundo sabe.

A idéia parecia absurda. Não podia imaginar que os lordes da realza tivessem como prática comum cuidar dos mais necessitados.

— Lorde Craven... — Ela hesitou, então usou as palavras de Meg — ...atende os moradores da aldeia?

— Não. Agora ele não faz mais isso. Desde que a esposa morreu.

Emma quase perguntou por que, mas pensou melhor e calou-se. A criada não saberia responder o que se passava na mente do patrão.

Seus pensamentos estavam fervilhando com tudo que ouvira. Então, Lorde Craven era um médico, embora não praticasse mais a profissão. Que revelação estranha e improvável! Por outro lado, explicava sua fascinação por morte e doença. Que enigma era Anthony Craven! Cada peça que ela juntava ao quebra-cabeça parecia aprofundar ainda mais o mistério.

Bem, teria tempo suficiente para ponderar sobre o assunto, enquanto esfregasse o chão e as janelas. Emma deixou escapar um suspiro de resignação.

Planejara as tarefas do dia num esforço de tirar aquele homem da cabeça, contudo parecia que estava destinada a mantê-lo na mente até o fim.

— Meg, vou precisar de alguns trapos e uma vassoura. Ah, e um esfregão e um balde. Vou limpar os quartos no terceiro andar.

— Os quartos do terceiro andar estão fechados. Nunca me permitiram limpá-los.

Emma enfiou a mão no bolso e pegou a chave que a sra. Bolifer lhe dera no dia anterior, sustentando-a no ar como um troféu.

— Não ficarão fechados por muito tempo.

— Oh, bem, então, senhora... quero dizer, Emma... Há um balde extra no canto. E alguns trapos no armário. Pegue o que precisar.

A criada se virou para partir, carregando um balde com água e sabão.

— Meg.

A voz de Emma fez a moça parar. A jovem a observou, segurando a alça do balde com ambas as mãos e a face corada pelo esforço.

— Por que estava me evitando? Gostaria de tê-la conhecido antes.

— Eu não sabia se... — Ela olhou para sua enorme barriga — ...se meu estado a constrangeria. Então preferi observá-la, para ver de que tipo era.

— Observar-me? — Será que isso explicaria a estranha sensação que sentira no corredor na manhã seguinte à sua chegada?, perguntou-se.

A criada contraiu os lábios e assentiu com a cabeça.

— Achei melhor ficar fora do seu caminho até descobrir se era como as outras.

— As outras preceptoras, você quer dizer? As que me antecederam?

Desviando o olhar, a jovem estudou o conteúdo do balde como se lá contivesse algo de grande interesse.

— Meg, quem é o pai do seu filho? Talvez ele pudesse contribuir de alguma maneira, pelo menos financeiramente...

A moça encolheu os ombros e continuou contemplando a água. Tinha a face extremamente corada, embora Emma não tivesse certeza se a cor era causada pelo esforço de carregar o balde pesado ou pelas emoções que suas perguntas lhe causaram.

— Ele me dá algum dinheiro. Às vezes é bastante generoso. Bem, agora preciso me ocupar com minhas tarefas, senhorita. Com licença.

Sozinha na copa, Emma começou a reunir o material de limpeza e os seus pensamentos.

Ele me dá algum dinheiro. Lorde Craven pagava trinta libras por ano à jovem. Ele seria o pai do bebê? O pensamento era torturante. Como o produto de uma união semelhante, sabia muito bem que era comum a um homem de classe alta se divertir e deixar a mulher para enfrentar as conseqüências sozinha.

O que Meg dissera? O pai do bebê não vai reivindicá-lo. Os nobres nunca o fazem.

Emma suspirou enquanto erguia o balde e lentamente caminhou até a escada. A situação da criada era mais uma advertência de que ela não devia sucumbir à forte atração que sentia por Anthony Craven.

Não, a menos que quisesse se ver com um filho na barriga.

CAPÍTULO VI

Esfregar paredes. Lavar janelas. Lustrar o chão. Emma concluiu que a sra. Bolifer estava certa quando a advertiu que limpar os quartos do terceiro andar seria uma tarefa monótona. Os cômodos fechados não guardavam nenhum segredo, apenas pó. Mas pelo menos suas mãos se encontravam ocupadas e estava realizando algo de útil.

Em um dos quartos descobriu uma delicada escrivaninha de pau-rosa, com desenhos nas duas gavetas inferiores. A pintura era muito incomum, com um brilho metálico que se refletia nas cores vividas.

Ajoelhando-se no chão, correu o dedo sobre a frente móvel. Era obviamente uma peça de mobília projetada para o uso feminino, pequena e cheia de detalhes, com flores e um papagaio pintados em um dos lados. Com um trapo limpo, espanou o pó com cuidado. Então, deu asas à imaginação. Lembrou-se dos romances que amava ler, onde uma escrivaninha poderia esconder um compartimento secreto. Uma risadinha escapou-lhe dos lábios. Havia cedido ante o desejo infantil e examinado cada quarto que limpou, sem, porém, ter descoberto nenhuma passagem secreta e nenhum túnel escuro recoberto de teias de aranha. Só paredes, janelas e pó. Mas o fato de imaginar que poderia descobrir algum esconderijo ou tesouro tornara a tediosa tarefa mais suportável.

Voltando a atenção à escrivaninha, abriu a gaveta do centro. Com a respiração presa na garganta, esperou que o conteúdo lhe fosse revelado. Estava vazia.

Destemida, abriu uma gaveta de cada vez, apenas para engolir a decepção de não encontrar nada. Revirando os olhos às próprias idéias ridículas, continuou com a limpeza, trabalhando metodicamente para deixar os quartos arrumados. Uma vez terminado o trabalho, fechou a janela e o trinco, e então se virou para deixar o aposento. Mais uma vez, a escrivaninha lhe chamou a atenção, fazendo-a lembrar-se de um romance que havia lido tempos atrás. Um fundo falso de uma gaveta que continha documentos importante, protegidos dos olhos de espreitadores. É claro que sabia que a vida não era uma obra de ficção, mas não havia mal nenhum em dar uma última olhada.

Novamente examinou cada gaveta, dessa vez à procura de uma fenda escondida ou um som oco incomum, quando bateu os dedos de encontro à madeira. Nada. Desapontada pela ausência de qualquer descoberta significativa, tentou devolver a última gaveta a sua posição inicial, mas não conseguiu empurrá-la até o fundo. Com a testa franzida, retirou-a e pousou-a no chão a seu lado. Então, inclinou a cabeça e espiou a abertura escura.

Lá, bem no fundo, havia um objeto retangular pequeno. Emma o encarou com a excitação crescendo no peito. Esfregando a mão no avental, esticou o braço e o alcançou. Seus dedos se fecharam ao redor da coisa e ela puxou um livro fino de couro. Folheou-o e uma confusão de palavras passou apressada ante os seus olhos. A letra feminina indicava que a descoberta tratava-se do diário de uma mulher. Comprimindo o pequeno volume no bolso, ergueu-se e passou para o próximo quarto, pretendendo examinar seu prêmio quando tivesse um momento de folga.

Trabalhou duro durante algum tempo. Quando restava apenas o chão para lavar, fez uma pausa, com todos os sentidos em alerta. Talvez o desejo secreto de seu coração a tivesse feito pensar que não estava mais sozinha. Ela gelou. Seu coração acelerava num misto de temor e esperança.

Lentamente, se afastou da janela, com os nervos em chamas e a respiração ofegante.

Não se enganara. Anthony se encontrava na entrada do quarto, apoiado no batente, com os braços e os pés cruzados. Tinha os cabelos escuros desalinhados e uma mecha roçava-lhe o ângulo rijo do maxilar.

Por um momento, Emma pensou tê-lo imaginado.

— Voltou mais cedo que o esperado, milorde.

O olhar insinuante do lorde deslizou sobre a sua face, seu corpo, deixando-a quente e corada a cada lugar que a tocava.

Movendo-se com graça e elegância, Anthony entrou no aposento com suas botas polidas batendo no piso gasto. O som ecoou no quarto vazio. Os músculos salientes das coxas bem torneadas ondulavam sob o tecido das calças amarelas. Não se preocupou em retirar o casaco de corte reto, mas caminhou na direção dela, cheirando a sol e ar fresco.

Chegou tão perto que Emma pôde sentir o calor que emanava daquele corpo viril e ver o desejo contido naqueles olhos verde-dourados.

— Milorde — murmurou, recuando um passo e esbarrando no balde.

De súbito, se recordou do estado desordenado de sua aparência, das vestes manchadas e das mãos ásperas. Seu pé cutucou a vassoura.

— Anthony — corrigiu ele com a voz rouca. — Diga meu nome.

— Anthony — sussurrou ela, lutando para tomar fôlego.

— Não pude ficar por mais tempo — disse ele, num tom confuso, como se não pudesse compreender o motivo. Então, esticando o braço, afastou uma mecha solta dos cabelos dela. Embora, seu toque fosse suave, Emma percebeu uma impetuosidade naqueles olhos encantadores que acendeu faíscas pecaminosas, suscitando um forte desejo que serpenteou pelo seu corpo.

Santo Deus, Anthony Craven desabara sobre ela como uma tempestade, destruindo-lhe a compostura, pensou. E tudo que fez foi ficar de pé em frente a ela, fitando-a com aqueles olhos maravilhosos que continham promessas de prazer sem fim.

Pensando que a distância poderia cortar o elo que surgiu entre os dois, recuou alguns passos. Cada movimento de seus membros lhe acelerava a pulsação, acentuando-lhe a estranha angústia que ela mal compreendia.

Enquanto a fitava, a boca de Anthony se curvou em uma linha sensual. Ele sabia. Céus. Ele sabia o que sua mera presença lhe provocava.

— Venha cá — chamou o lorde num tom suave.

— Eu... — Emma tentou falar, mas o som que proferiu foi um grasnado rouco, tão estranho que a deixou atordoada.

Anthony estendeu-lhe a mão, um gesto simples que a atraiu com mais força do que qualquer frase bonita. Desejava se atirar naqueles braços e sentir a força sólida daquele homem envolvê-la. Viver durante um único segundo o sonho de ser amada por Anthony. Ele a queria. Disso tinha certeza. Da mesma maneira que tinha certeza que ele não lhe ofereceria mais nada.

— O que quer de mim? — perguntou, forçando as palavras a sair. Deveriam ter soado melancólicas, mas em vez disso, a pergunta pareceu um desafio. Mas era melhor dizer isso a ele do que deixar sua mente invocar-lhe pensamentos. Afinal, poderia estar errada.

— O que quero de você? — Anthony franziu o cenho e a fitou. Então, deixou escapar uma risada de auto-reprovação. — Quero o que não tenho o direito de querer. Quero vê-la nua em minha cama, com os cabelos soltos e esparramados em meu travesseiro. Ou apreciar sua pele sob suas meias pretas, enquanto as retiro lentamente e deslizo minha língua ao longo das suas coxas até a curva de seus quadris redondos.

Aquelas palavras eram escandalosas, terríveis. Maravilhosas! Ele não deveria falar com ela dessa maneira. Emma mordeu o lábio inferior e sacudiu a cabeça, confusa. Como ela não disse nada, Anthony continuou:

— Aquela noite na galeria de quadros, eu poderia tê-la possuído.

Anthony fez uma pausa, talvez esperando que ela o contradissesse. Fechando os olhos, Emma desejou tampar os ouvidos, impedir a verdade daquelas palavras. Mas não ofereceu argumentos. Sim, ele *poderia* tê-la possuído naquela noite de encontro à parede de pedra, com o retrato da esposa morta os contemplando. Mesmo assim, se sentira escravizada apesar do medo e meio apaixonada pelo senhor de Manorbrier. Ele deu um passo à frente.

— Mas não tenho nenhuma intenção de forçá-la. O que quero de você? Só o que estiver disposta a me dar.

— Não desejo lhe dar coisa alguma!

As palavras saíram apressadas. Eram uma tentativa lamentável de negar seus sentimentos, seu desejo irresistível por lorde Craven. Se não forçasse a mentira a sair depressa, não seria mais capaz de dizê-la.

Emma se afastou até suas costas baterem de encontro à superfície sólida da parede. Enterrando os dedos na textura grossa do tecido da saia, lembrou-se das advertências da mãe, ressoando em seus ouvidos desde quando era criança e pensou em Meg. *O pai do bebê não vai reivindicá-lo. Os nobres nunca o fazem.*

Era isso que queria? Ficar igual a Meg? Como a mãe? Grávida e sozinha? Poria em risco sua chance de mudar a vida de Nicholas, a oportunidade de amá-lo e fazer do menino um homem de bem.

Um gemido baixo de angústia lhe escapou da garganta. Sentia-se insegura, tonta.

Contemplando aquela perfeição chamada Anthony Craven, tentou ordenar os pensamentos. Ele não lhe oferecia nada. Nem casamento. Nem respeito. Nem

casa e filhos. Mas lhe oferecia um pouco de prazer. Por alguns momentos, uma semana, um mês, poderia tê-lo. E quando acabasse, lhe restariam as recordações. A idéia era uma tentação do tipo mais constrangedor.

— Por que eu? — perguntou, lutando para respirar. — Pode se divertir com uma moça da aldeia ou ir para Londres. Tenho certeza de que não encontraria dificuldade em satisfazer...

Incapaz de formar as palavras, parou de repente, para refletir sobre o quadro sombrio que se formou com precisão em sua mente.

— Sim, eu poderia — concordou Anthony, aparentemente com pena dela. Permitindo-lhe a dignidade de não expressar os pensamentos.

Por que eu? Por que eu? A pergunta reverberou entre os dois, sem resposta. Emma teve o súbito discernimento de que talvez Anthony não soubesse explicar a atração que sentiam um pelo outro. Sentia e pronto, da mesma maneira que ela.

— Não suportaria se o senhor me despedisse. Por Nick, quero dizer. Gosto muito do menino, milorde. — Sua respiração saía em forma de suspiros breves que se acentuavam a cada frase que proferia.

Anthony não respondeu, apenas continuou a mantê-la cativa do seu olhar ardente, saqueando-lhe a alma com o desejo que ardia naqueles olhos verdes. Emma precisava tomar uma decisão sensata, embora parecesse quase impossível, com seu coração disparado dentro do peito e a mente repleta de imagens dos dois se tocando.

— O modo como ofega quando sussurra meu nome me agrada — murmurou ele, dando um passo à frente.

Anthony cruzou a distância que os separava com passadas lentas. O olhar fixo no de Emma a fez imaginar que ele conhecia seus segredos, seus pensamentos mais íntimos, os anseios, a confusão indescritível que a dominava.

— Tem noção do que acontece entre um homem e uma mulher? — A voz era cálida, derramando-se sobre ela como mel morno.

Incapaz de falar, Emma assentiu com a cabeça. Ninguém poderia crescer em uma área rural sem adquirir um pouco de conhecimento sobre procriação. Embora duvidasse que as relações entre seres humanos fossem como as dos animais do curral, tinha uma idéia básica de como dois corpos se uniam um ao outro. E no tempo em que vivera com as tias, Annie, a criada do andar inferior, fora bastante prolixa sobre as atividades noturnas das quais participara.

Anthony se aproximou ainda mais; o cheiro delicioso e o calor do corpo másculo eram como poderosas iscas. Emma teve tempo suficiente para fugir,

negar o desejo que corria em suas veias com uma intensidade quase dolorosa. Embora a mente a advertisse que sua escolha era uma loucura, não fez a menor questão de escapar, permanecendo imóvel, com as costas pressionadas contra a parede sólida.

Seu corpo o desejava. Ela o desejava.

Ofegou quando Anthony apoiou uma das mãos na parede, um pouco acima do seu ombro esquerdo. Virando a cabeça, olhou para aqueles dedos fortes e então voltou a encará-lo.

— Não quero ser uma moça sensata — sussurrou com o coração batendo numa deliciosa expectativa. Sentia-se feliz por ele a ter procurado.

Um som indistinto escapou da garganta de Anthony, meio gemido, meio riso. Era difícil descrevê-lo, mas despertou em Emma uma onda de desejo que lhe invadiu o corpo com a violência de uma tempestade. Um desejo que só aquele homem poderia acalmar. Emma agradeceu a Deus por poder ter a parede para sustentá-la, caso contrário teria derretido em uma poça sem ossos aos pés dele. O som de suas respirações se confundia, deixando-a aturdida.

Mais uma vez, ela mordeu o lábio, fazendo-o interpretar o gesto como um convite. Curvando-se para a frente, Anthony deslizou a ponta da língua, acariciando-lhe a carne macia dos lábios. Emma gemeu aturdida pelo contato. Quando sua boca abriu, ele a invadiu sem encontrar obstáculos. A língua quente deslizou para dentro, só um pouco, apenas o suficiente para deixá-la prová-lo. E, então, mais fundo. Lábios, língua e dentes.

Anthony apoiou-se nos braços estendidos, mantendo o corpo afastado do dela, tocando-a apenas com a boca. Não era o bastante. Seus mamilos túrgidos se projetaram de encontro ao tecido do corpete. Incapaz de resistir por mais tempo, arqueou o torso, querendo mais, querendo senti-lo de maneira completa.

Emma deixou escapar um gemido de prazer quando o peso do corpo másculo pressionou o dela, moldando-a às suas formas viris. Era uma sensação luxuriante, estranha e muito excitante.

Zonza de desejo, tentou respirar através de suas bocas unidas. O sabor e o toque daquele homem a penetraram junto com o beijo infinito e delicioso. Com um gemido baixo, Anthony moveu-se, esfregando o corpo com movimentos sinuosos contra o dela, ao mesmo tempo em que sua língua possessiva penetrava-a, explorando-lhe a boca e fazendo-a ofegar.

Emma respondeu à masculinidade que ele exalava, prendendo-lhe o lábio inferior entre os dentes, mordendo, chupando, descendo as mãos de modo provocante, até tocar-lhe as curvas rijas das nádegas.

Encrespando os dedos ao redor daqueles músculos desenvolvidos, atraiu-o mais para si. Então, movendo-se por um instinto cego, esfregou-se lentamente de um lado para outro, seus quadris estavam colados e o calor da palpitação úmida do seu desejo pulsava em suas entranhas. Era como se equilibrar na extremidade de um precipício, se desse um único passo cairia. Mas não tinha a mínima idéia de que modo deveria pisar, como poderia aliviar aquela pressão que crescia dentro de si, igual a vapor dentro de uma panela de comida tampada. Estava entrando em estado de ebulição...

— Oh, por favor. Eu... eu preciso...

Afastando-se, Anthony a fitou e pousou os dedos sobre seus lábios, cortando o que ela ia dizer.

— Você me quer — sussurrou ela, meio sedutora, meio inocente.

— Sim. — A voz soou grave e rouca, extremamente masculina.

Um último vestígio de bom senso a fez falar:

— Honrará sua palavra... não me afastando de Nick quando terminarmos? Quando tudo tiver acabado?

Ao ouvir aquela pergunta, algo mudou nos olhos de Anthony. O desejo que antes refletiam enfraqueceu, dando lugar a uma tonalidade fria de verde. Emma prendeu o fôlego, aflita, sentindo a súbita mudança, ao ouvi-lo exalar um suspiro profundo e se afastar.

— Não! — Toda a sua decepção concentrou-se naquela palavra, a decepção era terrível e esmagadora enquanto ele se afastava ainda mais. Tinha adorado o gosto do beijo dele, o modo como seus lábios e língua a acariciaram, os beliscões suaves e as mordidas lentas. Mais. Queria mais.

— Shh... — Anthony acariciou-lhe os cabelos e curvando-se para a frente beijou-a na testa. Emma ziguezagueou o corpo, querendo sentir o calor da pélvis dele de encontro a sua mais uma vez. Estivera tão próximo, tão próximo de... de algo desconhecido que teria acontecido se ele posicionasse os quadris de volta onde estiveram, se a beijasse como fizera momentos antes.

— Menina gulosa — murmurou ele, como se lhe adivinhasse os pensamentos. Ou talvez ela tivesse sussurrado seu desejo.

Perdido. O momento estava perdido. Poderia sentir isso. Desejou poder voltar no tempo e apagar o que quer que fosse que tivesse dito que o fez mudar daquela maneira.

— Fui o primeiro homem a beijá-la? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha com um ar inquiridor. Havia algo no seu tom de voz. Embora não estivesse sorrindo, parecia estar se divertindo às suas custas, pensou Emma.

Sabendo que seria incapaz de falar, apenas assentiu com a cabeça.

— Pareceu-me bastante experiente para uma moça inocente. — Agora o riso era de escárnio. — Você me mataria na cama, Emma Parrish. Eu acabaria morrendo de esgotamento, suspeito. E muito provavelmente adoraria.

Emma fez uma carranca ao ouvir aquelas palavras, não captando seu significado. Por fim, o ritmo de seu coração reduziu a uma velocidade menos acelerada e sua respiração quase poderia ser descrita como normal. Umedecendo os lábios lentamente, apreciou o contanto da língua úmida contra a pele morna, o gosto dele ainda estava lá.

— Não entendi.

— Eu sei. — Anthony acariciou-lhe a linha do maxilar. — Acho que sou um homem afortunado por tê-la descoberto. E um bobo por não tirar proveito de minha boa sorte.

O quê? O que eu fiz de errado? Emma lutou contra o desejo de alcançá-lo e puxá-lo para si. Num minuto ele a estava tocando, beijando esfregando o corpo contra o dela, até fazê-la pensar que ficaria louca de tanto prazer e no próximo se afastava.

— Por quê? — sussurrou ela.

A expressão de Anthony se alterou, uma mudança sutil que o transformou de amante em patrão distante.

— Não posso lhe oferecer nada além de um flerte sem importância. Merece muito mais e sou incapaz de lhe dar. Quando me perguntou se eu honraria minha palavra... fez-me lembrar que merece ser tratada com respeito. — Ele franziu a testa, desviou o olhar e então voltou a fitá-la. — É uma mulher de integridade rara, Emma. Merece mais consideração.

Então, foram as palavras dela que o fizeram parar? Uma parte de si estava orgulhosa por tê-la salvado da desgraça, da ruína, de cometer o mesmo engano terrível que a mãe cometera. Mas, oh, seu corpo doía com a decepção do feitiço quebrado.

Recuando um passo, Anthony se curvou e recobrou a vassoura que ela deixara cair. Em seguida, cruzou o quarto para erguer o balde de água suja. Emma observou suas estranhas ações, sentindo-se desolada e confusa. Ele estava certo, Ela merecia mais e ficou horrorizada por, nem que fosse por apenas alguns breves momentos, ter considerado a possibilidade de aceitar menos.

Anthony se virou de frente para encará-la com um olhar cheio de pesar.

— Lembra-se, quando eu lhe disse que não era um homem gentil?

— Sim.

— E estou a ponto de fazer algo desse tipo.

— Do que está falando? — perguntou ela, embora já soubesse.

— Eu quero você, Emma Parrish. — As palavras foram pronunciadas num tom baixo e rouco, fazendo-a fremir de desejo. Ela olhou para baixo, incapaz de fitá-lo nos olhos. — Quero tirar suas roupas, tocar suas pernas, sua cintura, seus seios. Penetrar minha língua em sua boca e o meu corpo bem fundo no seu.

— Eu...

O quê? O que poderia dizer? Ela havia pensado em beijá-lo, em pressionar o corpo de encontro ao dele, correr as mãos por aqueles músculos desenvolvidos. Porém, através da segurança do tecido das roupas. Não pensou nada, além disso, embora se sentisse tentada. E quando ele lhe perguntou se ela sabia o que se passava entre um homem e uma mulher, respondera que sim. Não era mentira, mas não pensara no seu significado. Para ela. Para ele. Santo Deus. *Meu corpo bem fundo no seu.* Isso a fez sentir-se corada, confusa, experimentando ao mesmo tempo uma estranha excitação e uma imediata aversão.

Anthony exalou um suspiro profundo e lento.

— Vou me abster de aceitar o precioso tesouro que está me oferecendo.

Emma voltou a encará-lo e percebeu que ele a fitava com um brilho afiado no olhar. Então, sua expressão suavizou e as próximas palavras foram proferidas num tom de surpresa.

— Porque acho que estou gostando de você, Emma. No verdadeiro sentido da palavra. E além do mais, eu a admiro. Estranho, dizer essas palavras. — Ele sacudiu a cabeça. — Admiro sua coragem, seu coração honesto e verdadeiro.

Anthony a admirava e ela podia sentir a nota de incredulidade que permeava sua voz. Os pensamentos do lorde o pegaram de surpresa.

— Não desejo lhe fazer mal algum — continuou ele. — Está sendo salva pela minha excessiva consideração. — Um sorriso pesaroso curvou-lhe os lábios. — E me amaldição por isso. — Ele exalou o ar lentamente. — Vou levar estas coisas de volta à copa.

Virando-se, Anthony ergueu os utensílios de limpeza que havia reunido e deixou o quarto, abandonando-a só e confusa. Retirou-se do aposento como qualquer criada, espirrando água suja nas botas polidas e tudo para escapar dela. *Está sendo salva pela minha excessiva consideração.*

Na tarde do dia seguinte, Emma fez uma pausa para reunir coragem e ajustar a aparência do lado de fora da biblioteca de lorde Craven. Estava receosa de ficar a sós com o patrão. Ainda se sentia atormentada pelas lembranças ardentes do toque, do beijo e da pressão do corpo musculoso daquele homem de

encontro ao seu. Quando a sra. Bolifer lhe pediu para levar uma mensagem à biblioteca, esforçou-se para não dizer à criada que a entregasse ela mesma. Mas Nicholas estava ajudando Cookie a assar um bolo, deixando-a sem uma razão viável para recusar o pedido.

Através da porta parcialmente aberta, ela o avistou. Anthony caminhava como uma fera enjaulada. Doze passos para um lado. Doze para o outro. Parando ao lado da escrivaninha, contemplou um copo de conhaque sobre o tampo, próximo à extremidade. Depois de um momento, pegou a bebida, tomou-a de um único gole e se dirigiu à janela. Emma o julgou pensativo, desconsolado. Seria por sua causa? Aquela melancolia teria algo a ver com o que se passara entre os dois?

Utilizando as reservas de sua compostura e munindo-se de coragem, bateu à porta.

— Entre. — Anthony voltou-se e caminhou até a escrivaninha.

— Sinto muito interrompê-lo, milorde. A sra. Bolifer pediu-me que lhe trouxesse uma mensagem.

Emma permaneceu parada à entrada, sentindo-se insegura. Tinha os nervos destruídos e as emoções ainda não recuperadas da avassaladora paixão que sentira na tarde do dia anterior. Então, esforçou-se para encará-lo. A expressão do lorde aparentava ser fria e desprovida de emoção. Como bom perito que era em mascarar seus pensamentos.

— Nick está ajudando Cookie a assar um bolo — disse ela, então hesitou, desejando simplesmente se virar e correr dali, porque sabia que teria de confrontá-lo, confrontar os próprios anseios e ignorá-los se desejasse continuar em Manorbrier. — A sra. Bolifer pediu que eu viesse.

— Sim, você já disse isso. — Ele contemplou o copo de conhaque vazio, como se só agora se desse conta de sua existência ou esperasse que talvez lhe proporcionasse um meio de fuga. Com cuidado deliberado, pousou-o sobre o tampo da escrivaninha, então voltou a fitá-la. — A sra. Bolifer mencionou algo sobre Bosherton?

— Ninguém morto. Ninguém doente. Está é a mensagem que ela lhe enviou.

Comprimindo os lábios, Emma franziu a testa, confusa a respeito do significado de tal comunicação misteriosa, bem como pela sua inexatidão. Anthony Craven assentiu com a cabeça.

— Mas a mensagem não faz sentido. Meg me disse que a mãe sofre de tuberculose. Por certo teria que figurar entre os doentes.

Emma desviou o olhar, incapaz de encará-lo, seus pensamentos se concentraram na lembrança da gravidez da criada e na pergunta sem resposta de

quem era o pai. Então, pensou nos beijos de Anthony, aqueles beijos adoráveis, impetuosos e seu coração se contraiu ante a possibilidade de que ele tivesse beijado a jovem do mesmo modo.

— A mãe de Meg está morrendo — murmurou Anthony. Voltando a fitá-lo, encontrou-o cabisbaixo, com as mãos enfiadas nos bolsos, como se não pudesse enfrentá-la. Ou como se fosse sucumbir à paixão selvagem e desesperada se tentasse. Emma sentiu as faces queimando, todos os seus pensamentos levavam-na de volta ao mesmo assunto que tanto desejava evitar. Lorde Craven, seus beijos, seu cheiro, seu toque adorável...

Olhe para mim, pensou. Erga o olhar e me aqueça até as profundezas de minha alma.

— Cookie disse que tintura de açafraão pode ajudar — disparou ela interrompendo o crescente silêncio. Tinha o olhar fixo no lábio inferior do lorde, na sombra escura de sua mandíbula, na coluna forte de seu pescoço. Sacudiu a cabeça desesperada para dispersar aqueles pensamentos tentadores.

— A mulher precisa de algo mais poderoso do que tintura de açafraão se quiser durar até o final do ano. — As palavras foram proferidas com genuíno pesar.

— Você não pode ajudá-la?

Ao ouvir a pergunta expressa com tanta suavidade, Anthony ergueu o olhar para encontrar o dela. Emma percebeu a tristeza e a falta de esperança que os nublava.

— Não, não posso. Tentei determinar o agente causador de sua doença. Mas a mãe de Meg não concordou com isso. — Ele meneou a cabeça. — Queira ou não, ela me acha um lunático.

— Não! Por certo ela sabia que estava tentando ajudá-la... Anthony a fitou com um olhar sardônico.

— É isso que os aldeões pensam a meu respeito. O lorde louco de Manorbrier que se fecha em uma torre com cadáveres, que viaja para a aldeia na escuridão da noite para colher sangue que não flui mais de um corpo que jamais voltará a se mover. Pago bem aos enlutados que circulam ao redor como galinhas ansiosas, cacarejando e gemendo enquanto realizo meu estranho trabalho. O dinheiro do sangue assegura que nenhum deles permaneça no quarto enquanto pratico minhas artes macabras.

Emma deduzira um pouco de tudo que acabara de ouvir, através das palavras de Meg durante a conversa das duas na copa. Mas Anthony pintara uma cena satânica, deixando-a com um sentimento horrivelmente incômodo, como se tivesse certeza de que era essa a intenção do patrão. Descrevia-se de um modo

que só podia ser interpretado como um espírito maligno, um demônio, uma besta terrível com intenções obscuras e insanas.

— Mas por que os deixa pensar assim? Por que os encoraja? — Emma não entendia por que Anthony alimentava tais suspeitas absurdas. Não entendia por que ele não se defendia. De repente, recordou-se das próprias suspeitas e medos e a falta de explicação por parte dele, até mesmo para ela. A constatação a afligiu. Embora entendesse o motivo. Anthony queria assegurar uma distância entre ambos, uma barreira de proteção que ela não pudesse ultrapassar.

Então, era essa a sua resposta? Ele usava seu estranho comportamento como uma proteção e as histórias assustadoras como um pára-choque para manter as pessoas afastadas?

Anthony deu um passo na direção dela.

— Pensam que sou um desequilibrado, contudo meu dinheiro compra a cooperação dessa gente. Muitas vezes, esse dinheiro evita que uma família inteira passe fome. Desespero sempre prova ser um excelente motivador e desse modo posso fazer o que eu quero. É melhor que tenham medo de mim. Não quero que me vejam como um salvador ou um herói que pode livrá-los do abraço frio da morte.

— Mas... — Emma tropeçou na pergunta.

A confusão enrolava-lhe a língua. Baixando o olhar, estudou a trama rebuscada do tapete que recobria o chão de madeira polido. Não entendia aquele homem ou suas motivações. Era extremamente atraente, nobre e rico. No entanto, aparentava estar magoado, ferido. Emma desejou acabar com aquela dor em seus olhos, mas como curar uma ferida que não podia ver ou classificar?

Uma corrente de ar se deslocou, despertando-a para a presença dele atrás de si. Erguendo a cabeça, encarou-o e, de repente, o entendeu muito bem, porque viu desejo refletido naqueles olhos verdes. Ousado. Ardente.

— Emma... — murmurou ele, deslizando a ponta do polegar ao longo da face delicada. — Tão tentadora, tão inocentemente sensual em suas reações. Esfregou-se em mim como um gatinho que quer ser acariciado.

Mortificada, ela não foi capaz de responder. Não havia como negar, como defender-se contra a verdade nua e crua daquela declaração. As palavras do lorde a envergonharam, deixando-a ruborizada. Estava de pé, congelada, deleitando-se com o contato da mão máscula em sua face, mesmo sabendo que deveria se afastar. Nada de bom poderia advir daquela louca paixão.

— Você é a preceptora do meu filho, é minha empregada, está sob minha proteção. Que tipo de homem tiraria proveito de tal situação?

A pergunta a fez pensar novamente em Meg, na disposição prática e no ventre estufado da jovem. Ela o encarou, tentando enxergar-lhe a alma.

— Você já se aproveitou?

Anthony piscou, franzindo o cenho. Então, afastou a mão do rosto dela e deixou o braço pender ao longo do corpo.

— Se alguma vez tirei proveito da minha posição? — Ele deu uma risada estrangulada. — Ontem, carreguei a vassoura e o balde de água suja para a copa como um criado comum para evitar a tentação de permanecer no mesmo quarto com você, de concluir o que havia começado. — Os lábios dele se curvaram num sorriso confuso. — Acho que nunca estive na copa em toda a minha vida.

Aquilo era resposta?, desejou saber Emma. O homem jamais dizia um simples "sim" ou "não"?

Contudo, o nó em seu coração aliviara um pouco.

Caminhando até a janela, Anthony Craven abriu a cortina e fitou o jardim inundado pelo brilho morno do sol de fim de tarde.

— Não posso lhe oferecer nada — falou em voz baixa. — E isso não mudará.

Não podia lhe oferecer nada, mas pelo menos lhe oferecera a verdade, abstendo-se de dar voz a mentiras e bonitas promessas que não tinha intenção de cumprir.

— Para lhe oferecer algo além de uma relação ilícita, teria de lhe oferecer meu coração em uma travessa para ser quebrado e traído. — Ele se virou e a fitou, estreitando o olhar. — O que não pretendo fazer uma segunda vez.

Uma segunda vez.

— Delia... — sussurrou Emma, atordoada por ele estar lhe revelando tantos detalhes de sua vida. Jamais imaginara tal coisa. De repente, recordou-se da raiva e da dor que vira em seus olhos aquela noite na galeria. Mais uma vez, as dúvidas assolaram-lhe a mente e ela desejou saber a dimensão do poder que a esposa morta tinha sobre Anthony. Ela não era apenas um mero fantasma. Era uma parede sólida, fria, dura, inflexível em torno do coração dele.

Respirando fundo, Emma caminhou em direção à porta, desesperada para fugir daquele lugar, dos sonhos e desejos que nunca poderiam se realizar. Dera apenas alguns passos, quando se deparou com a constituição robusta da sra. Bolifer parada à entrada. Há quanto tempo a criada estaria ali parada, escutando-os? Sua fisionomia fechada, não fornecia pistas.

Com um crescente sentimento de cautela, desejou saber por que a criada lhe pedira para entregar a mensagem e depois viera pessoalmente à biblioteca.

— Sra. Bolifer. — O vento agitou as cortinas, e o som das botas de lorde Craven ecoou no recinto, quando ele se afastou da janela. Emma sentiu sua aproximação. — Há uma epidemia de varíola em Derrymore. A mãe de Sally Gibbons mora lá. Tem certeza que não há nenhum doente em Bosherton?

— Sim, milorde. Perguntei a Meg esta manhã. A menina disse que estão todos bem. Até mesmo a mãe dela parece estar um pouco melhor. Saiu no sábado para tomar um pouco de sol. Embora no dia anterior estivesse bem debilitada. Tossiu sangue suficiente para inundar um lenço. Tuberculose é uma doença terrível. — A sra. Bolifer inclinou os lábios para um lado e então deixou escapar um suspiro breve.

Emma se dirigiu à porta, esperando escapular sem ser vista. Queria ficar só com seus pensamentos confusos. Então, no último instante, lançou um relance cauteloso por sobre o ombro e viu Anthony fitando-a com uma expressão enigmática. Ao alcançar o corredor, ela enfiou a mão no bolso do vestido.

Oh, Deus! As chaves dos quartos do andar superior. Prometera devolvê-las à sra. Bolifer, mas a tarefa lhe escapara da mente. Retrocedendo alguns passos, parou do lado de fora da porta aberta. Esperaria por uma pausa na conversa dos dois, antes de anunciar sua presença,

— Mais alguma coisa? — perguntou Anthony.

— Sim, milorde, há mais uma coisa. — A criada abaixou a voz. — Ela o conheceu. Os dois conversaram.

— É mesmo? — O tom do lorde soou frio e afiado. — Aqui? Ele entrou em Manorbrier na minha ausência?

— Não, ele não veio aqui. A srta. Parrish havia saído para um passeio e o encontrou por acaso.

O som do seu nome a fez ficar alerta. Que estranho. Eles estavam falando dela! E depois de um momento, percebeu que ambos discutiam seu encontro com o dr. Smythe.

— Não há nada de accidental nisso, disso pode ter certeza. Não da parte dele. Como ele soube que ela sairia naquele dia?

— Ela saiu diariamente.

— A senhora a deixou vagar por aí? Por que ninguém a estava acompanhando?

— Não podia mantê-la presa no quarto, milorde. Ela é uma mulher adulta. Havia pouco com que se ocupar em sua ausência. Acho que a moça estava entediada.

— Sra. Bolifer, está me acusando pelo tédio da preceptora?

— Não, milorde. Simplesmente estou lhe dizendo que ela adquiriu o hábito de caminhar e o senhor não deu nenhuma ordem para manter um cão de guarda atrás dela.

— Pensei que o tornozelo ferido a mantivesse perto de casa. Deveria ter imaginado que a nossa senhorita Parrish não se conformaria com uma vida de lazer.

Um breve silêncio se seguiu. Emma encostou as costas na parede, enquanto se martirizava sobre a impropriedade de ouvir uma conversa às escondidas. Não tivera essa intenção, pretendia apenas devolver a chave, mas estava curiosa para saber como eles ficaram a par do seu encontro com o dr. Smythe. Não escondera o fato, mas também não viu necessidade de comentá-lo com alguém.

— Está trabalhando para mim há bastante tempo, sra. Bolifer. Sua língua está muito afiada e seus modos desrespeitosos. — A nota de humor sutil no tom de voz do lorde suavizava suas palavras. Emma se recordou da noite em que ele se referiu a Cecilia e a Hortense, imitando-as com irreverência e precisão.

— Alguém precisa lembrá-lo de que é apenas humano.

— Sei o que sou, sra. Bolifer. Não há necessidade de me lembrar.

— Milorde...

— Diga a Griggs para me avisar se há sinais de varíola. Preciso ser informado imediatamente. Quero recolher o sangue do morto. E se for sangue de um moribundo, melhor ainda.

Havia se passado menos de uma hora desde que Emma escutara aquela estranha conversa entre a sra. Bolifer e lorde Craven. O diálogo ainda não fazia sentido algum. Enfiando a mão no bolso da saia, ela fechou os dedos ao redor das chaves dos quartos do andar superior. As pontas frias de metal pressionaram sua pele. Era um bom motivo para procurar a criada.

Fechando os olhos, reforçou sua resolução, antes de bater de leve na porta dos aposentos da sra. Bolifer.

— Sim? — A voz da mulher soou impaciente.

— Sra. Bolifer? Posso lhe falar um instante?

A porta se abriu e a criada a fitou através da reduzida abertura. Os olhos cinza se estreitaram com uma irritabilidade indisfarçada.

— Estou fazendo a contabilidade doméstica, srta. Parrish, O que deseja?
— Quando a porta se abriu mais alguns centímetros, um cheiro suave inundou o corredor. Cheiro de limões frescos, pensou Emma, franzindo a testa. Havia algo de familiar naquele cheiro, algo de estranho.

— Gostaria de lhe falar por um momento, se for possível.

— Só por um momento. — Com má vontade, a criada se afastou, permitindo que ela entrasse.

Emma deu alguns passos, estudando o ambiente e o achando bastante inesperado. Imaginara um quarto pardo e cinzento, não diferente da própria mulher. Mas em vez disso, se deparou com um cômodo luminoso, pintado de amarelo-creme, com cortinas de uma cor um pouco mais escura, que adornavam as janelas.

A sra. Bolifer contornou uma mesa redonda pequena com duas cadeiras de espaldar alto e sentou-se em uma delas. Embora a segunda estivesse vazia, não a ofereceu a Emma.

— Bem? O que deseja? — perguntou, tamborilando os dedos sobre um livro.

— Vim devolver as chaves dos quartos do terceiro andar.

O tamborilar cessou abruptamente. Os dedos da sra. Bolifer congelaram sobre a capa de couro duro, encrespando-se como garras afiadas.

— Dê aqui, então.

Puxando as chaves do bolso, Emma se aproximou. O cheiro estranho que sentira antes, agora parecia mais forte. Limão. Misturado com alguma outra substância.

Sua respiração ficou presa na garganta. Conhecia aquele cheiro medicinal, recordava-se muito bem do odor que a rodeara quando ficara presa no depósito de gelo. Era o cheiro de portas fechadas, de maldade e más intenções.

— Não achou nenhum segredo lá, não é? — A sra. Bolifer esfregou o ombro mutilado através do tecido do vestido e o aroma pungente tornou-se mais forte, cercando Emma como um redemoinho espesso, o que fez uma leve náusea agitar-lhe o estômago.

Por um momento pensou que a criada se referisse ao depósito de gelo, reconhecendo o que fizera abertamente. Mas, não, a mulher referia-se aos quartos do terceiro andar.

— Não achei nada além de pó e sujeira.

O olhar de Emma se fixou na mão da sra. Bolifer, que massageava o ombro com movimentos circulares, enquanto o cheiro de limão aumentava. Teria sido a criada que a prendera no depósito de gelo, com a intenção de fazê-la cair? Será que lorde Craven sabia e essa era a razão para aquela estranha conversa que escutara? As perguntas lhe assolavam a mente.

Ansiosa por sair dali, pousou a chave sobre a mesa e se dirigiu à porta, apressada. Então ouviu o farfalhar das saias pretas da sra. Bolifer e o rangido lânguido da cadeira, enquanto a mulher trocava de posição. Com a mão descansando sobre a maçaneta de metal, Emma falou por sobre o ombro, impelida por uma necessidade inexplicável de saber quem era o seu inimigo.

— A senhora está sentindo cheiro de limão?

— É o meu ungüento. Cookie consegue a receita com o médico da aldeia e faz a mistura para mim todas as semanas. Banha de ganso derretida com suco de raiz-forte, mostarda e terebintina. E acrescenta cascas de limão com o suco apenas para atenuar o cheiro. Uso isso para o meu braço. O que perdi.

Do médico da aldeia? Ela estaria se referindo ao dr. Smythe?

— Ainda dói? — perguntou Emma, com uma pontada de pesar no coração.

A criada riu, melancólica.

— Não como quando aconteceu. Levou menos de dois minutos. Mas foram os dois minutos mais longos de toda a minha vida. Às vezes, acordo no meio da noite e acho que ele ainda está lá. Tento alcançar a água ao lado de minha cama. E posso sentir meus dedos se fecharem ao redor do copo.

— Que coisa horrível!

— Horrível? Talvez. Mas era isto ou uma mortalha e uma sepultura fria. Então ele o amputou. Implorei e gritei, mas não havia nenhum outro modo de me salvar. Meu marido estava morto. E o meu braço carbonizado.

— Santo Deus!

— Era de se esperar que qualquer um esquecesse, depois de sete longos anos. Mas há noites em que a dor é tão intensa como se tivesse acontecido ontem. E hoje, bem, hoje estou feliz com o ungüento de Cookie.

— Contou isso a lorde Craven? Talvez ele tenha algum remédio...

— Ele foi o primeiro a cuidar do meu braço.

Emma contraiu os lábios com os olhos marejados de lágrimas.

— Lorde Craven amputou seu braço — sussurrou ela.

— E pagou um preço caro por isso. Quis poupar meu sofrimento e trabalhou mais rápido que o bater das asas de um beija-flor, assim me contaram. Mas sua mão foi atingida pela lâmina e acabou perdendo parte de um dedo. Mas isso não o deteve. Continuou o trabalho e só quando tudo estava terminado cuidou do próprio ferimento.

A visão de Emma nublou ao mesmo tempo que a bÍlis amarga subiu-lhe à garganta. O quarto girou e balançou ao seu redor.

— Não desmaie por minha causa, moça. Não disponho de saís de cheiro. — A sra. Bolifer bateu-lhe de leve na face.

— Não, claro que não. Nunca desmaiei em toda a minha vida. A criada a encarou por um longo momento.

— Queimei-me em um incêndio. Meu marido morreu devido à fumaça. Só agradeço a Deus que ele não tenha vivido o bastante para se queimar. Meu braço estava carbonizado, mais preto que carvão.

— Que coisa horrível! — sussurrou Emma, colocando a mão sobre a da sra. Bolifer, na intenção de lhe oferecer um pouco de conforto. Pobre mulher. Ser queimada em um incêndio e perder o marido naquela mesma noite... — Então foi por isso que na noite em que cheguei a Manorbrier, a senhora me advertiu para nunca deixar uma vela acesa sozinha. E a maior parte da casa estava às escuras. Agora as coisas começam a fazer sentido.

— Hum. É mesmo? — A criada ergueu-se e caminhou até a lareira. Então, pegou um porta-retrato da cornija e contemplou a fotografia por um longo momento. Em seguida, caminhou até Emma e o passou às mãos dela. — Meu marido. — Havia uma riqueza de emoções enterrada naquelas duas simples palavras. O casamento da sra. Bolifer tinha sido um casamento por amor, percebeu surpresa. — Ele o enterrou sob as roseiras.

— Como? — Emma tomou fôlego, desorientada pela declaração desencontrada da criada.

— Não suportaria pensar que meu braço foi jogado no lixo. E amo rosas.

— Seu braço está enterrado sob as roseiras?

Emma espiou os canteiros através da janela, assustada. Caminhava quase diariamente ao lado daqueles arbustos. Jamais os veria da mesma maneira.

— Não aqui. Sob as minhas roseiras. Eu tinha um pequeno chalé nos arredores de Londres. O marido de minha filha o reconstruiu depois do incêndio. Agora ela vive lá com ele.

Emma sempre imaginara que a sra. Bolifer era uma alma perdida, só no mundo.

— Já trabalhava para lorde Craven antes do incêndio?

— Não. Nunca tinha ouvido falar sobre ele antes daquele dia. Mas foi sua oferta de emprego que me manteve sã. Deu um novo propósito à minha vida quando eu não tinha mais nenhum. Minha filha já estava casada nessa época. Seu marido é um homem decente, mas não gosta da minha companhia. Bem isso é tudo.

— E Griggs? E Cookie? O lorde também deu um novo propósito à vida deles quando eles não tinham mais nenhum?

— Sim.

— Onde estão as cicatrizes de Cookie? — perguntou Emma.

— No coração. O filho dela morreu.

— Oh... que horror! — Emma sentiu o gosto salgado das lágrimas que lhe escorreram pelo rosto. Pobre Cookie.

— Ele morreu e ela quis partir com ele, tentou partir com ele, achando que nenhuma criança deveria ser separada dos pais. Bem, agora chega de conversa — murmurou a sra. Bolifer, abrindo o diário mais uma vez.

Emma caminhou em direção à porta, sentindo-se mais confusa do que quando chegara. A conversa com a criada esclarecera alguns pontos e suscitara outros tantos em suas dúvidas e preocupações.

CAPITULO VII

Nicholas havia adormecido, Emma sentou-se na cama com as pálpebras quase fechando. O menino falara sem parar sobre sorvetes e pôneis até o esgotamento envolvê-lo. Depôs dando-lhe um beijo na testa, ela se ergueu e se dirigiu aos seus aposentos, que agora ficavam adjacentes aos do garoto.

Deixando as portas dos dois quartos ligeiramente entreabertas, caminhou sobre o chão atapetado, correndo os dedos ao longo das pesadas cortinas da grande cama de dossel. Então, olhou para a mesa de canto e avistou o diário que repousava esquecido sobre a superfície polida. Pegou-o e em seguida, caminhou em direção ao banco próximo à janela, sentou-se e o abriu com cautela. Deslizando o indicador sobre o manuscrito delicado, reconheceu a letra da prima Delia, pelas cartas que ela postava com regularidade às tias.

Estou muito feliz, leu na primeira linha. Conheci o homem com quem me casarei. E, como uma princesa em um conto de fadas, viverei feliz para sempre.

O coração de Emma ficou apertado de tristeza. A história de amor da prima não tivera um final feliz.

Conheci L.S. e logo me enamorei. Mas, ele é um simples médico rural, sem título ou recursos. É uma pena que nossa relação não possa ter futuro, porque sinto que encontrei minha alma gêmea, meu verdadeiro companheiro. Em vez disso, decidi me casar com lord R.

As sobrancelhas de Emma se ergueram em confusão. Lorde R? Quem seria lorde R?

A senhorita C. foi pega beijando lorde Q. no jardim. Lorde L. usava uma gravata manchada e as senhoras riram por trás de seus leques.

Ao término da descrição de cada baile, Delia escrevia a inicial de um lorde com quem pretendia se casar. Parecia que o mesmo cavalheiro nunca era listado duas vezes. Emma sentiu-se atordoada. As tias sempre a fizeram acreditar que lorde Craven entrara na vida de Delia como um furacão, convencendo-a a se tornar sua noiva, antes que ela pudesse pensar sobre a decisão que estava tomando. Descreviam-na como uma menina ingênua, que não tivera oportunidade de considerar qualquer outra corte. Pintavam lorde Craven como um monstro que a iludira com falsas promessas. Mas pela própria aceitação escrita de Delia, não era bem assim.

A música era encantadora. Conheci lorde C. Ele é incrivelmente belo e já se enamorou de mim. Dizem os rumores que é tão rico quanto Croeseus. Acho que me casarei com, lorde C. porque é o mais rico de todos.

Houve uma súbita mudança no tom e conteúdo daquela declaração. O fervor da caligrafia e dos pensamentos de Delia já não refletia a frivolidade anterior; em vez disso descrevia uma mente determinada. Ela havia se tornado a caçadora e Anthony a caça, mas talvez ele não tivesse ciência disso na ocasião, pensou Emma. De acordo com o diário de Delia, ela fora extremamente cuidadosa, fazendo com que sua presa tivesse a impressão de que a estava caçando. Era difícil imaginar lorde Craven como o jovem que Delia descrevia, um homem que se rendia com facilidade ao feitiço de cílios tremulantes e trejeitos sensuais.

Ela fez uma pausa, descansando o dedo indicador sobre a última palavra da página. Não era apenas a descrição escrita de Anthony, tão unidimensional, o que a fazia parecer quase cômica, mas havia algo faltando naquela história. Emma bateu a unha sobre o papel, então parou de repente como se já soubesse a resposta.

Estranhamente, Delia evitara mencionar a proposta, o primeiro beijo e o que sentia nos braços de Anthony. Emma sabia por experiência própria o que era ser abraçada e beijada por aquele homem. Teria dedicado uma prosa ilimitada a esses pensamentos e sentimentos gerados pelo toque dele.

Com o cenho franzido, pulou as páginas que descreviam o conteúdo da casa de Londres de lorde Craven, as viagens de Delia para fazer compras e sua agonia de ser forçada a escolher entre o vestido rosa ou o azul. E, então, o tom do diário mudou mais uma vez.

Não estou com a mínima vontade de ir a Gales. Não desejo ver Manorbrier. Houve um tempo em que Anthony me amava loucamente, atendendo a todos os

meus pedidos, com exceção de uma vez, quando lhe pedi que deixasse aquela horrível cirurgia no East End, onde ele trabalhava para os pobres. Esse pequeno pedido ele me negou. E agora vive me contrariando. Implorei-lhe que me deixasse terminar a temporada, mas ele está inflexível, tirânico, até mesmo cruel. E tudo porque fiz uma pequena escolha que ele desaprovou. Certo. Talvez ele tivesse suas razões. Talvez tivesse direito a opinar, mas ele nunca teria concordado comigo. Às vezes acho que o odeio.

Emma estava assustada tanto pela emoção evidenciada através das palavras escritas quanto pelo conteúdo das declarações. Que escolha teria deixado Anthony tão enfurecido?

Odeio Manorbrier. Anthony se fecha por horas, até mesmo dias, naquela horrível torre, deixando-me à própria sorte. Não há prazer em pertencer à alta sociedade. A aldeia, Bosherton, com seus camponeses e fazendeiros, não tem lojas de boa qualidade. Estou entediada, entediada, entediada. Não sei por que continuamos aqui. A aldeia não precisa de Anthony, eles já têm um médico. Embora eu tenha que dizer que comecei a me reaproximar do dr. Smythe e é difícil imaginar um homem mais amável e solícito. Parece que ele conheceu Anthony em Londres, mas quando sugeri a meu marido que poderíamos convidar o amigo dele para jantar, ele ficou irado. Estou com medo do seu mau humor, que ficou mais freqüente desde que viemos para este lugar horrível.

Folheando à frente, Emma esquadrinhou as datas nos topos das páginas. Semanas e até mesmo meses se passaram sem nenhuma anotação. Então...

Não vejo Anthony há dias. Ele se trancou na torre, e quando ordenei a Griggs que destrancasse a porta, ele se recusou. Imagine só. Um criado desobedecendo a patroa. Mas a mais pura verdade é que não sou a patroa de Manorbrier. Em vez disso, acho que sou uma prisioneira. Embora não haja barras de ferro nas janelas e nenhum carcereiro, não me sinto livre para ir e vir. Outro dia, quando fui caminhar, ao parar para estudar um jacinto, percebi que a criada, aquela criatura horrorosa que só tem um braço, me seguia a uma certa distância. Ela viu quando a fitei, e tudo que fez foi sorrir. Tenho de achar um modo de deixar o solar sem a presença dela. Meu único amigo aqui é o dr. Smythe que permanece firme em seu apoio. É meu confidente e abro minha alma com ele quando nos encontramos. Mas devo ter cuidado com Griggs. Como a criada, ele também é subordinado ao meu marido. Só a cozinheira é amável comigo. E agora que descobri a terrível verdade, o perigo aumentou. Não posso escrever as palavras, porque vê-las no papel as tornaria reais demais e eu não poderia suportar. Não ainda. Falarei com o dr. Smythe — Leonard — primeiro. Ele me aconselhará, como sempre faz agora.

Que terrível verdade Delia teria descoberto?

Emma sacudiu a página, ansiosa para prosseguir a leitura e ficou desapontada ao não encontrar resposta na próxima anotação, que apenas descrevia minuciosamente a visita de Delia às tias Hortense e Cecilia. Com um suspiro, fechou o diário sentindo o coração pesado.

Sua prima não amava o marido. Na verdade, o detestava. E tudo que Emma podia pensar era que se Anthony Craven lhe desse o seu coração, ela o trataria como se fosse um tesouro. Delia o magoara e nunca retribuiu o amor que ele lhe dedicara.

Esfregando a mão lentamente sobre a capa de couro, ergueu-se e colocou o diário de volta na mesa. Por ora, não estava mais com vontade de ler. O volume parecia não conter nenhuma resposta. Na realidade só serviria para aumentar sua inquietação em vez de diminuí-la.

Voltando ao assento da janela, permitiu que sua mente vagasse para onde quisesse e, fazendo isso, o foco de sua atenção voou para onde ela desejava: Anthony Craven.

Fechando os olhos, lutou contra o tumulto interior. Os pensamentos emaranhados recordavam o beijo, as carícias e o contato do tórax musculoso do belo lorde pressionando-a contra a parede. Com um suspiro frustrado, virou a cabeça em direção à janela. Pelas vidraças podia discernir a silhueta da torre circular contra o céu estrelado.

A torre que era sempre mantida fechada. A torre que hospedava a morte.

De repente, uma chama brilhou lá fora e então desapareceu abruptamente. Apagando a própria vela, Emma voltou à janela e pressionou o nariz no vidro para investigar a escuridão. Uma sombra se moveu, mas apenas por um segundo, antes de ser engolida pelo breu da noite.

Pegando as botas do chão, atou os cadarços, apressada. Já bastava de sombras inconstantes, advertências sussurradas e insinuações veladas. Naquela noite teria as respostas que buscava.

Carregando uma vela de sebo, caminhou pela casa silenciosa e saiu pela porta da cozinha. Tivera sorte de não ter encontrado uma única alma em sua viagem noturna através do gramado bem cuidado.

Parando à sombra da torre, recordou-se vividamente da imagem de Griggs com o cadáver sobre um ombro, pegando a chave que trazia pendurada no pescoço, e desejou saber como faria para entrar. Mas suas preocupações não tinham fundamento. A porta já havia sido destrancada, um presente da sorte que a fez sentir um calafrio. Quebrar a fortaleza estava provando ser uma tarefa muito fácil.

Deus, que estranheza espreitava naquele lugar que inspirava medo àqueles que habitavam em Manorbrier?

O ar era denso, com cheiro de mofo e decadência. Um arranhar tênue soava de cima a baixo, sendo amortecido pela construção de pedra grossa. Emma estremeceu. Ratos, suspeitou. Mas nem a ameaça de animais daninhos repulsivos a faria desistir. Pisando no próximo degrau e no próximo, subiu em direção ao desconhecido.

O mau cheiro aumentou. Seu estômago revirava à medida que seus sentidos reconheciam o aroma que penetrava as paredes em ruínas. Não era a simples decadência de um castelo velho. A torre cheirava a morte, e a cada passo que dava, o cheiro se tornava mais forte, até ela imaginar que poderia senti-lo na ponta da língua.

Ao chegar ao topo da escadaria parou, estendendo o braço que segurava a vela para ampliar o campo de visão. O brilho chamejou contra a parede distante. Com uma troca sutil de mão, moveu a chama, de modo que a luz recaiu sobre uma estrutura, uma mesa na qual avistou vários documentos empilhados com meticuloso cuidado. Aproximando-se, examinou a superfície de madeira manchada de escuro em alguns lugares devido ao uso e à idade.

Algo a fitou com um par de olhos vazios. Um grito de pavor lhe escapou da garganta. Duas covas ocas na ossatura amarelada de um crânio humano a encaravam, forçando-a a engolir a bÍlis que exigia ser expelida. Não vomitaria. Não permitiria que o medo superasse a razão, pensou.

— Bobagens e tolices — disse a si mesma, investigando os cantos escuros do recinto. Seu olhar voltou ao crânio e sua voz tremeu ligeiramente quando falou novamente. — Seja sensata. Seja forte. Não há nenhum monstro aqui. Apenas ossos secos, sua tola.

Como se em respeito às suas palavras, o vento uivou, sacudindo as venezianas e sussurrando através das brechas. O som da lamúria tímida serpenteou ao longo de sua espinha.

A luz da vela iluminou uma série de vidros em uma segunda mesa que se encontrava na parede distante. Emma se moveu com cautela, o aroma denso de coisa pútrida aumentava à medida que ela se aproximava. Fixando a vela sobre a mesa, ela olhou para a coleção de vidros.

Então, algo se moveu.

Saltando para trás, Emma levou a mão ao peito. Com um riso nervoso, inclinou-se para a frente, a fim de examinar o que havia naqueles vidros. Seu olhar horrorizado fixou-se no conteúdo. Larvas de inseto. Dúzias... não, centenas

de larvas de inseto grossas, gordas que escovam pelo que parecia ser um pedaço de carne putrefata!

Carne humana? Santo Deus!

Instintivamente, Emma virou o rosto, lutando para respirar. Que tipo de homem era Anthony Craven? Aquele lugar, seu reino... era repugnante.

Determinada, apanhou a vela e se dirigiu a uma terceira mesa adjacente à segunda. Na escuridão, podia ver o esboço de uma quarta mesa, começando no canto mais distante. Com uma ruga na testa, encarou uma coleção de placas que continham uma substância gelatinosa, que parecia ser um pudim de sangue. Depressa as alcançou, pretendendo tocar e sentir o cheiro daquilo, a fim de determinar exatamente o que era.

De repente, a face de Griggs surgiu diante de seus olhos e a advertência severa ricocheteou ao redor de sua mente. *Há morte naquela torre, senhorita. Morte.*

Emma recuou. *Morte.* Então, encarou as placas inócuas e estremeceu. Novamente o vento uivou e o som que ela ouvira momentos antes recomeçou. Olhando para as pedras sob seus pés, esperou ver um rato roendo-lhe as botas. Com um calafrio, afastou-se das sombras do canto mais escuro.

A última mesa continha um sortimento de vidros maiores, aglomerados uns aos outros, os conteúdos macabros preservados em meio a um fluido claro. Um porco morto. E o que parecia ser o coração de uma vaca.

Emma caminhou ao longo da mesa, parando vez ou outra para aproximar a vela dos conteúdos de cada um. De repente, uma umidade fria penetrou pelo tecido de seu vestido, atingindo-lhe a pele e até mesmo os ossos.

Girando para encarar a entrada escura que dava para os degraus, perguntou apreensiva:

— Quem está aí?

O vento uivou uma resposta triste.

Fitando os vidros mais uma vez, assegurou-se em silêncio de que eles não continham nada para temer. Apenas pedaços de carne conservados em formol. Sim, pensaria neles como tal. Como uma língua ou um peito que poderiam ser fatiados e servidos frios. Fez uma careta, sentindo-se nauseada.

Empurrando a vela um pouco adiante, voltou sua atenção ao último vidro da fileira. Não era maior, nem menor que os outros. Continha o mesmo fluido claro com algo flutuando em seu interior. Emma o examinou e o conteúdo começou a tomar forma. Quando sua mente assimilou o que seus olhos viram, a mão que segurava a vela começou a tremer. O horror cresceu em seu peito como uma flor

venenosa. A coisa flutuou, branca, morta e seca, apesar do ambiente molhado. Não podia argumentar, não conseguia raciocinar.

Encarando-a de trás de uma prisão de vidro, havia um par de olhos humanos, destituído de consciência. Uma boca humana aberta, congelada para sempre em uma imitação de um grito sem som. Uma cabeça. Uma cabeça humana, cortada na base do pescoço, flutuando no líquido que a banhava.

Emma gritou, mas seu horror entorpeceu o som a um grasnido seco. Fora pega em um quadro vivo de irrealismo obscuro.

O vento uivou mais uma vez. As venezianas sacudiram e então pararam. O silêncio súbito de alguma maneira parecia mais funesto que o estrondo. A vela chamejou, crepitou e apagou, deixando-a na escuridão. Ela apertou o candelabro, mas sua mão tremia tanto que mal conseguia segurá-lo.

Gelada de medo e repulsa, agüentou alguns momentos na escuridão. Então, assaltada pelo terror agudo, correu em direção à escada. Mas algo lhe prendeu uma das pontas da saia. Caindo de joelhos, Emma bateu contra o chão duro de pedra. Apavorada, ergueu-se depressa e enxugou as lágrimas que fluíam despercebidas ao longo de sua face.

Por fim, alcançou os degraus. Um resto de bom senso a advertiu a reduzir a velocidade dos passos. Tarde demais. Seu pé deslizou e ela se precipitou para a frente. Com um grito, esticou um braço para se firmar, mas seus dedos se fecharam ao redor do vácuo.

— Emmal!

Os braços fortes se fecharam em torno dela, no momento em que oscilava à beira do precipício, a milímetros de se esborrachar como uma boneca de trapo ao pé da escada.

Deveras entorpecida para lutar, permitiu que Anthony a pressionasse contra o peito musculoso, carregando-a de volta à sala macabra, repleta de aberrações. Um gemido de protesto lhe escapou dos lábios, mas não impediu o progresso do patrão. Ele a colocou de pé, encostada à estrutura sólida do corpo viril, oferecendo-lhe suporte, enquanto retirava algo do bolso.

Um ruído se fez ouvir e no mesmo instante a luz de um fósforo iluminou parcialmente o ambiente. Anthony a tingiu pela cintura e encostou a chama à vela postada próximo à beirada da mesa repleta de papéis amarelados.

— Está machucada? — indagou ele em tom urgente, enquanto deslizava as mãos firmes pelo corpo feminino até a panturrilha à procura de algum ferimento.

— N... n... nã... — Trêmula, Emma era incapaz de formular sequer uma palavra.

Anthony se ergueu de modo abrupto, girando em direção à mesa que continha as fileiras de placas de vidro e aproximando-se do móvel, com um braço firmemente fechado em torno da cintura delgada. Emma agradecia por aquele suporte. Se ele a soltasse, por certo se dissolveria no chão como uma poça líquida.

— Tocou em alguma coisa? Removeu as tampas? — inquiriu Anthony de modo brusco, fitando-a nos olhos e segurando-a com firmeza pelos ombros. — Diga-me, Emma.

— Não toquei em nada — garantiu ela, meneando a cabeça em negativa como que para enfatizar as palavras ao perceber a importância daquela resposta para ele.

As linhas tensas que vincavam o semblante másculo se atenuaram e a rigidez do corpo viril se abrandou.

— Ah, vejo que recuperou a voz. Sabe o que está crescendo ali, srta. Parrish? — indagou, apontando a mesa com um gesto de cabeça.

— Não — sussurrou Emma. Segurando-lhe os ombros, ele a fitou nos olhos.

— A morte. Todas as formas dela. Carbúnculo. Gangrena. Estou tentando reproduzir tuberculose, mas não tive êxito até agora.

Aquelas palavras não faziam sentindo algum para Emma. Percebeu a intensidade e a determinação no semblante masculino e sentiu a pressão dos dedos fortes em seus ombros. E então concluiu que se tratava de medo. Anthony temia por ela.

— Não toquei em nada — repetiu, sentindo necessidade de fazê-lo ciente de que não correria riscos. Por alguma razão o patrão parecia aterrorizado com tal possibilidade.

— Há mais de um século a Sociedade Científica de Londres publicou a tradução inglesa dos achados de um tal de Antoni Van Leeuwenhoek. Um alemão cujo *hobby* era produzir microscópios magníficos e observar através das lentes para descobrir o que elas revelavam. Esse costume o levou a descobrir o que chamou de "pequenos animálculos", diminutas formas de vida só visíveis através dessas lentes.

— Acredita que animais invisíveis a olho nu são causas de doenças? — Emma franziu o cenho, estupefata. O pensamento era fantástico e ridículo. E bizarro demais para ser verdade. — O que isso tem a ver com as placas de vidro?

— Imaginou o porquê das mortes da srta. Rust e da sra. Winter. — O tom de Anthony era vigoroso.

Emma o fitou silente, sentindo o coração perder uma batida. Ele estava dizendo a verdade. Fora o destino das duas educadoras anteriores que a trouxera até ali e agora parecia que por fim obteria a resposta.

— Elas foram curiosas, como você. — A voz masculina encerrava uma nuance de censura. — E essa curiosidade lhes custou a vida. A sra. Winter se esgueirou para cá na escuridão. Foi descuidada e derrubou uma das placas de vidro no chão. Além disso, foi tola a ponto de recolher os cacos e guardá-los no bolso da saia. Como se eu não fosse perceber que um dos discos havia desaparecido. — Anthony deixou escapar um suspiro de frustração. — Tivemos sorte de ela não ter espalhado a peste por toda a casa.

Então Anthony acreditava que aqueles discos abrigavam doenças. Aquilo era muito estranho. Emma mordiscou o lábio inferior, se enchendo de coragem.

— O que aconteceu à sra. Winter?

— Ela deve ter se cortado nos cacos de vidro. Semanas atrás, você reconheceu o carbúnculo. Mas alguma vez teve a oportunidade de vê-lo consumir uma pessoa de dentro para fora? Febre, dores de cabeça, vômitos — sintomas brandos em comparação com o que costuma acontecer no curso da doença. Ela desenvolveu pústulas virulentas e o sangue foi contaminado pela enfermidade, causando-lhe uma hemorragia interna, que ninguém podia ver. — Ele passou os dedos pelos cabelos, afastando as mechas encorpadas e espessas da face. Emma o observou com intimidada fascinação.

— Ela não me pediu socorro. Em vez disso, no auge da alucinação febril tentou escapar para a aldeia, para Bosherton, e procurar os cuidados de um médico de lá. Foi encontrada morta na beira da estrada na manhã seguinte. Não logrou atingir seu objetivo — explicou Anthony, dando de ombros. — Não faria diferença se tivesse conseguido. O destino da sra. Winter foi selado no momento em que o caco de vidro lhe cortou a pele e a doença atingiu o sangue. Poucos conseguem sobreviver quando isso acontece.

— Chega — sussurrou Emma, desviando o olhar. — Não quero ouvir mais nada.

De maneira gentil, ele lhe acariciou o queixo com o dedo indicador, movendo o rosto delicado até que ela o encarasse. Os olhos verdes dourados brilhavam no escuro.

— Agora diga-me outra vez. — As palavras soavam ternas, mas o tom demandava aquiescência. — O que você tocou, Emma?

— Não toquei em nada, milorde.

Inspirando profundamente, Emma tentou controlar as emoções conflitantes que lhe agitavam o íntimo. Medo. Perplexidade. Horror. E acima de

tudo, uma feroz e irracional atração que a fazia ansiar por atirar-se nos braços de Anthony à procura da segurança que apenas eles poderiam lhe oferecer, embora a razão sussurrasse para que ela se protegesse contra aquele perigoso desejo.

De modo lento, como em resposta aos anseios secretos de Emma, ele a puxou contra o corpo viril. No mesmo instante ela enterrou a face ao peito musculoso, inspirando a fragrância masculina. O aroma do frescor de um dia de verão que parecia impregnado nele, mesmo naquele lugar inóspito. Anthony descansou o queixo sobre a cabeça dela e assim permaneceram, colados um ao outro e isolados da realidade. A explicação que ele lhe dera ofuscaria as nebulosas suspeitas que construíra durante sua estadia em Manorbrier.

As lágrimas lhe inundavam os cílios, ameaçando desabar. Se chorava por si mesma ou pela finada desconhecida não saberia dizer.

Fechou os olhos, mas não conseguia bloquear as imagens daquele laboratório hediondo. Aquele lugar era o abominável campo da medicina que ele dominava, mas Emma achava o local repulsivo, pútrido e aviltante. Era difícil associar o laboratório ao homem que aprendera a conhecer.

— E a srta. Rust? — sussurrou ela com os lábios comprimidos contra a camisa de Anthony.

— Tentou desvendar os segredos e encontrou a morte instantânea. Nada parecia ter sido tocado. Suspeito que ela não conseguiu chegar ao topo da escada. Caiu enquanto subia. Encontrei-a esparramada no pé da escada quando cheguei na manhã seguinte. — O tom frio apenas narrava os fatos.

Emma imaginou se algum dia poderia encarar a morte e o sofrimento com a mesma equanimidade. A acusação que um dia fizera sua tia Cecília de que a morte da srta. Rust fora similar à de Delia lhe assomou à mente. Teria a srta. Rust sido jogada da escada ou escorregara na superfície limosa como ela instantes atrás?

Atormentada, afastou-se o suficiente para encará-lo.

— Esse lugar é repugnante.

— Acha? — Uma sombra escura perpassou os olhos verdes.

— Considero-o um lugar que propicia o conhecimento.

— Conhecimento? — indagou Emma em tom amargurado. — Cercado pela escuridão e a morte? Que tipo de homem é você? Que espécie de médico? Há uma cabeça naquele vidro! — exclamou, fazendo um gesto na direção da mesa. — Uma cabeça humana que um dia abrigou pensamentos, sonhos e medos. E você a mantém em um vidro, próximo ao cadáver de um porco! — E então os gritos deram

lugar às lágrimas. Ofegando, Emma lutou por controle, enquanto Anthony permanecia em silêncio.

— Cultiva a morte como outros fazem com flores — disse por fim. — E um homem cruel, insensível como uma pedra, que passa as horas ociosas aqui, num lugar que nunca julguei existir em meus mais terríveis pensamentos. — Sentia-se exausta com os acontecimentos da noite e por tudo que testemunhara.

— Ainda assim possui uma gentileza que não posso negar. O amor que dedica a Nick é puro. E seu coração é bom.

— Não me pinte com nuances cor-de-rosa. É melhor que me veja como realmente sou. Um dia cometi o erro de ver apenas a superfície. Acredite-me, a sensação de remover as camadas que escondem um coração nefasto é extremamente dolorosa.

Ele estava se referindo a Delia, pensou Emma.

— Não o estou mistificando. Tampouco o imaginando um vilão. Sei o que fez pela sra. Bolifer, oferecendo-lhe o cargo de empregada para que ela escolhesse uma vida útil em detrimento do desespero. E Griggs. E Cookie. E ainda Meg, cuja família morreria à míngua se não lhe pagasse uma soma em dinheiro. — Hesitou por alguns instantes antes de continuar. — E por mim.

— Está listando minhas virtudes para convencer a si mesma ou a mim? — questionou Anthony em tom seco.

Quando Emma ergueu o olhar ele parecia esplêndido. A luz bruxuleante das velas brincava nas feições esculturais. Ergueu a mão e lhe tocou de leve a mandíbula.

Que mal terrível a atingia que mesmo em face de tudo que vira ali ainda o desejava tão ardentemente? Aquele homem era o demônio que lhe assombrava os pesadelos e o anjo que lhe iluminava os sonhos.

— Sinto-me tão confusa — sussurrou ela, deixando as mãos penderem ao lado do corpo.

Anthony a segurou pelos punhos, levando as palmas das mãos delicadas aos lábios e roçando os dentes contra a pele sensível.

De imediato uma labareda de fogo a consumiu, se espalhando do braço ao baixo-ventre.

— Oh! — Emma deixou escapar, tentando desvencilhar as mãos. Tais sentimentos não eram apropriados ao menos em meio à morte e decomposição.

Com um riso baixo, Anthony deslizou a língua pelo local que mordera, fazendo-a fechar os olhos. Perguntara que tipo de homem era ele, mas deveria

ter questionado a si mesma. Que espécie de mulher era para sucumbir ao feitiço pecaminoso daquele homem sem ao menos tentar resistir?

— Perguntou-me que tipo de homem eu sou. — O tom era rude como se lhe adivinhasse os pensamentos com perfeita acurácia. — Sou um homem que cultiva a morte em vez de flores. Sua descrição foi precisa, doce Emma. Pesquiso a natureza do contágio. Meu interesse não reside mais nos vivos. Não curo seus males. Meu domínio está agora no reino da morte. E me deleito com isso — dizendo isso, Anthony a puxou para si, colando-a ao corpo viril. Os dedos longos enterrados nos cabelos macios e o polegar acariciando o ângulo do queixo delicado.

O coração de Emma batia descompassado, bombeando o sangue quente que lhe aquecia as veias.

— Sou o tipo de homem que mantém uma cabeça humana em um vidro. — A expressão do rosto másculo endureceu, enquanto ele inclinava a cabeça para a frente e os lábios roçavam a orelha delgada, enviando fagulhas elétricas que cascadeavam por todos os nervos do corpo feminino. — Não se engane. Parte de mim é um monstro. Frio. Insensível ao sofrimento humano. Admito sem hesitar. Quer um homem assim?

Deus! Ela queria. Com toda a força de seu ser. Mas a que custo? Emma fechou os olhos, medindo o valor de qualquer resposta que pudesse dar.

— Por que mantém essa aberração? — perguntou por fim, gesticulando para o conteúdo macabro do vidro afastando-se o suficiente para fitá-la nos olhos.

A sombra de um sorriso curvou um dos cantos dos lábios carnudos.

— Para não esquecer de minha humanidade. Emma deixou escapar um profundo suspiro.

— Então tem consciência de que é humano?

Anthony não respondeu, mantendo-a cativa nos braços. Os dedos longos acariciavam-lhe a nuca. Emma fechou os olhos, deixando que a sensação daquele toque a provocasse, trazendo-a de volta à vida.

Nunca teria um lar. Em vez disso viveria como educadora, criando os filhos de outras pessoas. À mercê do capricho de seus patrões. Seria como a mãe. Oh, mas quando a mãe era viva, Emma sentia como se tivesse um lar. Seria capaz de viver o resto da vida sem amor, à deriva e completamente sozinha?

Podia sentir a calidez do corpo de Anthony colado ao dela. Aquele homem representava um segundo caminho. Que a levaria ao papel de amante e concubina. Uma mulher decadente. Tomar tal decisão em um lugar como aquele... cercado de

mistério e medo, era mais do que podia suportar. Mas ainda assim, era o cenário perfeito, pois lá, Anthony se encontrava sem máscaras. O homem que de fato era.

Suspirando profundamente, Emma se afastou, precisando de distância para clarear os pensamentos. Observou o horror espalhado a seu redor com a mente em turbilhão, repleta de conjecturas e infindáveis possibilidades. Por fim, virou-se para fitar Anthony.

— Pesquisa a natureza do contágio. Com que propósito?

— Como assim?

— Qual é o seu objetivo, milorde? — insistiu ela. — Para que cultivar morte e doença? Para contaminar educadoras desavisadas?

— Não seja ridícula — resmungou Anthony.

— Então por quê?

— Para tentar deter o ataque das pragas e pestes. Para combater o sofrimento e a morte. Não há cura para o carbúnculo. Tampouco para varíola, difteria ou septicemia.

— Então deseja salvar vidas — concluiu Emma, triunfante. — Dirimir a miséria humana. — Quaisquer que fossem os experimentos macabros realizados por lorde Craven, havia uma intenção nobre.

Anthony estalou a língua, impaciente.

— Imagina-me como um herói? — indagou por fim. — Um príncipe encantado que se encaixará perfeitamente em suas fantasias? Não sou nenhum paladino místico. Apenas um homem. E se insistir em me superestimar, ficará desapontada.

— Como você ficou? — Algo indefinido brilhou nos olhos verdes, talvez uma advertência, fazendo Emma perceber que ele não estava preparado para entrar naquela seara. — Não o superestimo. Tampouco o subestimo. Procuro basear minhas escolhas na realidade — afirmou, fazendo o gesto que englobava o laboratório. — Isso se parece com o castelo de um príncipe? Está longe disso. Ainda assim, duvido que seja o monstro que alega ser. Minhas observações e deduções provam o contrário. Instantes atrás, admitiu ser um homem. Nada mais que isso. Com objetivos nobres. E assim que o percebo. Não um herói. Muito menos um monstro. Apenas um homem.

— Sempre uma mulher sensata — murmurou Anthony.

— Nem sempre — contrapôs Emma. — Uma vez lhe disse que não desejava ser uma mulher sensata. Você me repeliu.

— Sim. Assim como devia fazer agora. — Ele deixou escapar uma risada baixa e suave que a atingiu como um carinho. — E mais uma vez, para provar que sou apenas um homem, devo dizer que não tenho forças para isso. — Apontou para a janela que dava vista para o jardim. — Sabia que no dia seguinte da sua chegada, observei-a brincar com meu filho? Sua saia subiu o suficiente para revelar botas práticas e meias escuras discretas. E tudo em que consegui pensar foi em tirá-las para que pudesse deslizar as mãos pelos membros que elas escondiam. — Um som baixo escapou da garganta de Emma. Então ele a desejava durante todo aquele tempo, assim como ela o cobiçara. O pensamento era estimulante e agradável. — Mas era mais que isso — continuou ele. — Desejava ouvir sua risada. Sua linda boca se curvando em um sorriso para mim. Vê-la abrir os braços para me receber. — Emma sentia-se como derretendo por dentro ao som baixo e tentador da voz masculina. — Não lhe prometo nada. Em meu coração não há espaço para o amor. Em minha vida, não há lugar para uma esposa. — Ele a fitava com intensidade enquanto falava, avaliando o impacto das próprias palavras. — Mas eu de fato... importo-me com você.

Oh, aquela preciosa confissão, arrancada do íntimo de Anthony era tudo que deseja ouvir. Ele lhe devotava sentimentos. Aquilo seria o suficiente.

Engoliu em seco, temerosa do passo que estava prestes a dar, mas ainda assim, incapaz de escolher outro caminho.

— Compreendo — disse por fim. — Ao menos usou de honestidade.

— Compreendeu de fato, Emma? — a voz máscula soou com uma urgência que ela começava a reconhecer como desejo.

— Não se casará comigo. Tampouco me amará. Não está me oferecendo nada. Deixou bem claro tudo isso, milorde.

— Anthony — corrigiu ele.

— Anthony — repetiu Emma, saboreando cada sílaba. Perdera a conta das vezes que sussurrara aquele nome na escuridão da noite, sonhando com o toque e o beijo daquele homem. Inspirando profundamente, tomou coragem para continuar. — Quando se enfadar de mim, mandar-me-á embora? Não gostaria de deixar Nicholas. Ele conquistou meu coração e acho que de alguma forma toquei o dele. Seria dolorido para ambos se eu tivesse de partir. Até mesmo desastroso. Não posso fazer essa escolha em detrimento dele. Quero estar segura de que...

Utilizando as mãos que se encontravam entrelaçadas às dela, Anthony a puxou ainda mais para perto. A cabeça de Emma pendeu para trás, enquanto o fitava. Com infinita lentidão, ele roçou os lábios aos dela. O contato pareceu acender labaredas de fogo que perpassaram o corpo feminino.

— Já me pediu isso antes. No dia que a encontrei lavando o chão e as janelas. — Anthony ergueu uma das sobancelhas numa expressão inquisitiva. — Se lhe prometer isso, acreditará que vou manter minha palavra?

— Nunca faria nada que ferisse Nick. Além disso, é um homem honrado. Acredito que sua palavra seja uma só — afirmou Emma com sinceridade.

Ele deixou escapar uma risada estridente.

— Um homem honrado que levaria a preceptora do filho para a cama? Uma criada virgem sob minha proteção e controle. Onde está a hombridade nisso?

— Embora tenha seu próprio código de honra, estou certa de que é fiel a ele. Diga-me. Seria capaz de quebrá-lo?

Anthony inspirou profundamente, fitando-a com intensidade.

— Não. Não quebrarei meu código.

— E me dará a sua palavra de que não me mandará embora?

— Como? Não pedirá jóias? Ou a garantia de ter uma casa, carruagem ou criados próprios?

Emma percebeu que as palavras eram calculadas para ferir. Colocar uma distância entre eles e lhe dar a última chance de escapar.

— Julga-me tão frívola assim? — indagou ela, não contendo um discreto tremor na voz.

Ele pousou um dedo sob o queixo delicado e lhe ergueu a cabeça até que Emma o encarasse.

— Penso tudo de você, minha Emma. Não a mandarei embora — garantiu Anthony em tom baixo e rouco como se estivesse fazendo um juramento. — Mas não lhe garanto que não desejará partir por vontade própria. A probabilidade de que venha a se arrepender dessa escolha é grande.

— Haverá horas em que me arrependerei sem dúvida, mas em outras em que recordarei os momentos que passamos juntos como doces lembranças. — Emma recordava as vezes que o olhar da mãe se encontrava perdido com um brilho de saudade. Imaginava agora se ela não pensava no jovem tolo que fora seu único e verdadeiro amor. — Por uma noite, uma semana... talvez um mês. Não importa. Vou viver esse romance. Consegue compreender?

Anthony a puxou contra o peito musculoso e tomou-lhe os lábios num beijo profundo e urgente.

— Lembre-se, Emma — sussurrou entre um beijo e outro. — Que eu a preveni e lhe dei uma última chance de fugir.

— Não quero fugir.

— Despiu-me os defeitos até que eu me encontrasse sob o pior aspecto e ainda assim me quer?

Tinha de decidir naquele momento. Ainda era tempo de desistir. Sabia que Anthony nada faria para impedi-la. Mas o preço daquela escolha seria alto. Podia tê-lo. Seu príncipe da escuridão e sombras. Para tanto, tudo que tinha a fazer era dizer...

— Sim. — Emma o fitou desafiadora. — Ainda o quero.

Os olhos verdes se dilataram e em seguida se estreitaram. Em seguida, ele lhe tomou a mão com firmeza, pegou o candelabro e a guiou através da escada de pedra e para fora da torre, de encontro à noite perfumada. Tomou-a nos braços e girou-a várias vezes no chão pavimentado de pedras.

Ela sentiu as reservas de Anthony desaparecerem. Como se o fato de lhe ter violado a toca que mantinha na torre, houvesse também devassado suas defesas. Ele sorria despreocupado e por um instante Emma vislumbrou como teria sido aquele homem no passado.

— É assim que sei dançar — sussurrou ele, com o braço envolto na cintura delgada.

A alegria espontânea de Anthony a tomou de surpresa. O humor vivaz que exibía era contagiante e ela o correspondeu em igual intensidade.

Sob a luz prateada da lua que os envolvia, Emma podia fingir que era uma princesa coberta de jóias que brilhavam na noite. Os cabelos ainda revoltos pelas carícias de Anthony caíam em cascata sobre os ombros. Enquanto ele a girava e a beijava, deixando-a zonha.

Ela inclinou a cabeça para trás, observando as estrelas que cintilavam contra a escuridão celeste. Os grilos compunham uma harmoniosa orquestra e o chão de pedra, a pista de dança.

Um, dois, três. Um, dois, três. Com o ritmo da valsa pulsando nas veias, Emma bailava nos braços fortes de seu cavalheiro, envolta em uma teia de sonho.

CAPÍTULO VIII

Emma caminhava como que nas nuvens, enquanto ambos se dirigiam à casa escura. O coração descompassado pelo esforço da dança e pela sensação de liberdade que sentira ao ritmo da valsa.

Segurando-lhe a mão com firmeza, Anthony a guiou até a porta no final do corredor. Do lado oposto de onde ficava localizado o quarto de Nick.

Ele abriu a porta e deu um passo atrás para que Emma o precedesse. De imediato a amplidão do aposento a tomou de surpresa, enquanto seu olhar era dragado para a imensa cama que era o ponto central do quarto. Nenhuma cortina a circundava. O espaldar de madeira escura era largo e sem ornamentos. Não conseguia discernir a cor da colcha sob a luz da lua, mas parecia quente e aconchegante. A própria presença de Anthony atrás dela, gerava uma fonte de calor que não tinha nada a ver com a temperatura do aposento.

Emma sentiu as palmas das mãos úmidas e o coração flutuar no peito. Movendo-se hesitante, cruzou o quarto em direção à janela. O fato de ficar de costas para a cama lhe dava uma certa segurança.

Oh, aquilo não daria certo. Poderia um homem fazer amor com uma mulher que tremia como uma colegial?

Abraçou o próprio corpo e observou a escuridão que se descortinava do outro lado do vidro.

— Emma. — Ouviu o próprio nome pronunciado como uma carícia.

Um rangido quebrou o silêncio, fazendo-a voltar-se para encontrar Anthony sentado na beirada da cama.

Tinha ímpetos de passar correndo por ele e mudar a decisão que tomara com tanto cuidado. Ao mesmo tempo ansiava por se juntar a ele na macia superfície da cama. Optando pela prudência, decidiu permanecer onde estava, paralisada pela agonizante indecisão.

Durante toda a sua vida fora prevenida para não escolher aquele caminho. E naquele momento a indecisão fazia com que os dedos de Emma se apertassem em seus braços. Ficar ou fugir? Fora fácil tomar a decisão, mas em face da realidade da cama de Anthony, a fragrância dele enchendo o ambiente, sentia-se temerosa.

Inclinando-se para a frente, ele acendeu uma vela no castiçal postado no criado-mudo. Emma piscou várias vezes contra o reflexo da luz da chama. Preferia o anonimato da escuridão onde poderia tomar sua decisão nas sombras. Mas aquele era o tipo de homem que não aceitaria nada menos do que a franqueza da claridade.

Observando a luz bruxuleante, concluiu que sua decisão havia sido tomada naquela primeira noite, quando Anthony arrancou-lhe uma gargalhada ao executar um divertido arremedo de suas tias, deixando-a, em seguida, sozinha na caruagem. Na ocasião tivera escolha, assim como no presente momento, entre voltar à vida que conhecia ou mergulhar no desconhecido.

Anthony se ergueu e fechou o espaço entre eles. Postado à sua frente, parecia mais alto e encorpado do que nunca. O topo da cabeça de Emma mal chegava ao queixo másculo. A proximidade era tanta, que ela podia sentir a respiração pesada açoiar os cachos dos próprios cabelos. Tomando-lhe a mão, Anthony desenrolou os dedos que ela mantinha fechados sobre o braço e levou a palma da mão delicada aos lábios. Emma sentiu o beijo suave, mas não conseguiu encará-lo. Fazê-lo, implicava em correr o risco de se perder nas profundezas da alma daquele olhar.

O colarinho da camisa se encontrava aberto e ela pôde divisar uma parte da pele bronzeada exposta. Hesitante, esticou a mão e traçou com a ponta dos dedos a linha da clavícula, sentindo-o tensionar sob seu toque.

— Percebe que quando estou com você mal consigo respirar? — indagou Emma, surpresa pelo tom rouco da própria voz.

Anthony lhe ergueu o queixo, forçando-a a encará-lo.

— Sim — redarguiu ele. A entonação risonha na voz, traindo a expressão impassível.

— E meu coração dispara como uma carruagem desgovernada?

E então o sorriso curvou os lábios carnudos e sensuais.

— Sim.

— E que tremo como se estivesse com acessos de calafrio? O sorriso se alargou ainda mais.

— Sim.

Emma entreabriu os lábios para perguntar como podia saber, mas ele se inclinou e roçou-os, encostando a língua na dela o suficiente para despertar-lhe os sentidos. O contato era leve como o resvalar das asas de uma borboleta. A mão que ela mantinha na clavícula escorregara, espalmado-se contra o peito musculoso. Podia sentir as batidas do coração de Anthony. O ritmo sincronizado com a velocidade com que seu próprio sangue corria nas veias.

Parecia que ela não era a única com dificuldade de respirar.

— Está tremendo — sussurrou ele, deslizando a mão pelo braço delgado.

O quarto parecia rodar, quando Anthony a enlaçou pela cintura e a puxou contra a rigidez das coxas musculosas.

Ele ainda sorria, mas algo na expressão do rosto masculino havia mudado, O sorriso era predador quando inclinou a cabeça e tomou-lhe os lábios num beijo possessivo.

Emma se entregou ao contato sensual, arqueando o corpo para trás e entreabrindo os lábios para a luxuriosa exploração. As apreensões e o pudor virginal cedendo à ânsia que a consumia.

O toque firme das mãos masculinas contra a cintura delgada, nas costas e mais abaixo na curva das nádegas macias, fazia um calor intenso se formar entre as coxas de Emma, levando-a a roçar os quadris contra os dele em busca de satisfação. A sensação de tocá-lo, senti-lo contra o próprio corpo era muito mais gratificante do que em seus sonhos solitários.

O beijo se aprofundou, quente e doce. O néctar dos melhores vinhos não se podia comparar ao sabor daquele homem. Emma se abandonou em êxtase nos braços fortes, enquanto as mãos experientes lhe exploravam o corpo.

Cada carícia inflando-lhe ainda mais o desejo, aguçando-o, alimentando a fome que a consumia. Os dedos delicados se enterraram nos cabelos bastos, escorregando em seguida para os ombros e costas largas. Ele era forte e quente. O calor que dele emanava atravessava o tecido da camisa e parecia incinerá-la. Emma ansiava por lhe tocar a pele nua.

Oh, Deus! Sentia-se pegando fogo e sabia que apenas Anthony poderia extingui-lo. Abrandar a dor quase insuportável que crescia no centro de sua feminilidade.

Tomada de desejo, roçou o corpo contra o dele. O som rouco que escapou do peito másculo era a resposta de que precisava. Podia sentir a rigidez da masculinidade comprimida contra as próprias coxas. Os seios pareciam intumescidos e os mamilos rijos pressionavam o tecido do corpete do vestido.

Emma ofegou, deixando escapar um gemido de prazer quando ele esfregou as juntas dos dedos contra os mamilos rijos, acariciando-os a princípio com suavidade para em seguida aumentar a pressão até que ela soltasse um grito abafado e se contorcesse contra a carícia ousada. Frenéticos, os dedos delicados se enroscaram no algodão fino da camisa de Anthony, puxando-o de encontro a ela.

Os dedos longos e firmes se fecharam em torno dos mamilos rígidos, massageando-os. Emma sentiu as pernas cederem. Não conseguia sentir o chão embaixo dos próprios pés. Tinha noção apenas da firmeza do corpo masculino e entre eles, um redemoinho de sensações que lhe roubavam o fôlego.

— Oh, por favor! — suplicou ela, levando as mãos aos botões do corpete.

No mesmo instante, as mãos ágeis foram em seu auxílio e logo Emma sentiu as pontas dos dedos firmes deslizarem as vestes por seus ombros.

Ela se encontrava desnuda. Sem se dar conta do que estava acontecendo, viu-se trajando apenas as meias. O vestido, em uma rodilha a seus pés. Lembrava

de modo vago, sentir a camisola lhe ter sido arrancada pela cabeça e jogada para o lado. Teria Anthony feito aquilo? Não conseguia elaborar imagens coerentes na mente embotada pelo prazer. O corpo feminino era um caldeirão de calor e desejo que negava qualquer vislumbre de consciência.

Ele deu um passo atrás, inclinando a cabeça para o lado, enquanto a observava, com a cobiça expressa no olhar. Em seguida, segurou os pulsos delicados quando Emma tentou cruzar os braços num acesso de timidez.

— É ainda melhor do que eu imaginava — sussurrou Anthony com voz rouca, deslizando a ponta do polegar pelo mamilo intumescido.

Emma deixou escapar um grito. As pernas em colapso, não mais puderam sustentá-la. Ele a ergueu nos braços, impedindo-a de cair. Acariciando-lhe o pescoço, deitou na cama. Deleitada pelo contato da colcha macia sobre a pele desnuda, ela passou as mãos num gesto lânguido pela superfície da cama.

Anthony se encontrava sobre ela, deslizando, maravilhado, os olhos pelo corpo feminino desnudo e fazendo-a sentir-se desejável e bonita. Quando o olhar de ambos se encontrou, ele exibiu um sorriso lento que era ao mesmo tempo ávido e conspiratório. Emma retribuiu o mesmo sorriso, enquanto abria os braços para recebê-lo.

— Emma, minha rainha da paixão — murmurou ele contra a orelha delgada para em seguida, se afastar, deixando-a desolada.

— Não! — gritou ela, protestando a perda. Uma vez Anthony a havia deixado na mesma situação, mas não naquela noite.

Segurando-o firmemente pelo tecido da camisa, Emma o puxou para si com toda a força que possuía, arrebatando-lhe os botões da blusa, que se abriu de imediato, revelando o peito musculoso e a rigidez do abdômen definido. E então ela percebeu o que fizera. No mesmo instante, rolou na cama para enterrar a cabeça no travesseiro.

Ouviu-o rir, ao mesmo tempo em que a cama rangeu sob o peso dele. No momento seguinte, ela sentiu a língua úmida e quente deslizar ao longo de sua espinha. O gemido de surpresa que deixou escapar logo se transformou em um grito de prazer.

Sem se virar, percebeu o corpo masculino desnudo se encostar ao dela. Pele contra pele. A colossal rigidez da ereção de Anthony comprimida contra suas nádegas.

— Olhe para mim.

Emma meneou a cabeça em negativa, inspirando a fragrância masculina impregnada nos lençóis e travesseiros. Sem conseguir se conter, gemeu.

— Pare com isso. Eu não mordo. — Houve uma pausa e em seguida ela sentiu os lábios quentes e carnudos deslizarem por seus ombros, depositando beijos suaves ao longo das costelas. E então, os dentes de Anthony se cravaram na pele das nádegas macias. — Ou talvez o faça. É um bocado tentadora para resistir.

Tomada de surpresa, Emma rolou na cama, jogando o travesseiro na cabeça do amante. Amparando-o com o ombro, ele a cobriu com o próprio corpo.

— Estou com frio — sussurrou ela, com os olhos fitos nos lábios carnudos que ansiava por sugar e morder.

— Deixe-me aquecê-la — dizendo isso, Anthony se deitou sobre ela, o membro rijo pressionado contra a abertura úmida e quente da feminilidade convidativa.

Num gesto atrevido, Emma deslizou a mão entre os corpos de ambos, fechando os dedos em torno do membro pulsante e explorando-o com genuína curiosidade. Oh! Como aquela ereção volumosa iria caber dentro dela?

— Hummm... — gemeu Anthony, transformando as chamas que a consumiam em uma verdadeira conflagração. Então seu toque o excitava, pensou ela. A conclusão a deleitou.

Emma umedeceu os lábios e ergueu a cabeça, passando a língua pela boca escultural. Quando voltou a repousar a cabeça no travesseiro, Anthony a seguiu, arrebatando-a num beijo profundo e exigente que a deixou zonga de prazer.

Ele se moveu com rapidez, tomando nos lábios os mamilos rígidos e os sugando até que um gemido rouco se formou na garganta de Emma. A luxúria pecaminosa dos lábios, dentes e língua que Anthony usava com maestria a fazia arquear o corpo para a frente, num convite sensual.

E então os dedos firmes, tomaram curso através da cintura delgada, traçando a linha dos quadris curvilíneos e indo descansar no interior das coxas torneadas.

Desconcertada, Emma tentou fechá-las, porém, não protestou. A excitação sobrepujava a mortificação. Com um riso abafado, Anthony apartou-lhe de leve as pernas, substituindo as mãos pelos lábios. Tomada de assalto, ela cravou o olhar nos cabelos bastos e negros, contrastando contra a palidez da pele das próprias pernas. Sentia os dentes e a língua macia executarem maravilhas que a levavam ao limite da insanidade. Com a mente entorpecida pelo prazer, Emma deixou escapar um profundo suspiro e em seguida um gemido.

Se aquele homem era um devasso então ela era seu par perfeito, pois se regozijava na carícia obscena.

Com aquele pensamento na mente e o nome dele nos lábios intumescidos pelos beijos lascivos, arqueou o corpo num ritmo frenético, desejando, ansiando e convulsionando até que não pudesse mais agüentar.

E então o clímax a atingiu, inexorável. Mais impactante do que jamais sonhara. Sentindo os membros trêmulos deixou um grito lancinante lhe escapar dos lábios. Os quadris se movendo, frenéticos contra o contado úmido e quente da boca exploradora.

Nocauteada pela estonteante e desconhecida sensação, Emma permaneceu deitada, ofegante. Fechou os olhos, enquanto o quarto parecia rodopiar. Anthony se moveu, deitando-se a seu lado e a tomando nos braços.

Sem lhe dar tempo para reação, ele deslizou os dedos longos pela feminilidade ainda pulsante, fazendo-a tensionar ante a invasão. Um vago embaraço a dominou ao contato da mão úmida pelos fluidos de seu próprio corpo. Porém, quando ele aprofundou o toque, apartando-lhe as pernas, a estranheza logo deu lugar à excitação.

Com um movimento rápido e preciso, Anthony se postou sobre ela, pressionando-lhe as costas contra a maciez da colcha e se posicionando na abertura da fenda úmida, quente e pulsante. Imediatamente os dedos foram substituídos pela rigidez da masculinidade excitada. Era tão quente!

Agindo por instinto, Emma ergueu a cabeça, deslizando a língua pelos mamilos masculinos, assim como ele fizera. O sabor salgado e másculo era extremamente estimulante e o som que escapou da garganta de Anthony embotou-lhe os sentidos. Seguindo o curso da natureza mais uma vez, ela afastou as próprias pernas, num gesto convidativo. A pressão do membro rijo se intensificou e a sensação de preenchimento logo substituiu o incômodo inicial. Ele começou a mover os quadris, para frente e para trás. Vagarosamente no início e em seguida com mais intensidade.

O ar escapava dos pulmões de Emma em rápidas baforadas.

Escorregando as mãos fortes entre os corpos de ambos, Anthony esfregou o polegar sobre a pele sensível do centro da feminilidade até que um desejo urgente a engolfou. Ofegando, Emma ergueu os quadris contra a carícia torturante, inebriada com a sensação de preenchimento. E então ele intensificou o ritmo das investidas, penetrando-a cada vez mais fundo.

— Mais, Anthony! — gritou ela, cravando as unhas nos ombros largos e em seguida deslizando as mãos ávidas por toda a extensão das costas e quadris retos até lhe alcançar as nádegas. Aquele homem lhe pertencia assim como ela a Anthony e juntos imprimiam aquela jornada de prazer e deleite.

A respiração de ambos se confundia assim como as batidas do coração.

— Oh, Emma! — O som rouco e abafado de seu nome refletia o prazer que Anthony sentia.

O precipício estava à frente e ela mergulhou, num vôo rasante por nuvens fofas de algodão e estrelas brilhantes. Segurando-se ao corpo másculo, o único baluarte sólido naquela desnorteante viagem, Emma entregou-se ao clímax iminente.

— Emma! — gritou Anthony quase ao mesmo tempo, enquanto o corpo másculo convulsionava de prazer. — Minha Emma! — Ele desabou o próprio peso sobre ela e ambos permaneceram abraçados.

Um sorriso curvou os lábios femininos como em celebração à recém-descoberta da genuína felicidade.

— Sou uma mulher perdida. — Emma se encontrava deitada nos braços do amante. A cabeça apoiada no ombro largo. Uma alegria imensa consumia-lhe a alma. Concluiu que não se importava com o fato de haver caído em desgraça, enquanto enterrava os dedos nos cabelos negros do peito musculoso. — E me parece que você também se perdeu — murmurou, enquanto as mãos exploravam, curiosas, a anatomia masculina. De repente, Emma teve um sobressalto ao se deparar com a cobertura de borracha que cobria a masculinidade de Anthony.

Ele deixou escapar uma risada divertida.

— Não há *com* o que se preocupar. É apenas uma proteção.

— Proteção?

— Um revestimento criado para reter o prazer do homem e evitar que a mulher fique grávida — explicou ele. — Nada sinistro.

Emma o fitou, estupefata. Não sabia da existência de tal artefato. Porém, em seguida, a magnitude da revelação a atingiu, inexorável.

— Você me protegeu.

— Não há método seguro, Emma, mas este é o mais confiável que conheço. E o menos prejudicial. Interromper a penetração no momento do clímax é uma das maiores torturas que consigo imaginar.

Ela piscou várias vezes, imaginando como seria desagradável, Anthony abandoná-la no auge do prazer.

— Sim — concordou, aninhando-se outra vez ao corpo másculo, quando ele estendeu a mão em um convite tentador. — Acho que entendo.

Anthony lhe tomou a mão e levou aos lábios.

— Se isso falhar, saiba que jamais abandonaria um filho meu. — O tom suave falou-lhe direto ao coração.

Fitando-o nos olhos, Emma percebeu a verdade. Ele a protegera e se o método falhasse, não a abandonaria grávida. Sabia o quão desesperadamente aquele homem amava o filho. Nunca negligenciaria uma criança. Talvez aquela certeza a tivesse estimulado a tomar a decisão de se entregar a ele.

— Obrigada — sussurrou Emma, incapaz de expressar o que aquelas palavras significaram para ela.

Anthony a fitou, surpreso e entreabriu os lábios para falar, mas ela não estava propensa à conversa. Inclinando a cabeça para a frente, Emma pressionou os lábios contra os dele, enquanto um veio de insegurança lhe cortava a alma. Ele não a abandonaria grávida, mas uma vez a criança nascida, a mandaria embora dali?

A boca carnuda se movia contra a dela e Emma deixou que o contato cálido lavasse a frieza da incerteza que a assombrava. Com um gemido suave, ela aprofundou o beijo.

— Não me tente, doce Emma. Precisa de tempo para se recuperar.

Ela se aconchegou ainda mais ao corpo viril e Anthony puxou as cobertas sobre ambos.

O silêncio os envolvia, confortante.

— Deveria ter lhe dito mais cedo. Vou partir pela manhã. — o tom de voz masculino refletia uma nuance de pesar.

— Partir? — Emma ergueu a cabeça e o fitou, confusa.

— Mas... isso é... oh! — As palavras pareceram lhe morrer na garganta. Não tinha o direito de questionar as idas e vindas do patrão. Ainda assim, sentia-se traída pelo surpreendente anúncio.

Ele a puxou de volta para a segurança dos braços másculos, beijando-lhe a fronte com ternura.

— São apenas três dias. Preciso visitar uma pessoa. Minha madrasta raramente me pede algo e isso eu não lhe posso negar.

A explicação abrandou o golpe. Anthony não devia uma justificativa a ela e o fato de a ter dado, era reconfortante.

— Nick irá também?

— Não. Ficará com você — retrucou ele, antes de escorregar as mãos pelo contorno do queixo delicado e em seguida pelo vale entre os seios firmes. — Humm... talvez fosse melhor levá-la comigo.

Mais uma vez Emma ergueu a cabeça.

— Isso não seria apropriado. Não se deve envolver a amante em negócios de família — repreendeu-a ela, como se estivesse advertindo uma criança. — Acho que posso sobreviver três dias sem você.

Ele a beijou profundamente e a resposta ávida de Emma lhe arrancou um gemido da garganta.

— Pensei que tivesse dito que eu precisava de tempo para me recuperar — lembrou ela, soltando uma gargalhada que logo se transformou em um gemido de prazer.

— Agora me parece o momento certo — argumentou ele contra os lábios de Emma antes de a penetrar com um único movimento, fazendo-a ofegar antes de se abandonar nos maravilhosos e sombrios prazeres de Anthony.

Tique-taque... tique-taque... Girando a cabeça, Emma descobriu a fonte do som. Um pequeno relógio de bronze postado no criado-mudo da cama de Anthony. A visão do objeto trouxe uma matiz de tristeza à neblina prazerosa que a circundava, lembrando-lhe que o tempo iria transcorrer vagaroso e impassível.

Saudosa, desejou poder acelerar tal passagem e congelá-la no momento perfeito. Inclinou a cabeça e beijou Anthony. Em seguida, volveu a face e roçou os lábios no dedo mutilado do amante.

Assustado, ele deixou escapar um suspiro.

— Dói? — inquiriu Emma.

—Não.

— A sra. Bolifer me contou que se feriu no dia em... que você... — Hesitou por instantes, insegura sobre a escolha das palavras.

— Que lhe arranquei fora o braço? — terminou Anthony, em tom seco. — Ela mesma escolheu essas palavras. Por serem chocantes, acredito.

— Sim. Acho que está certo — concordou Emma, tomando-lhe a mão que tinha o dedo decepado nas suas.

— Por que não mais pratica a medicina?

Anthony não lhe voltou resposta e ela o fitou para encontrar o semblante masculino fechado no silêncio pesado que se instalou entre ambos.

— Diga-me, por favor — sussurrou Emma. — Quero muito conhecê-lo melhor.

— Eu diria que já me conhece muito bem.

A resposta quase lhe despedaçou o coração. Aquele homem havia dividido o próprio corpo com ela tanto em paixão ardente quanto em carinhos suaves, mas não estava disposto a partilhar nenhuma parte dos segredos de sua alma. A barreira que ele erguera a deixou angustiada.

Anthony lhe acariciou a linha da mandíbula com a mão livre, deixando-a deslizar pela curva do pescoço delicado e entre o sulco dos seios firmes.

— Podia curar muita gente com sua prática — pressionou Emma, relembrando a morte terrível da mãe, devastada pela varíola. Não tinham dinheiro para pagar o médico, mas mesmo que fosse abastada como uma rainha não teria mudado o desfecho da doença. Seria esse o motivo pelo qual Anthony parara de clinicar? Por que não poderia salvar a todos? No diário de Delia havia uma referência ao atendimento médico que ele prestava aos pobres. Por que parara?

— Por que escolheu ir à aldeia apenas em busca de sangue e morte. — Ele lhe lançou um olhar severo, mas não respondeu. Emma rolou, recostando-se ao peito musculoso, esperando vislumbrar-lhe os pensamentos. Algo escuro e frio sombreava os olhos verdes. — Responda-me, por favor — insistiu ela. Precisava saber para de alguma forma montar o quebra-cabeças Anthony Craven.

— Esqueça isso. Talvez algum dia possa abrir a escuridão da minha alma para você, mas não hoje.

Envolvendo-a nos braços, recostou a cabeça de Emma no próprio ombro, evitando-lhe o olhar inquisitivo. Permaneceram abraçados sobre os lençóis em meio ao arrebol da recente paixão, mas uma tensão oculta pulsava entre ambos. Embora sutil, não podia ser ignorada.

— Não posso esquecer — sussurrou Emma, enterrando o rosto no pescoço largo. — Você é parte de mim agora. Sua alegria é minha alegria, assim como sua dor também me pertence.

Anthony ergueu-se com uma brusquidão que a fez tombar sobre os lençóis.

— Não — disse em tom determinado, segurando-a pelos ombros. Os olhos verdes brilhando na luz tênue. — Não se perca em mim. Não tome meus fardos para si. — A voz máscula soava áspera. — Será destruída. Há uma escuridão em minha alma que não posso lhe explicar. Lembre-se do que ofereci a você.

— Nada. Não me ofereceu nada. — Enquanto pronunciava as palavras uma fagulha de preocupação se acendeu dentro dela, o que a fez imaginar se não escolhera um caminho que só a levaria à destruição. Decidida, empurrou tal pensamento para o fundo da mente. Embora fosse uma mulher com pouca experiência, reconhecia a emoção no toque da mão de Anthony. Em sua preocupação

com o prazer dela. Sorriu, deslizando a ponta dos dedos pelos lábios carnudos. — Mas se importa comigo.

Os olhos verdes se dilataram e em seguida se estreitaram.

— É verdade — concordou ele. As palavras pareciam dragadas por forças invisíveis que lhe sobrepujavam a circunspeção.

— Anthony — sussurrou Emma, antes de se mover, subindo sobre ele. Rindo, ela lhe tomou os lábios num beijo profundo para em seguida, beijar-lhe o pescoço, descendo pelo peito musculoso, e a rigidez do abdômen definido e mais ainda até que a rigidez macia da potente ereção a confrontasse.

Com um gemido baixo, Anthony rolou-a para baixo no corpo viril, estendendo a mão e abrindo a gaveta do criado mudo à procura de proteção. Os lábios carnudos pareciam queimar contra a pele sensível do pescoço delicado, enquanto ele a sugava e mordiscava. E então voltou a arrebatá-la num beijo ousado que lhe roubava os pensamentos. Não, ela os entregava sem reservas.

— Gosto de ouvir seu prazer — murmurou ele, deslizando os dedos pelos mamilos rígidos e os massageando até que Emma ofegasse. — Apraz-me sentir seu corpo macio sob o meu. Ouvi-la ofegar quando estou dentro de você.

Agindo em sintonia com as palavras, Anthony a penetrou com um único movimento, fazendo-a lutar por ar e em seguida, gemer e arquear o corpo de encontro às investidas vigorosas. Enlouquecida de desejo, espalmou as mãos delicadas nas nádegas firmes do amante, apertando-lhe os músculos.

O ritmo se intensificou. Mais rápido e mais fundo até que cada investida a fazia gritar, enquanto uma avalanche de sensações descia em espiral pelo corpo feminino. Ela se agarrou às cobertas macias, enroscando-as nas próprias mãos até que um vagalhão de prazer sacudiu-lhe o corpo, pontuando o clímax alucinante ao mesmo tempo em que Anthony lhe tomava os lábios num beijo abrasador. O corpo másculo tensionou derramando seu prazer dentro dela.

Emma cerrou as pálpebras, envolvida no calor e segurança do círculo dos braços do amante. Gostava de sentir a rigidez sólida do corpo viril.

— Durma, minha Emma — sussurrou ele.

Um sorriso glorioso curvou os lábios femininos antes que ela caísse em sono profundo.

Quando Emma acordou, ainda se encontrava nos braços fortes. O peito musculoso pressionado contra suas costas e o braço longo pesava-lhe nos ombros. Volveu o olhar à janela e percebeu os primeiros matizes da manhã pintarem o céu.

— Acho que eu deveria voltar ao meu quarto antes que Nick acorde e não me encontre. — Emma mordiscou o lábio inferior e fechou os olhos, sentindo-se envergonhada agora que a luz do dia penetrava o aposento.

— Não posso contrapor sua lógica, embora não esteja disposto a deixá-la partir — redarguiu ele, acariciando-lhe os cabelos. — Uma parte de você é sempre tão sensata e resoluta.

Ela não se sentia nem um pouco predisposta a partir, mas como era uma mulher de bom senso, sabia que era hora de deixá-lo. Franziu o cenho, encarando-o.

— Por que dorme na ala oposta ao quarto de seu filho?

Anthony riu divertido. O ar expirado lhe resvalando a nuca de Emma.

— E a outra parte de você sempre será curiosa. É normal um homem colocar o quarto de crianças separado do seu.

— Sim, mas não me parece normal para você.

No silêncio que se seguiu, Emma pensou que ele não fosse responder.

— Tenho pesadelos com o passado. Não quero acordar Nick no meio da noite.

— Suas lembranças são tão terríveis? — inquiriu ela, voltando a face para fitá-lo.

Em resposta os lábios carnudos tomaram os dela num beijo exigente e Emma concluiu que ele não queria tocar no assunto.

— Tenho de partir — declarou Anthony.

— Volte logo, meu... — Ela estacou antes de pronunciar a palavra fatal. Quase dissera "amor". Seria ele? Deus! Estaria amando Anthony Craven? Não tinha dúvida de que se encontrava encantada com aquele homem. Desejava-o e ansiava por fazer amor com ele... mas teria sido tola a ponto de lhe entregar o coração? Incapaz de encarar tal possibilidade, empurrou o pensamento para o fundo da mente. — Milorde — terminou, improvisando ante a expressão inquisitiva do amante.

Erguendo-se da cama com graciosidade, Emma recolheu as roupas e se vestiu. Quando Anthony fez menção de colocar a calça, meneou a cabeça em negativa.

— Não. Se Nick estiver acordado, não seria apropriado que nos surpreendesse esgueirando-nos pela casa como criminosos. Se me perguntar por que estou vagando pelos corredores a esta hora, alegarei insônia. — Terminando de abotoar o corpete do vestido, inclinou-se e roçou os lábios nos dele. Fitando-o

com intensidade como a decorar cada detalhe do rosto másculo escultural. — Tenha uma boa viagem — disse, antes de se forçar a sair do quarto.

Emma observava a janela, parcialmente escondida pela a proteção das grossas cortinas de veludo. Viu Anthony montar na sela do cavalo negro em que já o vira cavalgar antes. Embora ainda fosse cedo, o sol brilhava forte, reluzindo a capa brilhante do animal. Inclinando-se, o amante falou com o filho e em seguida com o supervisor do estábulo, Henry, parado próximo à cabeça do cavalo, que riu divertido com as palavras do patrão.

Em seguida, ela deixou escapar um ofego, quando Anthony ergueu a cabeça e olhou em direção à janela de seu quarto.

Com o coração batendo descompassado, quase se escondeu por completo atrás da cortina, envergonhada, embora não soubesse por quê. Forçando um sorriso, ergueu a mão, acenando um adeus. E então, incapaz de lhe testemunhar a partida, virou-se de costas para a janela. Uma dor aguda a atingiu quando escutou o trote do cavalo fenecer ao longo do caminho.

O que estava acontecendo com ela? Não era afeita a despedidas melancólicas. Com Nick tomando aulas de equitação no estábulo com Henry, dispunha de todo o tempo para si. Por um momento lamentou aquela alteração nos horários do menino. A presença alegre da criança por certo seria uma boa distração.

Caminhando pelo quarto com a mente repleta das lembranças da noite anterior, dirigiu-se ao armário e de lá retirou um romance. A aventura da heroína por certo a faria esquecer da própria. Não se sentia disposta a analisar seus sentimentos por Anthony. De repente uma batida se fez ouvir à porta.

Era Meg, que de imediato se curvou em uma cortesia, movendo graciosamente o ventre abaulado.

— Entre — convidou Emma, sorrindo.

A empregada lhe voltou um olhar nervoso ao corredor vazio e meneou a cabeça, mantendo os olhos fixos no chão.

— Trago uma mensagem — murmurou a criada, enfiando a mão no bolso da saia.

— Uma mensagem? — repetiu Emma, franzindo o cenho ante o comportamento estranho da jovem.

Com a mão trêmula, Meg lhe entregou um papel dobrado e selado com cera vermelha.

— Você está doente? — indagou Emma em tom preocupado. — Entre e sente-se um instante. Há algo errado?

— Pegue — pediu a criada num sussurro amargurado, empurrando a carta nas mãos de Emma. — Tenho de voltar ao trabalho. — Dizendo isso, girou nos calcanhares e partiu.

Inclinando-se para observar o corredor, Emma viu a jovem se afastar com dificuldade pelo peso do ventre avantajado. Em seguida, voltou a atenção ao papel, que tinha seu nome escrito com caligrafia masculina na parte da frente. Não havia menção ao remetente. Mordiscou o lábio, enquanto uma faísca de esperança perpassou-lhe o peito. Seria de Anthony?

Com cuidado, puxou o selo e desdobrou o papel, franzindo o cenho ao descobrir que o remetente não era o esperado.

Srta. Parrish,

Preciso lhe falar, por favor. Um grande perigo a espreita. Dê um passeio por nosso campo amanhã, na hora do chá. Não traga a criança. Eu a encontrarei.

Smythe

Nosso campo? Ele deveria estar se referindo ao local onde o encontrara pela primeira vez, quando Anthony e Nick estavam viajando. A mensagem era estranha. A que perigo estaria o médico se referindo? À torre? Já havia enfrentado aquele demônio e saíra ilesa.

Deixando escapar um profundo suspiro, volveu o olhar à janela. A lembrança do depósito de gelo assomou-lhe à mente. Recordou a angústia, o medo e a risada gutural que ricocheteara pelas frígidas paredes. Embora desconfiasse que a sra. Bolifer fosse a culpada, nunca descobrira quem perpetrara tão cruel brincadeira.

Teria sido o dr. Smythe, tentando forçá-la a partir de Manorbrier? Então por que mandaria aquela curta missiva? Talvez a estivesse assustando para afastá-la do perigo que pensava residir naquele lugar. Ou ele...

Mordiscando os lábios, estreitou o olhar. Não adiantaria conjecturar. Seria melhor ir ao encontro de Smythe e lhe questionar a intenção. Deus! Sequer conhecia o homem e já estava imaginando cenários sombrios!

Nick costumava tomar o chá um pouco mais cedo. E embora a aula de equitação tivesse sido alterada para o horário da manhã naquele dia, não havia motivo para fazer o mesmo no dia seguinte.

Fingir que estava ocupando o tempo ocioso com um passeio não seria difícil.

Determinada, tomou sua decisão. O dr. Smythe teria companhia no seu passeio vespertino.

O dia seguinte passou rapidamente e Emma se viu guiando Nick em direção ao estábulo depois do chá. O menino lhe contava animado a última visita que fizera aos avós. Que tipo de gente seriam?, pensou ela. A criança lhe relatou que a avó, a mulher que Anthony se referia como a segunda esposa do pai, havia perguntado se ele queria uma nova mãe.

Emma ofegou ante a dor inesperada que a assolou. Uma esposa! Deus do céu!

— Enquanto estivemos lá — continuava Nick. — Ela convidou muitas damas para o chá. — Queria que papai fizesse companhia a elas, mas ele se negou a me deixar. Vovó disse que eu era muito pequeno para acompanhá-lo e papai falou que se eu não fosse, também não iria, pois não estava interessado em encontrar uma esposa.

As palavras do menino abrandaram o pesar de Emma. Nunca pensara na possibilidade de Anthony se casar e trazer a esposa para Manorbrier.

Cerrando as pálpebras, ela tentou acalmar o coração descompassado.

— E então eu disse para a vovó que a única mãe que eu aceitaria seria a senhorita.

— Oh, querido — ofegou Emma.

— Foi isso que vovó falou e depois disse que a senhorita não era adequada. Que era ina... ina... — O menino suspirou exasperado. — Esqueci a palavra. Será que ela pensa que a senhorita é doente?

Hesitando entre rir ou chorar, Emma meneou a cabeça.

— Não. A palavra "inadequada" significa algo totalmente diferente.

— Que bom. Não gostaria que a senhorita estivesse doente. — E então a criança abraçou-a, enterrando a face pequenina na saia de Emma. — Acho que a vovó está errada. A senhorita é adequada.

Deslizando os dedos pelos cabelos sedosos da criança, Emma se permitiu sonhar por instantes em ser a mãe daquela criança extraordinária. Mas aquela era uma tola quimera.

— Ai está Henry — anunciou ela por fim. — Tenha uma boa aula.

— Obrigada, srta. Emma. — E com um aceno de mão Nick a deixou a sós, ponderando as palavras que ele dissera, enquanto corria ao encontro do dr. Smythe.

Por que se surpreendera com o fato de a madrasta de Anthony querer vê-lo casado? Apesar dos rumores, ele era um homem ao qual muitas mulheres

desejariam se unir. Rico, belo, detentor de um título e com parentes da alta casta.

Apressou o passo. O tipo de homem que se casaria com uma mulher de seu nível.

E ela era uma filha bastarda de um lorde há muito falecido.

Teria sido esse o motivo da viagem de Anthony? Para encontrar a mulher que a madrasta escolhera? Seria possível ter feito amor doce e selvagem com ela e em seguida obedecer ao comando da madrasta para que encontrasse uma mulher adequada?

Emma meneou a cabeça, empurrando as desagradáveis possibilidades para o fundo da mente. Anthony não lhe fizera promessas, exceto que ela podia permanecer ao lado de Nick. Sabia que não havia futuro para ambos. Apenas o presente que estava disposta a desfrutar da melhor forma possível.

— Srta. Parrish, temi que não viesse. — A voz do dr. Smythe interrompeu-lhe os pensamentos, fazendo-a sobressaltar-se de surpresa. Ele estava parado à sombra de uma cerca viva. A face oculta por um chapéu escuro. — Assustei-a — observou ele. — Peço-lhe desculpas.

— Parece-me bastante inclinado a conversar comigo. Saindo da sombra, ele retirou o chapéu e aproximou-se, com expressão preocupada.

— Está gozando de boa saúde?

— Sim, obrigada. Por favor, seja breve. — acrescentou Emma, preocupada com o horário. — A aula de equitação de Nick durará menos de uma hora. Tenho de retornar rápido.

— Ele a seguiu? — indagou o médico, voltando o olhar na direção de Manorbrier.

Ela meneou a cabeça, confusa.

— Nick? — indagou, para em seguida perceber o que ele quisera dizer. — Se está se referindo a lorde Craven, ele está viajando.

— Há outros naquela casa que poderiam segui-la. Os subordinados.

Emma piscou várias vezes, recordando as palavras que Delia escrevera no diário. Segundo ela, a sra. Bolifer vigiava-lhe os passos. Não podia esquecer a conversa que escutara entre a criada e Anthony, quando ele questionou por que a empregada a deixara sair sozinha. Pensando assim, lançou um olhar por sobre o ombro para se certificar de que não havia sido seguida.

— Ah! Então minhas palavras não lhe causam surpresa.

— Por favor, queira dizer a razão pela qual desejava me encontrar dessa maneira clandestina. Sinto-me desconfortável com esta situação — declarou Emma, decidida.

— Sentiria-se ainda pior se eu não a prevenisse de que está correndo um grande perigo, sem ninguém por perto para salvá-la. Sabe que houve mortes em Manorbrier? — indagou o médico, fitando-a diretamente nos olhos.

— Sim. Minha prima, Delia, e seu filho recém-nascido morreram lá alguns anos atrás. — Emma percebeu que as feições do dr. Smythe tensionaram à menção do nome da prima. — E a educadora, como mencionou.

— Sua prima sabia quem era aquele homem — afirmou ele, dando um passo à frente e falando em tom baixo, como que a fazer uma confidencia. — Não no início. Mas aos poucos, ela percebeu com quem havia casado. Pagou com a vida por isso.

— Acredita nos rumores de que minha prima foi assassinada?

Ele a observou por um longo e desconfortável momento.

— Não são rumores, mas a pura verdade. Foi de fato assassinada.

Emma ofegou.

— Como pode ter tanta certeza?

— Sou médico. Havia sinais claros em seu corpo. Um ferimento em torno da garganta... e há outras pessoas que tiveram uma morte terrível. Um fim prematuro causado pela maldade humana.

Dando um passo atrás, Emma engoliu em ceco e levou a mão à garganta. Apesar de ter conhecimento das mortes, algo no tom daquele homem a fez estremecer, bem como a revelação de que havia provas do assassinato da prima.

— Sei que duas preceptoras morreram. A sra. Winter e a srta. Rust. Ambas de maneira accidental. — Um lampejo de surpresa perpassou a face do médico.

— Acreditou com muita facilidade — afirmou ele. — Elas morreram por causa de lorde Craven.

O dr. Smythe acusava Anthony de assassinato. Emma meneou a cabeça em negativa.

— O que está insinuando, senhor? Que houve assassinatos dolosos em Manorbrier? Vá às autoridades, então. Se tiver provas do assassinato de minha prima, leve-as a eles também.

— A prova foi enterrada com ela. E o que o juiz fará sem isso? O magistrado será influenciado pelo título e riqueza de lorde Craven. — O médico

se aproximou. A preocupação estampada no olhar. — Temo por sua segurança, srta. Parrish. Estou lhe oferecendo ajuda. Virá o tempo em que se encontrará em apuros, convencida do perigo. O demônio ronda as paredes de Manorbrier. A torre circular...

— Isso são apenas rumores — afirmou Emma.

— Admiro sua coragem — declarou o médico, solene. — Craven não é o que parece. Tome cuidado, srta. Parrish. Quando o desespero a alcançar, venha para a aldeia. Eu a ajudarei a escapar. A criança também, se necessário.

— Escapar? De quê? — Apesar da temperatura amena do dia e do sol que lhe acariciava a pele, Emma fechou os braços em torno de si mesma, tentando aplacar o frio repentino que a consumia por dentro. — Acha quê sou uma prisioneira?

— Lembre-se. Venha até mim. Eu a ajudarei. E a Nicholas. — O olhar do médico se estreitou, enquanto ele observava o campo atrás deles.

— Nicholas! — exclamou Emma. — Ele não está correndo perigo. Lorde Craven ama o filho e o protegerá a qualquer custo...

— O amor tem muitas formas e nem sempre oferece proteção. — O médico emitiu um som desanimado. — Ainda agora ele planeja... — Estacou abruptamente. A expressão do rosto tornando-se cautelosa.

— Dr. Smythe — começou Emma, disposta a indagá-lo sobre tais suspeitas. Aquele homem parecia acreditar que ela estava correndo um sério risco, bem como Nick.

Inspirou profundamente e uma fragrância familiar lhe atingiu as narinas... limão! franzindo o cenho, inclinou-se em direção ao médico, tentando identificar aquele aroma.

Um galho se mexeu atrás dele e Emma girou o corpo para encontrar a sra. Bolifer a fitando com a severidade de uma diligente tia.

O aroma medicinal de limão, o mesmo que sentira no depósito de gelo, vinha da sra. Bolifer ou do dr. Smythe?

— Seu carcereiro, srta. Parrish — declarou o médico, meneando a cabeça com expressão triste.

A inesperada aparição da empregada parecia confirmar suas alegações e Emma sentiu um lampejo de apreensão.

A sra. Bolifer se encontrava a seu lado. O olhos estreitados ao fitar o dr. Smythe, que se inclinou em um cumprimento cordial.

— E hora de voltar, srta. Parrish — anunciou a criada, antes de se reportar ao médico. — Preste atenção a onde pisa, doutor. Esta mulher está sob a proteção de lorde Craven.

— Talvez seja isso que ela deva temer — retrucou o médico, gesticulando em direção à manga vazia da empregada. — É uma prova viva do trabalho manual daquele homem.

— Sou e tenho sorte por isso. Não estaria viva se ele não o tivesse feito.

— É uma opinião. Embora alguns possam não concordar. — O dr. Smythe cerrou as pálpebras por alguns instantes e voltou a abri-las com expressão desanimada.

Um rubor assomou à face da sra. Bolifer, e Emma alternou, o olhar entre os dois, certa de que ambos sabiam de algo que era segredo para ela.

— Devemos retornar. — Emma quebrou o silêncio constrangedor. — Nick deve estar procurando por mim.

Ambas se afastaram sob o olhar intenso do médico. A mente de Emma em turbilhão. A aparição da sra. Bolifer emprestara certa credibilidade à acusação do dr. Smythe de que ela não possuía a liberdade que pensava desfrutar.

Meneou a cabeça, negando tal possibilidade. Considerá-la uma prisioneira era ridículo, bem como a acusação de que lorde Craven faria algum mal ao filho.

Lançando um último olhar por sobre o ombro, Emma o avistou exatamente onde o deixaram. Às suas costas, as nuvens carregadas da tempestade que se aproximava.

CAPÍTULO IX

Nem os embaladores braços de Morfeu conseguiram afastar Emma da realidade naquela noite. Enquanto rolava de um lado para outro na cama, a mente rodopiava em um turbilhão de suposições. O rosto de Anthony a assombrava. Seu toque sensual, a fragrância masculina e o verde-dourado dos olhos enigmáticos. Cada vez que o sono tentava arrastá-la para o prazeroso mundo dos sonhos, onde desfrutava da segurança e calor dos braços do amante, imagens do dr. Smythe e o eco de suas acusações se interpunham entre ela e o esquecimento.

Na semiconsciência, cabeças imersas em vidros dançavam à sua frente. A cabeça de Anthony e depois a de Delia. A de Smythe.

Com aquelas imagens terríveis preenchendo-lhe os pensamentos, Emma caiu em um sono agitado.

Horas mais tarde, despertou, desorientada. Um barulho a resgatara dos pesadelos horripilantes. Apurou os ouvidos, mas não distinguiu nada de específico. Apenas uma sensação de algo estava diferente. Afastando a cobertura para o lado, colocou as pernas para fora da cama. Passou a mão pela face para afastar uma mecha de cabelos que haviam se desprendido da trança e de imediato o movimento lhe trouxe à mente a calidez do toque de Anthony.

Inspirou profundamente, franzindo o cenho ante o aroma tentador. Anthony. O ar estava impregnado da fragrância do amante. O frescor de um dia de verão mesclado ao sândalo que aprendera a associar à presença do dono do castelo.

Desconcertada, acendeu a vela do castiçal postado no criado mudo e ofegou. Aninhada na extremidade de seu travesseiro estava uma rosa branca. As pétalas perfeitas ainda não haviam desabrochado. Sem pensar, fechou os dedos em torno do caule e abafou um grito, quando um espinho lhe espetou a pele. Observou o pequeno veio de sangue que escorreu do dedo e pegando o lenço que se encontrava ao lado da cama, pressionou-o contra ele. A rosa era um indício de que Anthony estivera ali, velando-lhe o sono. Sorriu ao perceber que ele retornara um dia antes do programado. Para ela.

Erguendo-se, hesitou, imaginando onde estaria ele ou se deveria ir a seu encontro no quarto. O que seria adequado fazer num caso de amor clandestino?

Cruzou o quarto e encheu uma bacia com água tépida. Lavou o rosto e em seguida o examinou no espelho. O olhar de Emma se fixou na escrivaninha atrás dela, onde algo lhe chamou atenção. Girando devagar, franziu o cenho ante a pilha de livros que se encontrava lá. Uma dúzia de brochuras com capa de couro.

Esquecendo a face molhada, esfregou as mãos na camisola e se encaminhou à escrivaninha. Pegou o primeiro exemplar que se encontrava no topo da pilha e leu o título: *Frankenstein*, de Mary Wollstonecraft Shelley, publicado em 1818. Aproximou-se mais um pouco e observou as lombadas dos demais livros. *Melmoth, o Viandante*, de Charles Maturin; *O Romance da Floresta*, de Ann Radcliffe. De imediato, a conversa que tivera com Antony em frente ao depósito de gelo, sobre a obra de Ann Radcliffe lhe veio à mente.

Por certo lembrara de lhe comprar seus livros favoritos. Romances góticos. Não podia imaginar um presente que preferisse àqueles volumes com capa de couro e letras douradas.

Eram uma oferta do fundo do coração de Anthony. O lugar secreto no qual guardava suas emoções.

Apagando a vela, cruzou a porta que levava ao quarto de Nick. A luz prateada da lua a permitia divisar os contornos do pequeno corpo adormecido. Aquela criança era a razão que a trouxera até ali. Mesmo antes de conhecê-lo e vir a amá-lo, estava determinada a fazer a diferença na vida daquela criança. Chegara em Manorbrier, esperando que lorde Craven fosse um pai infeliz. Mas se enganara. Ele era um bom pai. E muito mais...

Antes de fechar a porta, porém, a insubstancial chama de uma única vela se refletiu na cama de Nicholas, e Emma concluiu surpresa que Anthony viera ao quarto do filho também. Ansiou por atravessar o espaço que os separava e atirar-se nos braços dele, mas a inexperiência com relacionamentos a deixou insegura. Além disso, era avessa a se intrometer no momento que pertencia a ambos.

Com um sorriso lhe curvando os lábios, observou-o pousar o castiçal no criado-mudo da cama de Nick e observá-lo dormir. A expressão do rosto másculo denotava cansaço e tristeza. Como se um grande peso lhe repousasse nos ombros.

Passando a mão pelos cabelos, ele se deteve à beirada da cama do filho. As roupas estavam amassadas e o queixo escurecido pela barba por fazer. Na escuridão, tinha uma aparência perigosa e imponente. Emma sentiu um calafrio lhe percorrer o corpo. Havia algo de trágico naquela cena, embora não soubesse o que era. Anthony parecia prestes a fazer algo que não lhe agradava.

De repente, ele ergueu o olhar, dirigindo-se à porta que ocultava Emma. Ela pressionou o corpo contra a parede, prendendo a respiração. Por um instante, imaginou se Anthony não conseguiria enxergá-la. Sabia que estava invadindo a privacidade daquele momento. Algo a manteve parada à sombra, em silêncio.

Bobagens, pensou ela. Estava dando asas à imaginação e esquecendo o bom senso. E por que estava pensando aquelas coisas? *Porque não pode confiar,* respondeu-lhe uma voz interna. *Porque embora ele seja seu amante, não dividiu nada com você. E a deixou talvez para correr para os braços de uma esposa adequada.*

— Não — sussurrou ela. Por que se permitia pensamentos tão traiçoeiros?

Mordiscando o lábio, observou-o se mover sobre o tapete espesso e sentar-se na beirada da cama de Nicholas. O menino se mexeu, mas não acordou, quando o pai lhe tomou a pequenina mão nas suas. Em seguida, acariciou-lhe os cabelos e beijou a fronte da criança.

Emma desviou o olhar, sentindo-se uma intrusa, mas quando voltou a fitá-lo viu que Anthony retirava algo do bolso, enquanto deixava escapar um suspiro

pesado. A luz bruxuleante da vela refletiu o objeto de metal na mão do pai. Emma congelou por dentro.

Oh, Deus! Era uma faca!

Anthony testava as lâminas da faca com expressão resoluta. Com o coração contraído, ela imaginou se ele seria capaz de fazer algum mal ao filho. E então as acusações do dr. Smythe lhe assomaram à mente.

Ofegante, Emma se moveu por puro instinto. Escancarou a porta, fazendo-a bater com um estrondo contra a parede. Nick despertou, esfregou os olhos e em seguida soltou um grito, quando ela se atirou na cama, utilizando o próprio corpo como barreira entre Anthony e o filho. Fitou-o nos olhos, que se dilataram e em seguida estreitaram de surpresa. Em seguida, volveu o olhar à lâmina que permanecia na mão de Anthony. Não havia dúvidas da intenção dele.

— Saia — ordenou ela. A voz baixa e rouca. — Podia sentir o tremor da criança que mantinha cativa nos braços. — Não fará mal a ele.

Anthony levou o olhar à lâmina que brilhava sob o reflexo da vela e depois a Emma, que foi tomada de assalto pela tristeza que viu estampada nele. Um misto de perplexidade, raiva e arrependimento a assolou. Por certo aquele homem era maluco.

— Vá — a voz estremeceu, mas ela manteve o olhar fito em Anthony. Era como se tomasse parte de um terrível pesadelo. Nunca imaginara cena igual. E ainda assim, duvidava que ele fosse capaz de ferir o próprio filho.

Então por que motivo Anthony se inclinara sobre a criança com uma faca na mão?

A expressão do rosto masculino se tornou gélida. Algo a cortou por dentro, como se de alguma forma *e/la* estivesse fazendo algo vil e imperdoável.

— Não deixarei que faça mal a este menino — repetiu Emma.

— Não farei mal a ele. Não poderia. — O tom de Anthony era amargo. — Pensou... — De repente ele se deteve.

Emma enterrou a face nos cabelos macios da criança e emitiu sons suaves, enquanto balançava o menino, incapaz de encarar Anthony. Amava aquele homem. Aquela era a terrível verdade, mesmo em face da clara evidência do intento torpe de Anthony. Confusa, questionou a própria sanidade, por ansiar por uma explicação que justificasse tudo. A única razão que a mantivera em Manorbrier era a certeza do amor que aquele homem devotava ao filho. Pensou nas educadoras anteriores e no modo como trataram Nicholas. Anthony as havia contratado, portanto, fora indiretamente responsável pelas ações delas. Seria possível ter se enganado tanto?

Havia se entregado a ele de corpo e alma, acreditando que apesar das idiossincrasias, o patrão era um homem nobre. E naquele momento não sabia em que acreditar, já que o coração se opunha ao que os próprios olhos testemunhavam. Quando por fim ergueu o olhar, Anthony havia partido, sem nenhuma explicação ou expressão de remorso.

Emma caminhou pelo próprio quarto, sem conseguir ordenar os pensamentos e sentimentos. Nenhuma explicação plausível poderia justificar o que presenciara. Sentia-se aliviada com o fato de Nicholas ter caído no sono rapidamente, pensando com a mente pura de uma criança, que teria tido um pesadelo.

Procurando por uma distração, abriu o diário de Delia e sentou-se na cadeira próximo à janela. Discorreu pelas páginas de descrições monótonas até se deparar com o relato de uma visita que fizera às tias e outro que registrara os momentos que passara em companhia do dr. Smythe em uma feira em Bosherton. E então os olhos de Emma se dilataram, surpresos.

É chegada a hora de enfrentar a realidade. Estou grávida. A realidade estonteante da gravidez. Depois das escolhas que fiz, não pensava que isso fosse possível. Ele ficou tão aborrecido quando lhe contei. Oh, Deus! Nada é o que aparenta. Nada. Como pude me enganar tanto? Cabeça-oca que fui ao tomar tais decisões baseada em frivolidades. Uma flor. Palavras doces. Nada significam perante isso. Estou correndo um, grande perigo, sem meios de escapar. E meu bebê também. Ele vai nos matar. Vi isso em seus olhos. Covarde que sou! Não posso arriscar dizer a verdade. Em vez disso, devo procurar a companhia de outros e me proteger com a segurança dos números. E rezar para que seja o suficiente.

Emma deslizou os dedos pela escrita. O coração batia descompassado. Fechou os olhos, desejando bloquear a imagem do texto, mas quando os tornou a abrir as palavras ainda estavam lá. Não era possível que estivesse amando um assassino.

— Não! — O grito parecia arrancado do fundo de suas entranhas. Atirou o diário no chão com um baque surdo e levou os joelhos à altura do queixo, abraçando-os, incapaz de conter o pranto.

Volveu o olhar ao diário outra vez. A acusação era clara. A prima se referira a Anthony como um assassino em potencial. Teria a suspeita fundamento?

Emma engoliu em seco. Em seguida, ergueu-se e vestiu o robe. Pegou o castiçal e dirigiu-se ao quarto de Nick. A criança dormia profundamente.

Decidida, saiu para o corredor. A casa estava imersa em silêncio. Desceu a escada e se encaminhou à extensão ladrilhada do corredor até onde esta se mesclava com o chão de madeira.

Algo sombrio habitava ali. Alguma coisa demoníaca.

Nem mesmo notava a frieza sob os próprios pés. A lembrança de que não trouxera os calçados era sobrepujada pelos pensamentos tortuosos.

Segurando o castiçal nas mãos, observou a parede à frente. Lá se encontrava um quadro de Delia. A beleza dourada eternizada para a posteridade. Posou a vela na pequena mesa sob a tela.

— Que segredos levou para o túmulo? — sussurrou ela. — Definiu-se como tola em seu diário. Mas serei eu menos tola se também sucumbi às palavras doces e à sedução?

Deslizou os dedos pelas vestes pintadas da prima. Tencionara vir até ali, à procura de respostas, mas a gravura não refletia os segredos ocultos pelo sorriso sereno.

— Morreu no puerpério como tantas mulheres? Ou foi vítima de assassinato? E se foi, quem a matou? — Emma mal podia pronunciar as palavras. Teria se entregado a um viúvo ou a um assassino? — Oh, Anthony. — Cobrindo a face com as mãos, tentou lutar por controle.

Tomou o castiçal nas mãos e se afastou pelo corredor. O chão lhe parecia ainda mais frio do que antes. Uma brisa gélida lhe subia pelos calcanhares e se espalhava por sob a camisola, enquanto Emma apressava o passo.

Um som se fez ouvir atrás dela, fazendo-a girar.

— Quem está aí?

— *Emmaa... Emmaa...* — Ouviu o nome sussurrado e em seguida a mesma gargalhada fantasmagórica que a assustara no depósito de gelo. — *Não procure respostas. Poderá não gostar do que descobrir.*

— Mostre-se! — gritou ela.

Nenhuma resposta se fez ouvir e Emma girou nos calcanhares correndo pelo corredor, com o coração em disparada. De repente, sentiu-se uma tola, diminuiu o passo e parou, recostando-se à parede fria.

E então um grande estrondo veio do fundo do corredor. Alto e agudo e a gargalhada estrondou outra vez. Emma soltou um grito e correu em direção à fonte do som. A boca seca e as palmas das mãos úmidas.

Não iria fugir como um rato. Seria melhor enfrentar seu atormentador. Acabar com aquilo de uma vez por todas. Talvez fosse mais inteligente fugir, porém tal atitude só serviria para que o perseguidor lograsse seu intento.

Aproximou-se da galeria escura, pé ante pé, e estacou ante a visão estranha. O retrato de Delia jazia no chão; a moldura dourada rachada ao meio. Um pedaço dela perfurava a lona no lugar em que ficava o coração da prima. Petrificada demais para se mover, Emma se viu paralisada ante o retrato de Delia, com o coração espetado por um pedaço de madeira dourada. A imagem encerraria um aviso? Permaneceu por instantes incapaz de pensar. Sequer respirar. E então um senso de preservação a assolou, fazendo-a disparar pelo corredor. Encontrava-se próximo à escada, quando ouviu passos que a seguiam e o som de uma respiração ofegante.

— Que é isso, querida? Por que toda essa pressa?

Com um grito apavorado, Emma tropeçou e se esparramou no chão com um baque surdo. A vela caiu e a chama se apagou, deixando o corredor iluminado apenas pela luz que incidia da janela.

—Cookie! — ofegou ela, tentando divisar através das sombras. A cozinheira não carregava nenhuma vela.

— Ouvi alguém correndo e saí e resolvi verificar o que estava acontecendo.

— Há alguém na galeria dos quadros. Ele rasgou a gravura de Delia e espetou seu coração...

— Quem? — indagou Cookie. — Viu quem era?

Emma entreabriu os lábios para responder, quando a luz bruxuleante de outro castiçal, revelou mais um vagueador noturno.

— Há alguém na casa? Tem certeza? — Anthony se aproximou, fitando-a com o cenho franzido. — Machucou-se?

Foi então que Emma percebeu que ainda se encontrava esparramada no chão e, embaraçada, ergueu-se de pronto.

— Não estou ferida, milorde. — Sentia-se desajeitada na presença dele. Volvendo o olhar a Cookie, encontrou-a parada nas sombras, sem menção de se aproximar.

— Vou verificar a galeria e procurar o intruso, srta. Parrish — declarou Anthony. — Pegue minha vela e volte a seu quarto. Ela meneou a cabeça, tencionando recusar a vela, mas feliz por voltar à privacidade do próprio quarto. Anthony lhe estendeu o castiçal. O breve roçar dos dedos fortes enviou fagulhas elétricas por todo o corpo feminino. Mesmo depois de tudo que presenciara... Oh, corpo traiçoeiro!

— Eu... — Emma voltou o olhar à cozinheira e depois o desviou. Aquela não era hora de questionamentos. — Obrigada — sussurrou antes de partir.

Ouviu os passos das botas de Anthony no corredor, e se voltou apenas para vê-lo ser engolfado pelas sombras. Subiu os degraus lentamente, sentindo que algo estava errado. Que perdera algum detalhe importante, porém, incapaz de definir o quê. Apressando o passo, escancarou a porta do próprio quarto e adentrou o aposento, ofegante. Lutando contra a vontade de empurrar o armário contra a porta para bloquear o perigo, correu até o quarto de Nicholas, que dormia na mesma posição que o deixara.

Deitou-se na cama e se cobriu. O quadro cortado de Delia e a gargalhada fantasmagórica lhe assombrando a mente.

Não havia nada de fantasmagórico naquilo. Por certo seu atormentador era alguém deste mundo. Arrastando-se para o fundo da cama, esticou a mão em busca do diário da prima sem lograr êxito. Depois de procurar por todo o chão o caderno retangular, concluiu que ele havia sido levado.

Por quem?

Uma onda de ansiedade a assolou. Não parecia haver nenhuma explicação plausível para tudo que acontecera aquela noite. Imaginou se Anthony havia levado o diário, talvez tentando manter em segredo alguma passagem que o incriminasse.

E então sentiu-se uma traidora por pensar daquela forma.

Sem conseguir se controlar, deu vazão ao pranto iminente.

O que estaria fazendo Anthony no quarto do filho quando o surpreendeu? Que tipo de perversidade consumia a alma daquele homem?

Na manhã seguinte, Emma saiu à procura de Anthony, tencionando confrontá-lo em sua toca. A noite insone contribuíra pouco para lhe abrandar o humor, porém muito para lhe aumentar a preocupação. Tinha de descobrir o motivo do bizarro e assustador comportamento dele na noite anterior. Não conseguia ligar o Anthony que conhecia ao que estava à beira da cama do filho com uma faca nas mãos. E estava determinada a encontrar uma resposta.

Alcançou a porta aberta do escritório de Anthony, resoluta. Inspirou profundamente, fechando os olhos para centrar os pensamentos e adentrou o aposento.

Ele não estava lá.

A ausência de Anthony lhe abalou a confiança, deixando-a oca por dentro.

Girou nos calcanhares para partir, quando sua atenção foi captada por uma fileira de pequenos panfletos na mesa, próximo à porta. O título do que estava no

topo se destacava — *Um Estudo sobre as Causas e Efeitos da Vacina contra a Varíola*. O autor era Edward Jenner e o panfleto datado de 1798. O ano de seu nascimento.

Franzindo o cenho, ergueu o próximo panfleto: *Perspectiva da Exterminação da Varíola*, de Benjamin Waterhouse, datada de 1800. Um calafrio lhe percorreu a espinha. Aquela fora a doença que dizimara sua mãe. A sra. Bolifer havia lhe dito que havia um surto de varíola em Derrymore. O que significaria aquilo? A probabilidade de exterminar tão pavorosa praga?

Com cuidado, ela colocou o panfleto de volta à pilha, virou-se para partir e estacou ante a imagem estonteante de Anthony parado no corredor. Os cabelos negros se encontravam úmidos pelo banho e as mangas da camisa de linho arregaçadas num desafio ao decoro, revelando os fortes antebraços. Ele a fitava cauteloso com os olhos estreitados e tudo que Emma pôde fazer foi lembrar-se dos momentos que passara envolta naqueles braços musculosos.

Ele se aproximou em silêncio. Com um olhar de soslaio às botas que Anthony usava, imaginou se não fora o patrão, que destruía o retrato de Delia na noite anterior. Mas com que propósito? Se quisesse livrar-se dele bastava retirá-lo da parede e o guardá-lo em algum sótão.

Emma entreabriu os lábios para falar, mas os olhos verdes se desviaram, e ela percebeu que Meg se encontrava parada do outro lado da porta. Os olhos da criada estavam dilatados pela ansiedade e a moça esfregava a mão sobre o ventre abaulado.

— Parece ter algo importante em mente, Meg — disse Anthony em tom suave.

— Sim, milorde. — Curvando-se em uma cortesia, a expressão da empregada era de adoração e agitação ao mesmo tempo.

Ele deixou escapar um suspiro.

— Acho que vou ficar tonto se persistir em abaixar e levantar toda vez que fala comigo. O que tem a dizer?

A criada executou outra medida, e quase se desequilibrou. Emma ofegou preocupada e Anthony foi a seu socorro, mas no último instante Meg conseguiu se equilibrar.

— Quer se sentar? — ofereceu o patrão.

Meg fez uma careta, pressionando a mão contra as costas.

— Não posso sentar. Pela manhã precisei ser erguida da cama. — A criada volveu o olhar a Emma e em seguida ao carpete.

— Fale logo. — Ao som da voz firme de comando do patrão, Meg se sobressaltou.

— Sei que é médico e que não atende a mais ninguém, mas sei também que tem o conhecimento de como fazê-lo. Ouvi dizer outras coisas também, tais como o senhor ser um assa... — A empregada estacou abruptamente e engoliu em seco. Em seguida, ergueu o olhar ao patrão que se encontrava parado à sua frente. — Não me importo com o que ouvi. Sempre foi muito bom para mim. Quero que o senhor me atenda quando chegar a hora do bebê nascer. Quero que seja o senhor a me ajudar. Tenho medo e não quero que ele... — Meg meneou a cabeça, incapaz de continuar e voltou o olhar ao chão outra vez. — Sei que sabe como fazer — afirmou com um fio de voz. — Por favor.

— Meg — começou Anthony em tom gentil, mas Emma captou algo mais na voz masculina que não saberia denominar. — Não sabe o que está pedindo.

— Estou pedindo ajuda. Uma chance de vida para mim e meu filho. Tenho tido pesadelos horríveis, repletos de dor, sangue e escuridão. Sally Firth morreu de febre de puerpério na semana passada. Agora seu marido está sozinho com três crianças. E o modo como ela faleceu... — Ela fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Não quero morrer da mesma forma. E embora não tenha planejado este bebê, tampouco desejado o que me aconteceu, quero que esta criança viva. É um inocente. Pode me ajudar?

Anthony soltou uma gargalhada. Um som áspero e cheio de amargura que fez o coração de Emma se contrair. Ele sofria e apesar de todas as desconfianças e apreensões que a assolavam não podia se furtar de sofrer com Anthony. Imaginou o que havia no pedido de Meg que lhe causava tanta angústia.

— Acha que posso salvá-la? — indagou o patrão em tom amargo. — Não poderia estar mais errada. A última mulher que assisti, morreu. E o bebê junto com ela. Sabe disso.

Emma ofegou, certa de que ele se referia a Delia, tão amargurado era seu tom.

— Mas eu pensei que ela morreu em uma queda... — Emma deixou escapar.

Anthony lhe voltou um olhar severo e em seguida esfregou o rosto nas mãos. Quando voltou a falar, a voz soou extremamente cansada.

— Vá para casa, Meg. Não pode mais executar as tarefas pesadas.

— Oh, milorde, não diga isso — gritou a criada com a face destorcida pela aflição. — Não, por favor. Estou precisando muito do dinheiro. Posso...

— Vou continuar pagando seu salário da mesma forma — interrompeu-a Anthony em tom rude. — Mande sua irmã a substituir e pagarei a ela também. —

Permaneceu em silêncio por um longo momento. — E quando chegar a hora, mande sua irmã buscar a sra. Bolifer. Não o médico. Está entendendo, Meg? A sra. Bolifer. Ela garantirá sua segurança e a da criança.

— Oh... — A criada hesitou, prestes a dizer algo mais. Porém, Anthony não a encorajou, apenas fitando-a com o olhar estreitado, sem no entanto fitar Emma, embora ela quisesse que o amante o fizesse. A generosidade que demonstrava para com Meg, era surpreendente.

— Sim, milorde, entendi. — E após executar outra laboriosa medida se retirou.

— Você a desolou. — Emma se encontrava parada à porta. Toda a atenção focada no amante.

— É para o bem dela — retrucou ele em tom brusco para em seguida dar um passo à frente, os olhos verdes lhe perscrutando o semblante. — Ela pediu minha ajuda porque pensa que minha presença garantirá sua segurança. — Deixando a cabeça pender para trás, Anthony soltou uma gargalhada. — Como se meus cuidados não a fossem matar.

— Pare com isso! — sussurrou Emma. — Agora! Prefere se apegar às suas lembranças amargas a ajudar aquela moça?

— Desapontei-a, minha Emma? Eu a preveni de que isso iria acontecer.

Emma prendeu a respiração ante a menção carinhosa e o fato de Anthony insinuar que ela esperara algo irrereal dele. Teria de fato criado uma fantasia?

Lutando contra o ímpeto de se aproximar e recostar a face ao peito musculoso, forçou-se a encará-lo.

Foi Anthony a desviar o olhar.

— Seria mais fácil Meg pedir ao demônio que guardasse os portões do céu do que a mim para salvar sua vida.

E em seguida, ele disparou pela porta do escritório, deixando-a confusa, desolada e sozinha. Não confiara nela o suficiente para a contemplar com uma explicação assim como Emma não confiara em si mesma para perguntar.

Na manhã seguinte, Emma arrastou-se para a sala de café da manhã, sabendo que não poderia protelar o confronto com Anthony e questioná-lo sobre seu comportamento no quarto de Nick aquela noite. Cada hora que se passava a guiava a uma perspectiva mais serena. Sabia que deveria ter exigido uma explicação na hora que presenciara a cena no quarto da criança ou no dia seguinte no escritório. A presença de Meg a impedira de questioná-lo e depois Emma descobriu que havia perdido a coragem. Era uma covarde, temendo a terrível explicação que pudesse ouvir.

Mas aquele não fora o único motivo de sua hesitação. Sentia-se confusa. O coração e o corpo ansiando pelo toque cálido e sensual daquele homem.

Queria que Anthony a procurasse, confiasse nela para dividir a verdade sobre sua vida.

— Aqui está você, Nick — disse ela, erguendo o olhar para encontrar Griggs barrando a porta da sala de café da manhã. O corpo massivo lhe impedindo a entrada.

— O patrão quer tomar café da manhã sozinho com o filho — comunicou o criado em tom bruto. — Deve fazer a refeição com os outros criados, na cozinha.

Emma volveu o olhar a Nick, que lhe voltou um sorriso alegre, esquivando-se das longas pernas de Griggs, sem se afetar com a mudança de planos. Afinal, por que deveria? Ele adorava o tempo que passava com o pai.

— Encontrei um rato no estábulo, papai. — A voz da criança ecoava no corredor. — A sra. Bolifer me disse para não chegar perto dele, mas eu levei um pedaço de queijo comigo quando fui para a aula de equitação na semana passada e o deixei encostado à parede. Terei de ver se meu pequeno amigo pegou o presente.

Apesar da situação, Emma percebeu um sorriso lhe curvar os cantos da boca.

Com um aceno de cabeça para Griggs, ela se voltou. Ainda com a imagem de Anthony inclinado sobre o filho com a faca na mão, temeu deixá-los sozinhos. Aquilo era bobagem. A criança estivera a sós com o pai durante seis anos antes que ela chegasse àquela casa. Não obstante a verdade irrefutável da cena que presenciara, acreditava que Anthony apresentaria alguma razão justificável, se estivesse disposto a fazê-lo.

Enquanto avançava pelo corredor, ouviu o murmúrio da voz do pai respondendo ao filho. Para sua total consternação percebeu que aquilo era o suficiente para lhe fazer o coração disparar.

A surpresa inicial ante a ordem de Griggs logo deu lugar à conclusão de que era melhor daquela forma. Anthony estava protegendo o próprio filho. Seria mais apropriado que ambos conversassem mais tarde do que se confrontarem na presença da criança.

O aroma de bolinhos recém-cozidos enchia a atmosfera da cozinha. Emma tomou seu lugar à mesa de madeira, onde Cookie dispusera a louça. Notou que um lugar havia sido acrescentado para ela. Ao que parecia, os criados sabiam que Emma havia sido banida da sala de café da manhã.

Embora inapetente, serviu-se de uma xícara de chá e de um bolinho.

— Estamos tão felizes por tê-la aqui, querida — afirmou a cozinheira com ternura.

A inesperada revelação fê-la erguer o olhar, surpresa, enquanto a sra. Bolifer emitia um grunhido reservado.

— As preceptoras anteriores não amavam Nick. As primeiras, gostavam dele, mas o menino não era especial para elas. Todas as crianças merecem ser especiais, não acha? — indagou Cookie.

Emma a fitou nos olhos com o coração contraído pelo fato de a cozinheira revelar seus mais íntimos sentimentos.

— Nick é especial — retrucou ela.

— E todas as crianças deveriam ser amadas e estar com seus pais verdadeiros — pressionou Cookie.

Emma franziu o cenho, imaginando o que motivava a veemência no tom sempre plácido da cozinheira.

— Claro que sim — concordou ela, e depois hesitou. Cookie parecia estranha naquela manhã. Após um breve momento, decidiu fazer a pergunta que lhe povoava a mente. Naquele momento, mais do que nunca, precisava de uma resposta. Por que Anthony permitira que aquelas mulheres terríveis tomassem conta do filho.

— Por que houve tantas preceptoras?

A sra. Bolifer se ergueu de modo abrupto e começou a limpar os remanescentes da refeição, lançando-lhe um olhar severo. A cozinheira deu de ombros.

— No início, o patrão contratou uma através de uma das melhores agências de emprego. A sra. Granger era agradável e profissional. Nick era muito pequeno. Porém, ela detestava Gales e partiu antes de findar um ano de trabalho. As próximas, sentiam a mesma coisa. Almejavam uma colocação em Londres e as constantes idas e vindas do patrão as tornavam apreensivas. Havia muitos rumores, e a cada nova educadora as histórias pareciam aumentar e piorar. Cada vez permaneciam por menos tempo até que a troca se dava a cada quinzena.

— Mas o que há de tão terrível em Gales? — indagou Emma, confusa.

— Já lhe disse, querida. Elas preferiam trabalhar em Londres. E se não conseguiam, preferiam ao menos trabalhar para uma família que lhes poderia fornecer excelente referência para o próximo emprego. — Cookie desviou o olhar à mesa, esfregando os dedos nela, num gesto automático. — Não queriam permanecer num emprego cujo patrão gozava de péssima reputação.

— Está se referindo à fama de assassino de lorde Craven? — inquiriu Emma sem hesitar.

A sra. Bolifer emitiu um som estranho, mas Emma a ignorou, focando a atenção na cozinheira que anuiu, pesarosa.

— E os hábitos esquisitos do lorde não ajudaram em nada. Esticando o braço, Emma tomou a mão da outra mulher nas suas.

— Continue.

— Não há muito mais a dizer, querida. Um dia, as melhores agências de emprego não mais aceitavam seus pedidos. Então ele optou pelas de segundo escalão e depois pelas de terceiro.

— E por que empregar uma educadora e não deixar o menino a cargo de vocês duas?

— Não sei ler *nem* escrever — informou Cookie. — Como o filho de lorde Craven poderia ser criado por uma pessoa como eu? — Ela fechou os olhos e inspirou profundamente; e quando os abriu, Emma viu dor, perda e tragédia refletidas neles.

— Além disso, eu sequer consegui manter minha própria criança em segurança e impedir sua morte. Como poderia cuidar de outro?

Emma piscou várias vezes. Aquela era a primeira vez que a cozinheira se referia ao filho morto.

— Sinto muito por sua perda — disse por fim.

— Sim. Bem, o pequeno Nick precisa de uma preceptora apropriada. — Era óbvio que a mulher não queria discutir aquele assunto. — Não pensei sobre o problema da graduação da educadora. Por certo sob seus cuidados ele seria amado.

— Isso é verdade. Eu o amo, mas ele precisa aprender a ler e escrever e saber Latim. Nick tem uma posição a galgar neste mundo. Além disso, a madrasta de lorde Craven era a mais insistente. Ela exigia uma educadora instruída ou ela mesma se ocuparia da tarefa.

Uma posição no mundo. Emma engoliu em seco o próprio ressentimento. Quantas vezes tinha de ser lembrada de sua própria condição?

— As educadoras que foram chegando eram cada vez piores — continuou Cookie. — E então as duas últimas morreram e nenhuma agência quis atender lorde Craven. E quando ele descobriu que o pequenino havia apanhado da última educadora, ficou transtornado. Ele estava viajando na época e quando soube já estava feito. — A cozinheira exibiu um sorriso. — Foi então que ele a chamou.

— E tivemos sorte de ter vindo — interrompeu-a a sra. Bolifer, de modo abrupto.

Emma se voltou de pronto para fitá-la, incerta se o comentário fora sincero ou sarcástico, mas a expressão sempre amarga da empregada não lhe deixou pistas. Cookie se ergueu e começou a limpar a cozinha.

— Acha que sabe das coisas — começou a sra. Bolifer. — Mas não sabe de nada.

Pousando a xícara com cuidado, Emma ergueu os olhos para a empregada.

— Então ajude-me a entender.

— Que tipo de homem acha que lorde Craven é? — indagou a criada.

Emma se surpreendeu com o tom de desafio. Que tipo de homem? Adorável... ou pelo menos pensara que era. Era alguém que apontava uma faca para uma criança no meio da noite. Quem era ele, afinal?

— Não tenho a menor idéia. É cheio de contradições e mais repleto de curvas e becos do que o mais intrincado labirinto — declarou por fim.

— Ele tem suas razões.

Que razões? Ansiava por perguntar, Que motivos tinha para segurar uma faca contra o filho? Ou mesmo deixar que o medo da ex-esposa crescesse a ponto de ela o considerar um assassino?

— Lorde Craven pode ter suas razões, mas minha preocupação é com Nick. Ele é uma criança e deve ser protegido — afirmou Emma em tom firme.

— Protegido, sim, mas não de quem acha que constituiu um perigo para ele. — Os lábios da criada se encontravam contraídos em uma linha tênue. — Ele nunca faria mal ao menino.

Mordiscando o lábio inferior, Emma imaginou o quanto a criada sabia e o quão seguro seria lhe revelar. Deveria descrever a cena que presenciara no quarto de Nicholas? Se o fizesse seria uma traidora. Teria de confrontar Anthony diretamente e não comentar com os criados às suas costas. Pensando assim, deu de ombros e fingiu interesse na xícara de café à sua frente.

Naquele instante, Anthony adentrou a cozinha com Nicholas em seu encalço. O estômago de Emma se contraiu.

Embora tivesse feito o desjejum, o menino pegou um bolinho do prato e começou a comê-lo, satisfeito. Ao contrário dos adultos, a criança parecia alheia à tensão latente que pairava na atmosfera da cozinha. No mesmo instante, a sra. Bolifer e Cookie se ocuparam de seus afazeres.

Emma baixou a cabeça, incapaz de sustentar o olhar do patrão. Podia sentir os olhos verdes fitos nela, mas ele não fez menção de se aproximar. Através da proteção dos cílios longos, ela o viu inclinar-se de maneira negligente sobre a mesa recostada à parede oposta, pegar uma maçã e descascá-la com uma pequena faca.

De repente, ele se virou para fitá-la e a surpreendeu em sua observação sub-reptícia. Com uma das sobranceiras erguidas, Anthony movia a faca para cima e para baixo. Ainda assim, Emma percebeu que o movimento era apenas uma fachada, pois nos olhos verdes viu refletida a mesma dor e confusão de quando o confrontara na cama de Nicholas. E então o olhar masculino se fechou, erguendo uma barreira protetora contra a momentânea visão de sua alma.

Ele levou um pedaço da fruta aos lábios e a mordeu, exibindo os dentes alvos. Emma desviou o olhar, endurecendo o coração. Aquele homem lhe devia uma explicação e não podia se permitir ser indulgente.

— O queijo, papai! — Nick o cutucou no braço.

— Ah, sim. O queijo. — Anthony se voltou para Cookie. — Corte um pedaço de queijo. Acho que meu filho está disposto a alimentar o rato do estábulo.

A cozinheira o fitou por alguns instantes, com expressão austera e em seguida obedeceu.

Emma tinha vontade de chorar. Àquela manhã parecia tão prazerosa e normal... Pai e filho passando o tempo juntos. Sentia-se como uma ladra. Suas suspeitas furtando aqueles momentos e cravando linhas de tensão na face de Anthony. O amante esperava que ela o confrontasse. Não lhe daria nenhuma explicação a não ser que o questionasse, e o instinto lhe dizia que ele tinha suas razões. Porém, Emma queria que fosse dele a iniciativa. Que confiasse nela para dividir seus segredos.

CAPÍTULO X

Aquele pareceu o dia mais longo da vida de Emma. Nicholas estava taciturno e não cooperativo. Fracassava nas lições e se negava a prestar atenção às explicações. A paciência de Emma estava chegando ao limite. Por fim, findou o dia e o menino se encontrava lavado, vestido e pronto para ir para a cama. Quando se inclinou para lhe dar um beijo de boa-noite, sentiu uma presença atrás

dela. Seu coração deu um pulso, mas ela se forçou a levantar e manter a expressão neutra.

Anthony se encontrava ao pé da cama do filho, observando-a com expressão fechada. Uma vez a fitara com o que Emma pensara ser alguma forma de afeição, mas naquele instante a encarava com olhar pétreo e distante, impedindo-a de ler seus pensamentos.

— Srta. Parrish.

Pensou que o nome formal era uma espécie de zombaria, mas não havia tom de escárnio na voz masculina. Em vez disso, percebeu uma nuance de pesar no modo como a chamara. Emma ansiou por voltar o tempo atrás. Ser capaz de fitá-lo com a admiração de uma amante. A compulsão de tocá-lo era quase sufocante.

Percebeu que uma faísca de desejo brilhou nos olhos verdes e como que dotada de vontade própria sua mão se moveu em direção a ele.

Nick murmurou no sono e Anthony se ocupou em puxar as cobertas por sobre o corpo do filho. Em seguida sorriu para a criança adormecida e as curvas generosas dos lábios carnudos se abrandaram.

Emma o observou fascinada. Duas noites antes era uma faca que ele segurava nas mãos ao fitar o filho. Não havia dúvidas sobre sua intenção. Desejara cortar Nick enquanto dormia. Para que nefasto propósito, não podia imaginar.

A perplexidade que assolava Emma aumentou ao vê-lo fitar o filho com evidente amor paterno. Que explicação teria para seu comportamento anterior? Seria Anthony insano? Não podia conceber aquilo. Por certo era excêntrico, uma característica que achava atraente, mas não louco.

E então Emma percebeu que mantinha a mão estendida, quase o tocando. Embaraçada, retraiu-a, levando-a para trás das costas, e agradeceu o fato de Anthony não ter notado.

Num gesto repentino, ele voltou a atenção a Emma. A expressão calorosa que percebera pouco antes dera lugar à fachada fria que lhe dissimulava os pensamentos.

— Acho que Nick pode estar com febre — comentou ela em tom suave. — Não estava concentrado esta tarde.

— Sim, esperava que estivesse. Ele apresentará febre e dor na cabeça, mas durará apenas alguns dias.

Emma franziu o cenho. Ele parecia anteciper a doença do filho.

— Gostaria de falar com você.

O convite a fez engolir em seco, enchendo-a de esperança e temor ao mesmo tempo.

— Sim, milorde.

Anthony forçou um sorriso, embora ela não soubesse dizer se fora o tom com que falara ou o tratamento formal que o desagradara.

Seguindo-o, Emma entrou decidida no próprio quarto, alternando o olhar entre a cama e as costas largas de Anthony.

— Talvez devêssemos conversar em seu escritório — arriscou Emma com a boca seca.

Ele a fitou por sobre os ombros, mas permaneceu em silêncio. Em vez disso, cruzou o quarto em direção à janela e lançou um olhar ao anoitecer. As últimas luzes do dia iluminavam fracamente o quarto de Emma.

— Em um momento me considera um monstro. E em outro, um homem.

A voz máscula soou repleta de emoção, e Emma ansiou por correr ao encontro dele e atirar-se em seus braços.

— E em seguida, um monstro outra vez. — Anthony se voltou, fitando-a com intensidade. — Dividiu comigo a beleza de sua paixão e agora se retrai a meu toque.

Um som de negação lhe escapou da garganta e Emma mordiscou o lábio inferior, tentando segurar as palavras de afeição nascidas de perigosas emoções. Os olhos verdes se estreitaram, enquanto a observavam e depois pousaram na pilha de livros que lhe comprara. Emma os seguiu.

— Vejo que encontrou meu presente.

— Sim, obrigada. Eu... eles... o presente significa muito para mim. — *Assim como você*, pensou Emma, angustiada.

— Então está acabado? — declarou Anthony em tom áspero. — Antes mesmo de começar?

Ela o ferira. Sentiu o coração se partir ante tal conclusão. Uma única lágrima lhe escorreu do canto do olho, descendo pela face delicada. Anthony hesitou, como se esperasse pelas palavras que ela não conseguia dizer. As perguntas que temia fazer.

— Acho que devo deixá-la com sua solidão — anunciou, antes de se encaminhar à porta.

As palavras a cortaram por dentro. *Solidão*, pensou Emma. Quando ansiava pelo oposto. Chegara a Manorbrier cheia de otimismo e esperança. Mais que isso,

sonhando em encontrar um lar. A última coisa que esperara encontrar fora solidão.

Emma fechou os olhos, tomada de desespero. Iria Anthony expulsá-la por confrontá-lo?

— Espere! — gritou. — Disse que desejava me falar, mas não disse nada.

Ele estacou e quando falou a voz soou áspera.

— Pergunte-me e responderei.

Uma infinidade de perguntas assomou à mente de Emma. Inspirando profundamente, escolheu uma.

— Vai me mandar embora?

— Não. — A negativa escapou de modo abrupto dos lábios de Anthony. — Dei-lhe minha palavra.

— Lembro-me disso — sussurrou ela. — Assim como tudo em relação àquela noite.

Em três passadas ele cobriu a distância que os separava e a fitou com olhar intenso. Emma inclinou a cabeça para trás para encarar os lindos olhos verdes repletos de promessas e perigos. Podia sentir a fragrância máscula sedutora e o calor que o corpo viril irradiava. Ansiava por deslizar os dedos pela nuca larga e o puxar para si.

Com um gemido, Emma virou-se de costas, quase correndo, até colocar a solidez da cama entre eles. A proximidade daquele homem a mesmerizava. Tinha a esperança de que com a distância seus pensamentos clareassem.

— Por quê? — indagou ele e Emma percebeu a dor na única palavra.

O que ele queria saber? Por que se afastara dele? Por que o impedira de cometer um ato terrível naquela noite?

— Por que desperta em mim a necessidade de sentir? De confiar? Por quê, Emma? — a pergunta sussurrada roçou-lhe a alma, deixando-a vulnerável.

Ela pressionou os lábios, incapaz de manter o controle. As palavras de Anthony lhe partiram o coração. Magoara-o de uma forma que nunca pretendia. Aquele homem se importava com ela e tudo que fizera fora lhe virar as costas. Mas tinha suas razões...

— Emma... — Tomando-lhe as mãos nas dele, Anthony a puxou para perto. — Há coisas que quero lhe falar.

— Eu... — Ela tentou se desvencilhar, mas a proximidade a mantinha cativa no fogo que emanava do corpo masculino, liquefazendo seus pensamentos.

Ele levou os dedos aos lábios de Emma, impedindo-a de falar.

— Escute — sussurrou, substituindo os dedos pelos lábios num roçar cálido e fazendo-a ansiar por puxá-lo para si e se recostar à rigidez do corpo viril. Mas no mesmo instante ele quebrou o contato, sorrindo pesaroso. — Muitas vezes, nos últimos anos, ordenei-me a curar minhas próprias feridas, mas não o fiz. Ao contrário, permiti que se agravassem cada vez mais, encerrando-me em minha torre. Até que você chegou e começou a derrubar a parede que ergui em torno de mim mesmo, tijolo por tijolo, com sua natureza aberta e coração bondoso.

Com um toque gentil, Anthony afastou uma mecha de cabelos da face de Emma, colocando-a atrás da orelha. O toque cálido acendeu a chama da esperança que se desfraldava no peito dela como um sopro de primavera.

— Aquela noite, quando se inclinou sobre Nick, o que estava fazendo? — Emma deu vazão à pergunta que mantinha presa por tanto tempo.

— Ah, imaginei que indagasse isso. — Ele a fitou com intensidade. — Pensou que eu fosse capaz de causar algum mal a meu filho? Estava tentando protegê-lo. Há um surto de varíola em Derrymore.

Emma o fitou, confusa.

— E isso tem alguma relação com a faca e com o fato de quase ter me matado de susto?

— Defendeu Nick como uma leoa faz com sua prole. Pensando bem, devo admitir que compreendo sua preocupação.

— Então explique-me a correlação entre facas e varíola — pediu Emma, estudando-o por um longo instante. Por alguma razão, pensou nos panfletos que encontrara no escritório de Anthony sobre a erradicação da praga. — Deve ter uma explicação...

— Tenho. Vinte anos atrás, um homem chamado Edward Jenner descobriu que as mulheres que ordenhavam vacas não contraíam varíola. Esse homem concluiu que a exposição daquelas mulheres à varíola bovina lhes rendeu imunidade à doença. Foi então que começou a fazer experimentos, nos quais propôs a inoculação individualizada com o líquido de uma pústula infectada de varíola bovina. Esse processo foi denominado "vacinação". É exatamente o que eu pretendia fazer com Nick naquela noite. O método de Jenner consistia na utilização de penas para raspar o material da pústula de varíola bovina na pele e dessa forma conferir proteção. A faca era apenas para abrir a caixa de penas. — Ante a exclamação abafada de Emma, ele deu de ombros. — Esperava fazer isso durante o sono de Nick e que, pela manhã, ele acordasse a salvo do contágio.

— E por que escolheu não se explicar no momento? — Se Anthony tivesse lhe dado aquela simples explicação antes, grande parte do tormento que a afligira nos dias que se seguiram seria abrandada.

— Por que meu ego queria que viesse a mim e me questionasse.

— Oh!

Anthony ergueu uma das mãos.

— Ridículo, eu sei.

Emma o fitou com a mente em turbilhão. Varíola bovina. De repente, ela se ergueu com os olhos dilatados pela descoberta repentina.

— A vaca da fazenda de Hicks! Eu aprendi a ordenhar lá! — gritou, esquecendo toda a dor e raiva. Deus do céu! Anthony lhe dera o presente da compreensão. — Todos estes anos imaginei por que todas as pessoas daquela casa foram dizimadas pela terrível praga. Três crianças e seus pais. O mordomo, a criada, até mesmo um limpador de chaminés que estava trabalhando lá. Minha mãe! — Suspirou profundamente. — E eu não fui contaminada. A culpa que sentia por ter sobrevivido era terrível. E tudo porque estava aprendendo a ordenhar vacas.

— Serei eternamente grato àquela vaca — murmurou ele, com voz rouca, enquanto se aproximava de Emma.

— Oh, não! Eu o impedi de proteger Nick! Temos...

— Fiz isso ontem à noite — interrompeu-a Anthony. — Ele dormiu durante todo o processo.

— Por isso espera que Nick tenha febre. Ele está com varíola bovina.

— Uma forma benigna da doença que lhe causará apenas um desconforto temporário e não lhe deixará seqüelas, e o livrará do perigo de contrair a varíola.

Emma cerrou os punhos, incerta do lugar que ocupava na estima de Anthony. Estaria ele zangado com ela? Ou desapontado? A única intenção que tivera fora proteger o filho. Deveria ter confiado, acreditado... e então, a realidade a atingiu como uma adaga. Ela acreditara... em seu coração.

Sob uma nova perspectiva, analisou a insegurança que a assolara durante toda a vida. O pai a desprezara antes mesmo de ela nascer. Contara com o amor materno, mas sempre fora motivo de escárnio de terceiros pelo fato de ser filha ilegítima. Em cada casa onde a mãe ia trabalhar tinha de suportar o falatório dos empregados, e a história se repetiu até que ficou órfã e sob o jugo das tias, que a quiseram entregar a um arrematador. Um homem horrível que a queria transformar em amante contra sua vontade. Não era de admirar que não fosse familiarizada com a confiança.

Mas conhecia o desejo e o calor que a arrastavam como um ímã para Anthony Craven. Tão avassalador, que seria capaz de vender a própria alma para provar o sabor daqueles lábios carnudos e a rigidez do corpo escultural contra o seu.

Entreabriu os lábios e ergueu o olhar para encontrar o dele, tentando decifrar os segredos do coração daquele homem.

— Desculpe-me — sussurrou Emma, com sinceridade. Sentia-se arrependida pela falta de confiança. Por fazê-lo quebrar suas defesas e em seguida desapontá-lo. Pelo fato de não bastar que Anthony se importasse com ela. Desejava que ele a amasse como amara Delia. Não, mais que isso. De maneira diferente. Mais forte e profundamente.

— O erro foi meu — replicou ele. — Deveria ter explicado minhas ações de imediato.

— Sim, deveria.

Parecendo ter sido pego de surpresa pela resposta de Emma, ele piscou várias vezes.

— Queria que confiasse em mim — declarou por fim.

O coração de Emma se contraiu no peito. Confiança. Algo nos olhos verdes a fazia crer que a palavra encerrava um significado que ainda não podia compreender.

— Não estou acostumado a justificar minhas ações.

Ela o fitou, sensibilizada pelo fato de Anthony ter se preocupado em lhe dar uma explicação e perdoar-lhe a transgressão.

— Emma.

O som do próprio nome nos lábios de Anthony, cálido e cheio de promessas, fez sua feminilidade pulsar de desejo. Ele se aproximou, quase a tocando. A sombra da cama próxima a ambos.

Emma o fitou, mergulhando nas profundezas dos olhos verdes.

— Eu te amo — sussurrou ela, para em seguida congelar, paralisada pela magnitude da própria confissão.

Os olhos de Anthony se dilataram e uma pequena ruga se formou em sua testa. Sem mais delongas, Emma se atirou nos braços fortes com um gemido suave, jogando ambos na cama, em um emaranhado de pernas e braços.

Os lábios carnudos tomaram os dela, fazendo-a sentir a textura inebriante da língua do amante explorando-lhe a boca. Oh, que alívio glorioso saborear aquele beijo!

Com movimentos rápidos, Anthony segurou-lhe o tecido da saia, deslizando-o pelas coxas macias. O toque ousado a levando ao limite da insanidade. A língua ávida de Emma deslizava pelos lábios carnudos, arrancando um som indefinido da garganta de Anthony, algo entre um riso e um gemido.

Com os dedos se movendo ao sabor da paixão, ela lhe desabotoou a camisa e tirou a calça, pressionando os lábios contra a calidez da pele do peito musculoso. Extasiada, explorou o corpo viril com a língua, os dentes e os lábios, beijando o abdômen definido e mais abaixo até que a boca ávida se fechasse em torno da masculinidade excitada, sugando-a com avidez e arrancando um gemido dos lábios carnudos.

A sensação era indescritível. Subjugava-o com a carícia ousada até mantê-lo como um escravo esparramado em êxtase total, o corpo escultural parcialmente exposto. Emma descobriu-se inebriada com aquela sensação e deslizou a língua pela extensão da ereção colossal antes de sugá-la, aprofundando a boca com movimentos de vaivém.

— Emma! — A súplica se originou na garganta de Anthony, enquanto ela o sugava com avidez, alternando a força da sucção com a suavidade do deslizar da língua. — Onde aprendeu a fazer isso?

Emma recuou, circulando a grossa rigidez com a língua e o fitando nos olhos.

— Gostei quando fez isso comigo. Pensei que talvez também o agradasse. — E Anthony estava gostando. Disso ela tinha certeza.

Rolando na cama e trazendo-a consigo, ele a deitou de costas e a despiu antes de lhe tomar os lábios num beijo úmido e profundo. Uma das mãos enterradas nos cabelos longos, os lábios pressionados contra os dela num beijo ousado e sensual e o peito musculoso desnudo lhe roçando os seios. Anthony inclinou a cabeça, sugando-lhe um mamilo róseo, enquanto massageava o outro entre os dedos polegar e indicador. Emma gemeu, perdida na maciez úmida e quente da boca masculina contra a pele sensível.

— Agora — sussurrou ela. — Agora...

Antes que acabasse de pronunciar as palavras ele a estava penetrando, firme e preciso, o corpo feminino se fechando em torno dele e os dedos finos pressionando-lhe as nádegas musculosas. Emma o desejava tão desesperadamente que se sentia queimar por dentro. Emitindo um gemido rouco e gutural, ela arqueou o corpo, dobrando os joelhos e apoiando os calcanhares nos lençóis, numa tentativa desesperada de uni-los a um tal ponto que formassem um único ser.

Anthony penetrou-a ainda mais fundo. Cada investida a aproximando da insanidade. Com movimentos ritmados, deslizava para dentro e para fora até que um grito lancinante re-verberou pelas paredes do quarto.

— Oh, por favor... — suplicou Emma, envolvendo o corpo másculo com as pernas e ofegando, enquanto ele se movia cada vez mais rápido e forte, até que os músculos do corpo viril tensionaram antes de derramar seu prazer dentro dela.

E naquele instante, Emma concluiu que afinal encontrara a si mesma e a um lar.

Próximo à meia-noite, Emma se aconchegou ao corpo viril, aquecida pela manta suave da própria felicidade.

— Temos de conversar sobre...

Oh, sua língua que não cabia na boca a havia traído e por certo Anthony queria tocar no assunto. Por que deixara escapar que o amava?

Uma batida frenética à porta postergou a conversação. Envolvendo o corpo desnudo na coberta grossa, Emma se apressou em atender.

Agradecendo a interrupção, escancarou a porta para encontrar a sra. Bolifer parada no corredor escuro, com os cabelos caindo revoltos sobre os ombros e o rosto pálido.

— Chegou a hora de Meg, e ela não está nada bem. O bebê está sentado. Temo por sua vida. Alice, a irmã de Meg, veio me procurar. — O olhar da criada se voltou para a penumbra do interior do quarto. A criada não demonstrava surpresa ou censura ao deparar com o patrão na cama da preceptora. — O senhor deve vir.

Voltando-se, Emma encontrou-o sentado na beirada da cama com o lençol cobrindo-lhe apenas a intimidade. Ele passou as mãos pelos cabelos, meneando a cabeça.

— Não posso oferecer ajuda a Meg.

O coração de Emma se contraiu ao ouvir aquelas palavras.

— O senhor tem de vir — insistiu a criada.

— Irei, mas não a tocarei. Sabe que não posso — retrucou, deixando escapar um profundo suspiro. — Sua presença será de mais valor para aquela menina do que a minha.

A empregada o encarou com expressão fria e anuiu antes de se retirar, apressada.

— Pode oferecer ajuda a Meg — sussurrou Emma. — É um médico. Um curador.

— Não mais, minha Emma. Sou um pesquisador. Um cientista.

— Pode salvá-la — argumentou ela, elevando o tom de voz. — Ao menos tentar!

— Tentar e fracassar? — Anthony meneou a cabeça. — Nunca mais. — Dizendo isso, recolheu as roupas e se aproximou de Emma, acariciando-lhe a face. — Não posso. Fique aqui, para o caso de Nick acordar. Não há nada que possa fazer por Meg.

Deixando-se afundar no estofado macio do sofá próximo à janela, Emma fitava a porta aberta, algum tempo depois de Anthony partir, assolada por uma tristeza indescritível. Angariara a afeição de Anthony. Talvez até um ínfimo pedaço de seu coração, mas não conseguira lhe curar as feridas da alma.

Apenas ele seria capaz de fazê-lo e até que aquilo acontecesse que esperança havia para ela?

O som da carruagem anunciou a partida de Anthony. Podia apenas esperar que o estado de Meg o inspirasse a agir.

Franziu o cenho, friccionando as mãos nos braços. Apesar de ter se vestido, o frio parecia emanar de dentro dela. Trêmula, atravessou o quarto e se dirigiu ao de Nicholas, encaminhando-se à cama do menino e então congelou ao perceber que ele não se encontrava lá.

— Nick! — chamou, correndo para verificar o corredor que se encontrava vazio.

Tomada de preocupação, voltou ao próprio quarto, imaginando se o menino não teria acordado e se dirigido à sua cama, mas o aposento se encontrava tão vazio quanto o outro.

Alguma coisa estava errada.

Com a mente em turbilhão, Emma dirigiu-se à pequena mesa, com a intenção de acender a vela que lá se encontrava, quando um movimento do lado de fora da janela lhe atraiu a atenção. Duas silhuetas emergiram das sombras. Uma criança e um homem, trajando calça clara. Juntos, caminhavam apressados em direção ao portão externo.

Emma sentiu um frio lancinante no estômago. Num gesto impensado, correu para a porta e desceu correndo a escada, saindo para a escuridão da noite.

— Nick! — gritou ela, tropeçando sobre um montículo de pedras. Uma carruagem se encontrava parada do outro lado do muro que guardava Manorbrier,

e Emma viu, horrorizada, o homem abrir a porta do veículo e colocar Nicholas no interior.

— Pare! — berrou ela. Oh, Deus! Aquilo só podia ser um pesadelo. — Nick!

Porém, a realidade era inexorável. A cabeça do homem se ergueu ao som dos gritos. *O dr. Smythe*, pensou ela. Estava seqüestrando a criança no meio da noite.

Parando em frente à carruagem, Emma fechou os dedos sobre a maçaneta, forçando a porta.

— Suba no banco e sente-se a meu lado. — Uma voz lhe sussurrou na orelha. — Temos de sair daqui. Há perigo neste lugar.

— Cookie! — exclamou Emma, virando-se. — Oh, graças a Deus! Pensei... — Meneou a cabeça com vigor. — Não importa. O que está fazendo aqui a esta hora?

— Apresse-se e suba — ordenou a cozinheira em tom urgente. — Temos de escapar o quanto antes.

— Por quê? Qual é o problema? — Emma recordou a noite em que foi até a galeria dos quadros e a certeza que tivera de que algum estranho invadira a casa. Teria acontecido outra vez? — Vai levar Nick ao encontro do pai?

— Sim. Toda criança precisa estar com seu pai verdadeiro. — A voz de Cookie soava áspera e urgente. — Rápido!

Franzindo o cenho, Emma obedeceu, sentindo a carruagem oscilar quando a cozinheira se acomodou a seu lado, antes de tomar as rédeas dos animais e colocar o veículo em movimento.

Segurando-se com força à madeira grosseira do assento do veículo, Emma lançou um olhar a Manorbrier, que se distanciava rapidamente.

Alguma coisa estava muito errada.

Voltando o olhar à estrada iluminada apenas pelo brilho difuso da lua, tentou acalmar as batidas descompassadas do próprio coração. Observou Cookie. A cozinheira trajava calça bufante e botas pretas polidas. A fragrância de limão mesclada ao rábano silvestre invadiu-lhe as narinas.

Oh, Deus! Deslizando no banco, Emma tentou se afastar, mas não havia para onde ir. Se estivesse sozinha, se atiraria do veículo em movimento, mas Nicholas se encontrava encarcerado dentro da carruagem. Lutou desesperadamente contra o pânico que começava a tomar proporções monstruosas em seu íntimo. Engolindo em seco, elevou a voz para sobressair ao barulho produzido pelo trote frenético dos cavalos.

— Eu... devia estar com Nick. Não quero que ele fique assustado.

A cozinheira não lhe voltou resposta. Fitava, impassível, a estrada, incitando os animais a aumentar a velocidade a um nível perigoso. Porém, quando tentou alertar Cookie, ela a ignorou.

Emma lutou contra a vontade de segurar os braços da cozinheira, temendo que ela perdesse o controle das rédeas. Como se seus pensamentos se tornassem realidade, o veículo adernou perigosamente ao fazer uma curva.

— Srta. Emma! — Os gritos assustados de Nicholas eram abafados pelas paredes de carruagem e o tropel dos cavalos, mas uma espécie de instinto materno lhe permitia ouvir a voz infantil, aterrorizada.

— Por favor! — gritou, frenética.

Talvez o desespero que demonstrava ou os gritos do menino tivessem sensibilizado a mulher, que, por fim, diminuiu a velocidade.

— O que está fazendo? — indagou Emma. — Para onde está nos levando?

— Uma criança deve ficar com seu verdadeiro pai. Não percebe? O verdadeiro. — Um soluço abafado escapou dos lábios da cozinheira. — Meu filho foi afastado de mim. Isso não é certo. Tampouco natural.

— Cookie, por favor! Leve-nos de volta a Manorbrier — implorou Emma, avaliando se poderia tomar as rédeas que a cozinheira mantinha firmemente atadas às mãos. E o que faria? Nunca dirigira uma carruagem na vida. Podia matar a todos.

— Não para a casa dele — retrucou Cookie, lançando-lhe um olhar sombrio. — Leu o diário. Sabe muito bem. Manorbrier não é a casa de Nick.

O diário de Delia. Então fora ela que o roubara. De repente o quebra-cabeça se encaixou na mente de Emma. A calça e as botas que divisara do lado de fora do depósito de gelo. O linimento com aroma de limão que a assombrara. Lembrou-se de que a sra. Bolifer lhe dissera que Cookie preparava o unguento. Era ela que vagava pela casa no dia em que o quadro da prima fora danificado. Era a cozinheira quem fizera tudo aquilo!

— Conte-me sobre o diário. Nunca li o final — pediu Emma com urgência, desesperada por desviar a atenção de Cookie e fazê-la diminuir a velocidade do veículo.

— Lorde Craven não é o pai de Nick. Emma ofegou, tomada pelo choque.

— Como assim?

Mas antes que a cozinheira falasse, sabia a resposta. As palavras do diário passaram como um filme em sua mente. *É chegada a hora de encarar a realidade. Estou grávida. Depois das escolhas que fiz, não pensava que isso fosse possível. Ele ficou tão aborrecido quando lhe contei. Oh, nada é o que parece ser.*

A prima engravidara de outro homem. Teria Anthony conhecimento do fato?

Sim. Oh, Deus! Sim. Aquele era o motivo de seu amor ter se transformado em ódio e da raiva que nutrira pela ex-esposa. E ainda assim, amava aquela criança como se fosse seu filho. Amava incondicionalmente.

— Oh, Anthony — sussurrou Emma.

Cookie instigou os animais, fazendo-os imprimir o ritmo veloz de antes. Emma pensou que a carroça fosse virar. Pressionando as costas contra o assento, pensou ouvir os soluços de Nicholas no interior do veículo.

— Podemos morrer. Você, eu e a criança. Aqui não temos segurança. Por favor, Cookie leve-nos de volta a Manorbrier. — Emma elevou a voz para que a cozinheira a pudesse ouvir, tentando ocultar o pânico que se refletia nela. A carruagem balouçou e oscilou, mas o ritmo veloz não diminuiu.

— E se isso acontecer ele vai sofrer ainda mais ante ao corpo dilacerado do menino. — As palavras da criada tinham uma tonalidade demoníaca. — Ele me separou de meu filho. Suturou meus pulsos abertos e me afastou do meu menino. Todo esse tempo, pensei que Nick era filho legítimo, mas ele mentiu...

Louca, pensou Emma. Pobre Cookie, desvairada pela morte do próprio filho.

— Bem, mas podemos consertar isso. — A risada da cozinheira soou fantasmagórica e o odor de limão se intensificou, envolvendo Emma, que deslizou ainda mais para a beirada do acento. Com força inesperada, a cozinheira a puxou para perto, mantendo as rédeas em apenas uma das mãos. E de repente, puxou-as, obrigando os animais a estacarem com um solavanco. O veículo oscilou, fazendo Emma se agarrar ao banco.

Cookie se voltou para fitá-la e em seus olhos ela viu refletida a insanidade e o ódio que a mulher alimentava havia anos.

— O que acha que aconteceu com Delia? — A cozinheira inclinou-se para a frente, aproximando a face pálida até que Emma lhe pudesse sentir o hálito quente.

Emma se afastou, silente, observando o rosto distorcido da outra e o cenário ao redor, enquanto formulava um plano para escapar.

— Não sei.

— Não, querida?

— Oh, por favor! Nick! Deixe-me ir para perto dele. Eu lhe suplico.

Cookie soltou uma gargalhada. Um som áspero e assustador.

— Delia contou-me o que faria. Não queria estragar a bela silhueta e então interrompeu a gravidez...

— O quê!? — gritou Emma.

— Não a segunda. A primeira. Ficou grávida na noite de núpcias e não desejava ter um bebê. E então ela o matou. E eu a matei, jogando-a do topo de uma escada alta. Era o único modo. Porém, demorou muito tempo para falecer. O ventre convulsionando, enquanto lutava para expelir a criança. Uma delas sobreviveu e a outra nasceu morta. — O tom de Cookie se elevou, enquanto voltava a Emma um olhar frio. — Justiça divina. Um ficaria com o pai o outro iria com a mãe. As crianças têm de ficar com os pais, não percebe?

Oh, Deus! Aquilo era terrível demais para ser verdade. Emma engoliu o travo amaro do terror que crescia dentro dela. Deslizou o olhar pelos arredores, na esperança de algum socorro. Não. Ninguém sabia que haviam saído do castelo. Teria de contar apenas com a própria ingenuidade para salvar a si mesma e a Nicholas.

A mão da cozinheira ainda se encontrava fechada no tecido da saia de Emma. Ela a mantinha segura como a lhe perceber a intenção de pular e resgatar a criança.

— Por favor — sussurrou Emma, tentando se desvencilhar. O choro já enfraquecido do menino lhe cortava o coração.

— Não tema — murmurou Cookie. — Não quero feri-los — garantiu, acariciando a face de Emma, que no mesmo instante recuou, cerrando os punhos e desferindo um golpe no rosto e em seguida no ombro da criada. Por fim, estava livre!

Com um grito, tentou saltar do banco, mas Cookie puxou-a pelos cabelos e instigou os animais a se movimentarem, aumentando a velocidade até que superasse toda a cautela.

A atenção de Emma se dividia entre a periculosidade da viagem e o temor por Nicholas. Tudo que sabia era que aquela mulher era louca, perigosa e culpava Anthony por toda a sua dor e perda. A carruagem oscilou perigosamente e Emma ouviu um baque surdo quando a roda da direita se desprende do chão e voltou a bater com força no solo.

Podia ouvir Nicholas batendo na porta da carruagem e gritando seu nome. Inspirou profundamente, imaginando por que sentia o odor de fumaça.

Lançou um olhar à cozinheira e com força renovada se atirou a ela, lutando pela posse das rédeas.

— Nick! — gritou Emma, forçando o ar para fora dos pulmões. — Pule quando a carruagem diminuir de velocidade! Pule, Nick! E corra!

Empregando toda a força que possuía, puxou as redás, tentando desacelerar o ritmo dos animais. Sentiu o veículo mais lento e de soslaio, divisou um vulto pular e imergir na escuridão.

E então Cookie estava sobre ela. As mãos pressionadas contra sua face. Caindo de costas, forçou um olhar à estrada para se certificar de que Nicholas escapara. A porta escancarada abria e fechava repetidas vezes com o oscilar do veículo.

— Corra, Nick! — gritou, desesperada. — Corra!

Emma lutou quando a cozinheira lhe tomou as rédeas das mãos. A carruagem oscilava, frenética de um lado para outro, fazendo-a deslizar e bater a cabeça na beirada lateral do acento. A dor aguda a fez ofegar, enquanto lutava para se erguer. Tarde demais, pensou, enquanto sentia tudo rodar a seu redor e o odor de fumaça se tornava cada vez mais forte.

Era como se tivesse flutuando na escuridão. O estrondo de uma colisão cortou o ar e um grito interminável se fez ouvir. Sentiu-se desabar no solo antes de a escuridão a engolfar.

CAPÍTULO XI

A luz lhe feria os olhos. Emma descerrou as pálpebras e tornou a fechá-las, instigada pela dor. Lentamente, tornou a abrir os olhos, franzindo a testa. Era noite. Suprimindo um gemido, virou a cabeça. Estranho. Era noite, mas a luz era intensa.

— Nick — sussurrou.

— Srta. Emma.

Sentiu o toque suave da criança em sua fronte e as lágrimas lhe rolaram pela face.

— Oh, graças a Deus!

Forçando-se a sentar, ignorou a dor terrível que lhe fustigava a cabeça e sentou o menino em seu colo. Enterrou a face nos cabelos macios da criança, inalando-lhes o perfume.

— Está machucado? — indagou, com a voz estrangulada. Nicholas se moveu, erguendo a perna para exhibir o rasgo na calça de veludo marrom.

— Tenho um arranhão — respondeu ele, soando desamparado.

Quase chorando de alívio, Emma o apertou ainda mais contra o peito.

— Você é um menino corajoso.

E então, a enormidade daquela situação a atingiu, inexorável. Um onda de terror a invadiu, fazendo-a erguer o olhar e escrutinar as adjacências à procura de Cookie. A uma pequena distância, jaziam os destroços da carruagem com chamas ardendo em volta, mas nenhum sinal dela.

Oh, então aquela era a fonte da luz, pensou Emma, franzindo o cenho, enquanto imaginava a origem do fogo. Nicholas emitiu um som de protesto e ela o apertou ainda mais.

— Srta. Emma... acho que fui eu que acendi aquele fogo.

— Você? — indagou ela, fitando-o nos olhos.

— E meu soldado — declarou ele, erguendo a mão para mostrar o pequeno brinquedo. — Ele não gosta do escuro. — Fez uma pausa antes de continuar. — Papai não gosta que eu brinque com fósforos. Mas eu tenho uma caixa deles no bolso do meu casaco que Cookie me fez vestir para que eu ficasse aquecido. E um casaco velho. Esqueci que o fósforo estava lá, mas quando coloquei minha mão no bolso, o encontrei. Como estava muito assustado, pensei que se o acendesse haveria luz, mas deixei cair o primeiro e começou a pegar fogo. — O menino começou a soluçar. — Foi sem querer!

Emma o puxou para si outra vez, olhando ao redor. Não acreditava que estivessem seguros ali.

— Oh, Nick. Nada disso é culpa sua. Por certo estava com medo...

— Não eu. Teodore — defendeu-se ele.

— Sim. Teodore — concordou Emma, beijando-lhe o topo da cabeça. — Você é mesmo um menino muito corajoso. Salvou a si mesmo e ajudou a me salvar.

Os olhos do menino se dilataram.

— Verdade? — sussurrou.

— Sim. Mas agora temos de sair daqui e encontrar o caminho de volta para casa.

— Mas, e Cookie? — indagou ele. *Sim. E Cookie?*, pensou ela.

Ajudando Nicholas a se erguer, lutou para se pôr de pé, apoiando as mãos no solo áspero. Deviam estar longe de casa.

De repente, o som crescente de um veículo se aproximando fez-lhe a cabeça latejar. Parecia que tudo a seu redor estava rodando. Emma puxou o menino para si. Ambos à mercê do desconhecido. Nicholas ergueu a cabeça e paralisou, como um pequeno animal farejando o ar. E então um sorriso luminoso lhe curvou os lábios.

— Papai! — Deixando Emma deitada no chão, correu em direção à fonte do barulho.

Mais uma vez, ela tentou se levantar, mas a terra girava ante seus olhos. Pressionando os dedos contra a fronte, sentiu a umidade pegajosa. *Sangue*, pensou.

E então Anthony estava sobre ela, o fogo remanesceu dos destroços da carruagem lançando sombras pelos ângulos esculturais do rosto másculo.

O rosto belo e amado.

— Anthony.

O nome foi pronunciado com um fio de voz.

Ele lhe segurou o queixo, fazendo-a olhar em sua direção. O toque era cálido e firme. Os olhos verdes refletindo a chama de um sentimento profundo lhe tiraram o fôlego. Lágrimas de alívio rolaram pela face de Emma. Ainda não estavam em segurança, lembrou a si mesma. Ainda existia o espectro de Cookie. A insanidade e o amargor irracional daquela mulher.

— Está sangrando. Tome. Pressione isso contra o corte. — A voz masculina soava calma e fria, fazendo-a volver a face para fitá-lo. A parede de proteção que ele mantinha em torno de si, estava de volta ao lugar.

Desejava tomar-lhe a mão firme e levá-la aos lábios. Em vez disso, obedeceu, pressionando o pedaço de pano contra o ferimento.

— Cookie — conseguiu dizer.

Anthony se ergueu, escrutinando a escuridão. O vento fustigava-lhe a capa, dando a impressão de que ele era um ser alado.

— Onde?

Um grito agudo cortou a noite, fazendo-o erguer-se de imediato, e lançar um olhar em direção às chamas. Em seguida, correu até a carruagem.

Emma lutou para se pôr de pé. Tentando se equilibrar, cambaleou atrás de Anthony. Alcançou-o no instante em que ele tirava o casaco e o jogava ao chão.

Um segundo grito ecoou ainda mais forte.

— Estou presa! Oh, Deus! Meu pé! — A voz de Cookie estava repleta de terror.

Anthony não hesitou. Emma observava com o coração batendo na garganta, enquanto ele se movia em direção à conflagração que ameaçava destruir tudo que tocava.

A cozinheira se encontrava deitada no chão, com grande parte da carruagem em cima de seu corpo. O fogo ardia ao redor, enquanto ela lutava para se libertar.

De repente, a mão pequenina de Nicholas tomou a dela, fazendo Emma desviar a atenção para o menino.

— Papai a salvará? — indagou a criança com a voz trêmula. E por que deveria? A cozinheira havia matado a esposa de

Anthony e seqüestrado Nicholas no meio da noite. Puxou o menino para si, pressionando-o contra a saia.

— Sim, ele a salvará. Seu pai é médico. Um curador — redarguiu ela, certa do que estava dizendo.

Anthony tentaria salvar até mesmo a mulher que lhe causara tantos danos, destruindo sua mulher, sua filha e sua reputação.

Observando as chamas, Emma testemunhou a luta desenfreada de Anthony para libertar Cookie dos destroços do veículo. Cookie gritava e se debatia.

— Deixe-me morrer! — gritava. — Desta vez, deixe-me morrer!

Soltando uma imprecisão, Anthony avaliou os destroços, enquanto as chamas se elevavam cada vez mais. Emma percebeu que a cozinheira estava coberta de sangue e uma profunda ferida aberta em seu abdômen.

Como que possuído, Anthony pegou um pedaço de metal quebrado da roda, lutando contra as chamas, e só então ela percebeu que a mancha escura que circundava o corpo inerte da mulher era uma poça de sangue. Mesmo que Anthony conseguisse libertá-la, ela morreria.

— Talvez Deus tenha lhe dado paz, afinal — sussurrou Emma.

Anthony fez uma última tentativa de libertar o corpo da mulher, sem contudo lograr êxito.

— Fique aqui — aconselhou Emma, apertando de leve o ombro do menino, antes de se dirigir a Anthony.

As chamas ameaçavam lhe queimar as roupas, mas ele parecia obstinado, ignorando o perigo. Com um grito, Emma se atirou contra ele, fazendo com que ambos tombassem ao solo, rolando para longe do fogo.

O corpo viril era sólido e quente contra o dela. Podia sentir o cheiro de cinzas e cabelos queimados.

— Desculpe-me, Emma.

Os braços fortes se fecharam em torno do corpo delgado, apertando-o contra a solidez do peito musculoso. As mãos firmes se enterraram nos cabelos de Emma e em seguida lhe ergueram a face antes de os lábios carnudos a arrebatarem num beijo profundo que tinha o sabor de fumaça e desespero.

Juntos, ergueram-se e caminharam em direção a Nicholas, que se atirou nos braços abertos de ambos. Os três permaneceram por um longo tempo abraçados, iluminados pela luz bruxuleante das chamas.

— Parou de sangrar? — indagou Anthony, inclinando o rosto para trás para fitá-la. O mero som da voz grave e macia era como um bálsamo calmante, depois das horas de horror que passara.

— Sim — sussurrou ela, deslizando a ponta dos dedos ao longo do queixo áspero pela barba que começava a crescer. — Como nos alcançou tão depressa?

— Meg — retrucou ele. — Smythe é o pai do filho dela. Ele lhe contou sobre um encontro com Cookie. Chamou-a de louca desvairada. Através do relato confuso de Meg, consegui juntar as peças de uma parte da história.

— Mas como soube que caminho seguir? A estrada bifurca. Se tivesse tomado o caminho errado... — Não podia se furtar de tocá-lo e a Nicholas, sonolento nos braços do pai, para se certificar de que não estava sonhando. — Oh, Deus! — O pranto iminente lhe fechou a garganta. — Como está Meg agora?

— Neste momento se encontra devastada por um trabalho de parto prematuro.

— Tem de retornar — afirmou Emma, mordiscando o lábio, ansiosa por questioná-lo sobre tudo que Cookie revelara antes de morrer. Sabia, porém, que aquele não era o momento.

— Eu...

Ela levou o dedo polegar aos lábios carnudos, impedindo-lhe qualquer protesto.

— Deve ir. Liberte-se do passado e dos fantasmas que o assombram. Passou-se muito tempo.

Anthony permaneceu em silêncio por tanto tempo que ela julgou não ter conseguido convencê-lo. E então, ele virou-se e encaminhou-se ao coche, depositando o filho adormecido no banco e a auxiliando a subir no veículo. Em seguida, fechou a porta do coche, deixando-a sozinha com a criança em total escuridão.

Emma fechou os olhos inundados de lágrimas. O veículo oscilou quando Anthony se acomodou no banco e em seguida, pôs-se em movimento, cobrindo a distância até Bosherton. Pensou que tivesse cochilado, pois no espaço de um piscar de olhos, pararam em frente a uma pequena cabana. Ele contornou o veículo e escancarou a porta.

Emma volveu o olhar à criança adormecida.

— Deixaremos Nick aqui — sussurrou Anthony. — Griggs tomará conta dele.

Ela anuiu e saltou do veículo no momento em que a sra. Bolifer corria em direção a eles.

— O senhor está de volta, milorde! Esgotei meu estoque de conhecimentos. Meg precisa de sua ajuda. Venha — pediu a criada em tom brusco.

Se Anthony se ressentia pelo tom da empregada, não demonstrou.

— Milorde, acho que Meg não ficará muito tempo neste mundo — declarou ela em tom urgente. — Os lençóis estão ensopados de sangue e a coitadinha não faz outra coisa senão repetir que não quer morrer. — Hesitou por instantes antes de continuar. — Ela chama pelo senhor e diz que não quer morrer.

A face da criada estava pálida e Emma percebeu uma corrente de tensão entre empregada e patrão.

— Não posso, Tabby — disse ele por fim, desviando o olhar para fitar o horizonte. — Sabe que não.

Emma se surpreendeu ao ouvi-lo chamar a sra. Bolifer pelo nome de batismo e, estupefata, viu a criada se aproximar e colocar a mão no braço de Anthony, num gesto muito mais amigo do que serviçal.

— Trouxe seus instrumentos. Coloquei-os em um recipiente com água fervente como sempre me instruiu a fazer. — A voz da sra. Bolifer era firme. — Sei que pode fazer o que deve ser feito. A menina morrerá sem o senhor. Ela não merece ser sacrificada em nome de seus fantasmas.

— Não sou mais um médico ou cirurgião — argumentou ele. — Não lido com a vida, e sim com a morte.

Emma se adiantou, postando-se lado a lado com a criada antes de encará-lo.

— Lida com a morte para salvar vidas! — gritou, desesperada, percebendo que não era apenas a vida de Meg que estava em jogo, mas a alma sofrida de Anthony. — Desconheço seus demônios ou o horror que o assombra, mas sei que arriscou a própria vida para tentar entender doenças terríveis que cultivava em uma torre úmida. Faz isso para prevenir o contágio e salvar vidas.

Anthony permaneceu em silêncio, quase lhe destruindo as esperanças.

— Arriscou-se para salvar Cookie, uma mulher que tentou seqüestrar Nick e que confessou ter matado sua esposa grávida, empurrando-a da escada.

Emma ouviu a sra. Bolifer ofegar, porém era a Anthony que focava toda a sua atenção.

Ele permaneceu tão imóvel que Emma julgou que não estivesse respirando.

— Delia me contou que tinha sido ela a tentar se matar — comentou Anthony. — Durante todo esse tempo... — As palavras lhe morreram na garganta, transformando-se em um gemido — ...eu me culpei. Pensei que preferia morrer a continuar casada comigo. E no fim, ela me implorou... — Anthony meneou a cabeça de maneira vigorosa. — Não pude fazer o que Delia me pediu. Não consegui salvá-la.

Ele parecia devastado pela onda de sofrimento que o assolava. A expressão era glacial; fitando-a com olhar obscuro, parecia impenetrável e inalcançável no silêncio sepulcral que se seguiu.

— Por favor — sussurrou Emma com voz embargada.

— E se ela morrer como Delia? — disparou ele.

Então aquele era o inferno particular de Anthony. A culpa que atribuía a si mesmo. Com a mesma expressão impassível, ele girou as palmas das mãos para si e as fitou antes de cerrar os punhos. Estavam repletas de cinzas pela tentativa de salvar Cookie. Emma lhe acompanhou o olhar. Eram marcas que comprovavam sua sobrevivência depois de enfrentar o fogo infernal. Se Anthony pudesse se ver como ela o via... Não um monstro, mas um herói, apesar de seus defeitos humanos. — E se eu a matar? E se não conseguir salvar nenhum dos dois?

— Por certo ambos morrerão sem a sua intervenção — contra-argumentou Emma. — Você lhe dá esperança.

Anthony inspirou profundamente.

— Tanta fé em mim! — Não havia sarcasmo na voz dele, apenas uma ponta de perplexidade.

— Sim — concordou ela. Tanta fé. Uma confiança inabalável. Ele volveu o olhar em direção à casa e a expressão do rosto másculo de pronto endureceu.

— Sua fé é mal-empregada, Emma. Não pude salvar Delia, e quando ela suplicou para que eu tirasse a criança de seu ventre, recusei-me a fazê-lo, covarde que fui. Não concebia matá-la em prol da vida da criança. Abrir-lhe o ventre era condená-la à morte tanto quanto se lhe cortasse a garganta. Mulher alguma sobreviveria a tal cirurgia. E assim deixei-os morrer. Delia e o bebê. Minha culpa. Sinto as mãos manchadas de sangue.

Emma sentia como se o coração lhe tivesse sido arrancado do peito. Agora sabia que Anthony se culpava pela morte da esposa e da irmã de Nicholas, embora duvidasse de que qualquer outro cirurgião tivesse agido de maneira diversa.

— Não! — gritou ela com tal veemência que o som ricocheteou pelo silêncio da noite. — Não matou ninguém. Tampouco deixou alguém morrer. Não é escolha sua quem vai viver ou morrer. — As palavras lhe escapavam em uma torrente, deixando-a ofegante. — Pense em Nick. Você o salvou. Pense no amor que lhe dedica. Negará essa oportunidade a Meg? Ou a um ser inocente a chance de viver? Pode usar seu conhecimentos para curar, deixando para trás a dor e a culpa.

A raiva dilatou os olhos verdes. A expressão do rosto másculo refletia uma ira gelada que parecia ter o poder de congelá-la com um único olhar.

Porém, tão rápido quanto surgiu, a raiva pareceu evanescer, e com o coração batendo na garganta, Emma o viu tomar uma nova decisão. A voz soou suave como se Anthony estivesse falando apenas para ela.

— Farei o que puder — declarou, sem desviar seus olhos dos dela. — Por você. Farei isso por você. Encararei meus demônios e os subjuguarei, porque acredita que posso e me faz pensar o mesmo. E por mim, porque sou o mesmo homem que fui antes de as circunstâncias trágicas empedernirem meu coração.

— Eu acredito em você — sussurrou Emma, confirmando as palavras dele.

Eu te amo, declarou ela em seu íntimo, para que apenas o próprio coração escutasse. Deixaria a confissão para mais tarde. Quando achasse cabível.

Anthony girou nos calcanhares e se dirigiu à casa, distribuindo ordens.

— Precisarei de água para me lavar e um lençol limpo para atar às minhas roupas. Sra. Bolifer, traga meus instrumentos. Coloque um pano limpo em uma bandeja e espalhe-os sobre ela. Vou precisar de panos limpos, água fervida em bacias e um frasco de ácido carbólico. Depressa.

Parou e olhou por sobre o ombro.

— Griggs — chamou. — Leve Nick para casa. Peça a Glynnis para ficar ao lado da cama dele. E então traga o magistrado. Há uma mulher morta na estrada para Tenby. — A voz masculina falhou e Emma percebeu a dor que ele sentia pela perda da criada.

— Sim, milorde — disse Griggs, executando uma curta reverência.

— E veja se consegue encontrar os cavalos. Eles fugiram quando a carruagem virou e temo que tenham se ferido.

— Sim, milorde.

Emma viu Anthony entrar na cabana e voltou-se para encarar a sra. Bolifer.

— Quero ajudar — declarou, resoluta. — Diga-me o que fazer. Não estava certa da resposta que esperava ouvir, mas, para sua surpresa, a criada apenas anuiu.

— Então venha, moça — Ela a guiou pela porta. — Há panos limpos ali. Rasgue-os em tiras. Porém, primeiro lave suas mãos para que não transfira os animálculos de lorde Craven para Meg — ordenou a criada em tom firme, pousando a mão sobre o antebraço de Emma e apertando de leve.

— Meg esteve sozinha durante todo esse tempo? A empregada meneou a cabeça.

— Não. A irmã, Alice, está com ela. Venha — chamou a sra. Bolifer, marchando em direção à porta estreita no extremo oposto ao quarto de hóspedes.

Menos de vinte minutos mais tarde, Emma permanecia imóvel, como testemunha silenciosa da luta entre a vida e a morte, observando Anthony trabalhar. Meg se lamuriava, deitada sobre um ninho de lençóis que fora postado em frente à lareira. As horas se escoavam, exaurindo-lhe as forças. Alice se afastou do posto que ocupava ao lado da irmã, choramingando, os olhos entorpecidos pela dor.

— Tome meu lugar — sussurrou Alice, gesticulando para a mão inerte da irmã, a qual segurara com força por várias horas. — Não posso...

Emma lhe voltou um sorriso confortador. Ela era pouco mais que uma criança.

— Tudo ficará bem — sussurrou, embora aquilo fosse apenas uma esperança vã.

— Vedei o buraco da fechadura, fechei as janelas e as cortinas. Fiz tudo que pude para protegê-la dos espíritos demoníacos.

Soluçando, Alice saiu em disparada, do quarto e Emma ouviu o suave bater da porta atrás dela.

Movendo-se devagar, aproximou-se da parturiente para tomar o lugar de Alice, cobrindo com a sua a mão da moça. Para sua surpresa, Meg a apertou, resgatando-lhe o otimismo.

— Tudo ficará bem — repetiu Emma, dessa vez com renovada convicção. Seu olhar encontrou o de Anthony, que lhe dirigiu um sorriso cansado.

Emma permaneceu ao lado de Meg, secando-lhe o suor da fronte e lhe aliviando o sofrimento. As cortinas fechadas, bloqueavam a luz do alvorecer. O fogo da lareira fora alimentado e embora a temperatura do quarto estivesse elevada, Meg jazia em seu catre provisório, com o corpo agitado por calafrios. Anthony atribuía aquilo à perda de sangue.

Sombras escuras perpassavam os olhos de Anthony, e os lábios carnudos se encontravam contraídos em uma linha tênue de fadiga e frustração. Emma ansiava por lhe acariciar a fronte e abrandar-lhe o sofrimento. Observando-o trabalhar, mantinha a esperança de que a vida de Meg fosse salva. A princípio estivera certa de que ele lhe garantiria a sobrevivência. Mas com o passar das horas, suspeitou que talvez tivesse pedido mais do que qualquer mortal pudesse dar. A despeito dos esforços para virar a criança no ventre da mãe e lhe assegurar a vida, o destino de Meg não estava nas mãos de Anthony. O médico travara uma batalha corajosa, a qual Emma suspeitava que ele por certo perderia.

Um som involuntário lhe escapou dos lábios quando um novo jato de sangue manchou os lençóis que a sra. Bolifer havia colocado entre as coxas de Meg. Os olhos verdes se voltaram imediatamente para Emma, que meneou a cabeça em negativa como a lhe dizer que sabia que ele tentara tudo que estava a seu alcance, desejando que Anthony visse refletido em seus olhos o amor que lhe devotava.

— Que tal a craniotomia? — sugeriu a sra. Bolifer, com o rosto pálido. — Talvez seja a única chance de lhe salvar a vida.

— Não posso, Tabby. Cristo! Tem de haver outro jeito.

— O que é craniotomia? — indagou Emma, quase certa de que não queria ouvir a resposta.

Anthony deixou escapar um som surdo dos lábios e foi a sra. Bolifer a se manifestar num sussurro para que Meg não a ouvisse.

— É um último recurso. Ele pegará aquele instrumento — apontou para a bandeja ao lado de Anthony — e rachará a cabeça do bebê como a casca de um ovo cozido. E aos poucos retirará a criança da mãe. Dessa forma salvará a vida de Meg. Não a da criança.

Emma levou o dorso da mão aos lábios, lutando contra a náusea que ameaçava dominá-la. As palavras da sra. Bolifer pintavam um quadro tão horripilante que ela mal podia acreditar que pudesse ser real.

Anthony lhe sustentou o olhar por um longo instante e em seguida se moveu tão rapidamente que Emma ofegou, surpresa. Inclinou-se sobre o corpo

prostrado de Meg com as costas em direção à face da moça e as pernas abertas com um joelho de cada lado da parturiente e, soltando uma imprecação, pressionou as mãos sobrepostas uma na outra sobre o ventre abaulado. Emma pensou que ele fosse esmagá-la. Todo o peso de Anthony se encontrava apoiado sobre a forma inerte e sem vida.

Emma mordiscou o lábio inferior até sentir o gosto de sangue e cerrou os punhos, cravando as unhas na própria pele.

— Permita que ela viva — sussurrou em uma prece.

Os músculos do antebraço de Anthony ficaram salientes, enquanto ele pressionava o abdômen proeminente como se estivesse sovando uma massa. Os ombros escorregavam para a frente, retesando o tecido da blusa. Emma teve a impressão que ele partiria a moça ao meio.

O médico alterou a posição e aumentou a pressão com os olhos fechados em total concentração.

De repente, os olhos de Meg se dilataram. Os ombros e a cabeça se ergueram e a face se contorceu pelo esforço.

— Empurre, Meg. Agora. Com toda a força que conseguir — incitou-a Anthony, enquanto trabalhava no ventre contraído.

— Emma! — chamou a sra. Bolifer com urgência. — Aqui. Não tenho duas mãos fortes.

De pronto, ela se ajoelhou ao lado da criada, chafurdando em meio à poça de sangue e tecido que lá se encontrava.

— A cabeça. Sim. Desse jeito — dizia a sra. Bolifer, utilizando a única mão que possuía para guiar as ações de Emma. — Agora, vire-a. Mais um vez... Isso!

O bebê deslizou do corpo da mãe. Um milagre adormecido e de face rubra que lembrava um gnomo. Emma soltou uma risada, enquanto embrulhava a criança em um lençol, secando-o de maneira suave.

— Uma menina, Meg. Teve uma filha! — anunciou Emma, quase explodindo de felicidade.

Erguendo o olhar, na intenção de dividir seu contentamento, encontrou a sra. Bolifer e Anthony trocando um olhar de mútua tristeza. O sentimento de euforia a abandonou de imediato, ao baixar os olhos e encontrar outro jato de sangue saindo do corpo de Meg.

— Oh, não! — sussurrou, voltando o olhar a Anthony em uma súplica tácita para que ele negasse a realidade que sua mente se recusava a acreditar.

— Sra. Bolifer — ordenou ele em tom conciso. — Pressione daí. Empregue toda a força que possuir.

A criada obedeceu e Anthony pareceu transferir todo o peso que possuía para os braços e mãos, pressionando o ventre distendido de Meg com força descomunal. Emma pensou que a moça fosse gritar ou mesmo estremecer, dar algum sinal de vida.

E então Alice adentrou, tomando a criança de suas mãos, e Emma, num gesto impensado, moveu-se para a frente, colocando ambas as mãos sobre as do médico e desabando todo o peso sobre elas.

— Puxe, Emma — ordenou ele.

E assim ela o fez, surpreendendo-se com a própria força.

— Parou — anunciou a sra. Bolifer quase em um sussurro. E então repetiu em tom de voz mais alto, antes de irromper em uma gargalhada. — Parou, milorde. Ela não está sangrando mais.

— Está viva? — indagou Emma, em tom urgente.

— Sim — retrucou Anthony, em tom exultante. — Ela está viva!

Lágrimas escorriam pela face de Emma, turvando-lhe a visão, enquanto ela se afastava trôpega, deixando as mãos caírem ao lado do corpo. Anthony saiu da posição em que se encontrava e caminhou em direção a ela, abrindo os braços. Emma se atirou na segurança aconchegante do abraço de Anthony, indiferente ao sangue que ensopava a ambos. Naquele caso era um sinal de vida. Gloriosa vida!

Deslizando o agasalho por sobre os ombros, Emma se encaminhou ao sofá próximo à janela do próprio quarto. Deixou-se desabar sobre o estofado, fitou o céu que parecia pintado em róseo e dourado pelo pincel de um artista. Lindo, pensou ela, enquanto escovava os cabelos recém-lavados.

E então sobressaltou-se com o som atrás de si. Anthony. Podia lhe sentir a presença.

Voltando-se, encontrou-o sentado na beirada da cama, observando-a. Os cabelos negros ainda se encontravam úmidos pelo banho recente e o colarinho da camisa estava aberto exibindo o pescoço largo.

— Estava dormindo. — Anthony quebrou o silêncio em tom suave. — E sorrindo quando entrei aqui há pouco.

— Acho que apaguei. — Sonhara que o estava beijando. — Como está Nick?

— Dormindo. O dia inteiro.

— E Meg?

— Bem. Fraca, mas bastante otimista depois de ter amamentado o bebê. — Ele exibiu um sorriso encantador. — Venha cá, minha Emma.

Ela se ergueu e atravessou o quarto com o coração descompassado. Afundando sobre a colcha, recostou-se ao corpo másculo, enquanto ele deslizava os dedos pelos cachos soltos e macios, e fitou-o nos olhos. Todos os questionamentos e conjecturas lhe assomaram à mente.

— Cookie disse... sobre Nick... ela disse... — começou Emma, insegura.

Como perguntar a um homem se seu filho era realmente seu filho? Todas as inseguranças provindas da história de seu próprio nascimento agitavam-lhe o íntimo, fazendo as palavras morrer em sua garganta.

Anthony não respondeu de imediato. Tomando-lhe a mão nas suas e a trazendo até os lábios, beijou-lhe a palma.

— O que faz um homem ser um pai? — indagou depois de algum tempo. — É necessário apenas derramar o sêmen e se dizer um pai de verdade? Smythe é o pai da filha de Meg. Concebida contra a vontade dela. Isso o torna de fato um pai? Ou meramente um homem que fez o que não tinha o direito de fazer? — Permaneceu em silêncio por algum tempo antes de continuar. — Deveria Nick sofrer pelos erros de seus genitores?

Emma inspirou fundo, chocada com o pronunciamento que confirmava a versão de Cookie.

— Você sabia todo esse tempo.

Anthony sempre soubera que não era o pai da criança e ainda assim lhe dedicara um amor incondicional. Assim como tinha conhecimento da origem dela e...

Não. Não devia pensar daquela forma. Não poderia cultivar a esperança de que aquele homem a amava para depois vê-la destruída.

— Eu soube desde o nascimento. Antes ainda, quando Delia anunciou que estava grávida. — Anthony meneou a cabeça. — Ela engravidou em nossa noite de núpcias. Eu estava feliz e ela não. Sem meu conhecimento, Delia procurou uma mulher em Whitechapel e provocou um aborto. Como a hemorragia não cedeu, ela veio até mim para estancá-la. — O rosto másculo se contraiu pela dor. — Ela matou meu filho. Eu a trouxe para cá e a deixei sozinha. A raiva que sentia apagava qualquer possibilidade de perdão em meu coração. Retornei a Londres e Delia me odiou por isso.

— E você a ela pela traição — sussurrou Emma — Mas algo mudou. Você ama Nick...

— Nick é meu filho para todos os efeitos. Eu de fato o amo. É meu, nascido da mulher que era minha esposa por lei. Deveria tê-lo renegado, arremessado-o aos caprichos do destino por uma escolha que não era dele, mas da ingênua e solitária mãe? Deveria chamá-lo de bastardo?

— Não — redarguiu Emma com urgência. — Eu também o amo. Meu amor não seria maior se o tivesse carregado no ventre por nove meses e o dado à luz. Nick é meu tesouro.

— Sim — concordou Anthony.

— Mas ele se parece com você — argumentou ela, enquanto a mente se agitava no turbilhão dos novos e confusos pensamentos. — Tem os cabelos da cor dos seus.

— Assim como o pai de Delia — explicou Anthony. — E herdou os olhos azuis da mãe.

Emma o fitou por um longo instante.

— Uma vez pensei que todos os homens se pareciam com meu pai. Ele envolveu minha mãe com belas promessas, mas não as cumpriu. Recusou-se a reconhecer a própria filha.

— Assim como Smythe.

A revelação de que o médico da aldeia fora o amante de Delia quase a surpreendeu. Sim, no diário da prima havia uma referência a um L.S. — Leonard Smythe.

Anthony lhe lançou um olhar compreensivo.

— Delia foi procurá-lo. Dizer que estava grávida. Ele perguntou se sua prima permitia que lhe fizesse um aborto. Delia tinha medo dele. De mim. Pobre mulher.

— Era por isso que a odiava. O motivo que transformou seu amor em cinzas.

— Sim.

Emma inspirou, colocando todo o ar que podia para dentro dos pulmões e relembrou as palavras de Anthony na noite em que comentou com ela sobre o sentimento que devotava a Delia, na galeria de quadros. Um amor que virará ódio.

— Ainda a odeia?

Ele entreabriu os lábios e em seguida estacou. E então, os lindos olhos verde-dourados se dilataram.

— Não.

O coração de Emma quase se derreteu ante a negativa.

— Como ela morreu?

Anthony engoliu em seco, expressando claramente a própria amargura.

— Por sete anos acreditei que eu a havia matado em uma noite escura de tempestade, até que agora você me apresentou uma nova versão. Foi Cookie quem a matou. Acho que minha consciência levará algum tempo para se ajustar.

— É por isso que não gosta de chuva?

— Ela me faz lembrar da noite em que Delia morreu. — Ele apoiou a cabeça em ambas as mãos antes de continuar. — Encontrei-a no pé da escada, quebrada e desfalecida. Ela estava quase morrendo e nas horas que se seguiram, Delia jurou que havia se jogado num ímpeto de arrependimento e culpa. E eu acreditei nela. — Erguendo-se, caminhou pelo quarto e voltou. — Nunca teremos certeza. Mas a verdade é que falhei com ela e com a criança.

Emma levantou em um impulso, segurando-o pelos pulsos.

— Isso não é verdade! Você ama Nick. É um pai maravilhoso.

— Ah, não estou me referindo a ele. — O tom de voz masculino estava carregado de amargura e arrependimento. — Delia me implorou para que eu tirasse a criança de dentro dela e lhe desse uma chance de vida. Mas eu não obedeci. Fazê-lo seria acabar com as chances de vida da mãe. Não conheço mulher alguma que tenha sobrevivido a tal procedimento. Uma craniotomia salvaria a vida de Delia. Abrir o ventre da mãe, garantiria a sobrevivência da criança. Covarde que fui, não conseguia manejar a lâmina e nada fiz. A primeira criança, uma menina, nasceu morta. Delia se encheu de tristeza. Suplicou para que eu retirasse a segunda criança. E mais uma vez nada fiz. Só depois de ela dar o último suspiro, foi que lhe cortei o ventre e retirei Nick. Minha inatividade matou a irmã dele. E a morte da criança, somada à minha recusa de retirá-la, contribuíram para a morte de Delia.

— Todos esses anos você se culpou por isso? Você é um médico. Não tem poder sobre o destino. Não decide quem vai viver ou morrer. Tem de esquecer tudo isso — argumentou Emma, fitando-o nos olhos.

Anthony fechou os dedos sobre os dela, levando a mão delicada aos lábios e depositando-lhe um beijo suave.

— Muito sensata, minha Emma. Passei noites em desespero, desejando que minha resposta tivesse sido diferente. Todos esses anos sonho com a morte, e, em meus pesadelos, Nick não sobrevive.

Ela deslizou as mãos em torno do corpo viril, puxando-o para si.

— Você o salvou. Trouxe-o à vida. Não é um covarde — afirmou, recordando o modo como ele se atirara contra as chamas em uma tentativa

desesperada de salvar Cookie e mais tarde, enfrentando os próprios demônios para manter Meg viva.

Anthony lhe tomou os lábios em um beijo quente e doce, repleto de esperança e promessas e juntos, desabaram sobre a maciez da cama.

— Você me completa. Traz luz à minha escuridão :— sussurrou ele.

— Anthony — ofegou ela, o coração liquefeito de amor. E então Emma se abriu para ele, roçando a pele contra a rigidez do corpo masculino.

Afastando o rosto, ele a observou por alguns instantes. Havia um brilho tão forte nos olhos verdes que parecia ter o poder de consumi-la em chamas. Não conseguia decifrar se era paixão ou ternura, embora ambas se mesclassem no olhar intenso. Havia algo mais. O reflexo de seu próprio coração.

— Eu te amo, Anthony — declarou ela. Da primeira vez que confessara seu amor, ele não lhe voltou resposta. A ansiedade lhe congelou o sangue nas veias, mas Emma se forçou a continuar. Um sentimento tão forte que a forçava a querer dividi-lo com ele. — Amo você com toda a força do meu ser.

Um sorriso encantador curvou os lábios carnudos, revelando os dentes alvos.

— Então, Emma Parrish, só me resta casar com você.

As palavras a fizeram ofegar. Anthony queria se casar com ela?

— Sou uma bast...

Os dedos longos voaram até seus lábios, impedindo-a de continuar, mas Emma os afastou.

— Sua madrasta...

— Não tem direito de opinar em minha vida — concluiu Anthony. — Vou me casar com você, minha Emma. — Fez uma pausa antes de acrescentar: — Se você me quiser.

Ela sentiu o sangue disparar pelas veias, bombeando com força o coração que batia desvairado, tão forte e rápido que parecia querer explodir.

— Se eu o quiser? — repetiu Emma, num fio de voz. — É tudo que tem a me dizer? Nada mais?

Anthony sorriu, e o coração de Emma se derreteu.

— Perguntou-me como sabia que caminho tomar na estrada. Qual das bifurcações seguir... — E então o sorriso se apagou, dando lugar à expressão solene. — Minha Emma, segui meu coração e ele me levou direto a você.

Oh, Deus! Teria Anthony de fato dito aquilo... para ela?

— Diga-me — sussurrou Emma. — Quero ouvi-lo pronunciar cada palavra. Juro que nunca as trairei ou a você.

— Eu amo você, Emma Parrish. Case-se comigo. Seja minha esposa. Transforme esta casa em um lar.

Ela exibiu um sorriso radiante. As palavras eram o maior presente que a vida poderia lhe dar.

— Então, Anthony Craven, só me resta casar com você e construir uma vida a seu lado.

Ele inclinou a cabeça, aproximando os lábios dos dela.

— Sim, é isso que deve fazer.

E então a arrebatou num beijo profundo e faminto que a incendiou por dentro.

Naquele instante, um som chamou a atenção de Emma que se moveu, focando a atenção na porta que separava seu quarto do de Nicholas. O menino se encontrava parado lá, esfregando os olhos.

— Posso beijar a srta. Emma também? — perguntou ele, cambaleando em direção à cama antes de estacar e olhar em volta. — Estamos em casa! Que bom!

Com uma gargalhada divertida, Nicholas se atirou na cama.

Anthony manteve um dos braços em torno do corpo de Emma, enquanto abria o outro para receber o filho, fazendo eco à risada do menino.

— Sim, estamos em casa — disse Emma com o coração quase explodindo de felicidade ao encontrar o olhar do amado. — Finalmente encontramos o caminho para o nosso lar.